

Para o Natal

não ha melhor presente ás creanças que os livros que
Monteiro Lobato & Cia. acabam de editar:

"NARIZINHO ARREBITADO", 2. ^a edição do álbum illustrado a cores.	3\$500
"NARIZINHO ARREBITADO", edição escolar.	2\$500
"O MARQUEZ DE RABICÓ", álbum agora lançado, com desenhos coloridos de Voltolino	2\$000
"O SACY", álbum que foi o successo do ultimo Natal	2\$500
"FABULAS DE NARIZINHO", álbum com desenhos em sombra	3 \$000
"FABULAS", edição escolar, muito augmentada, com desenhos em sombra.	2\$500

Pedidos a MONTEIRO LOBATO & C.^{IA}

Rua dos Gusmões, 70 - S. PAULO

ACCEITAM.S.E

desde já pedidos dos seguintes livros, que *Monteiro Lobato & Cia.* têm no prelo:

Cartilha de Alfabetização, Ensino de Francez pelo methodo analytico e Livro de Problemas para o ensino Primário e Médio, pelo prof. Benedicto TOLOSA ; obras ha tanto esperadas do conhecido technico que o governo de S. Paulo commissionou para a diffusão em suas escolas dos modernos methods de ensino;

Saudade, pelo prof. *Thales de Andrade*, livro adoptado officialmente nas escolas de S. Paulo, Paraná e Ceará e que, alem de receber as mais encomiásticas referencias de quantos se interessam no Brasil pelas coisas do ensino, mereceu, em 1919, um premio do governo paulista.

Dirijam-ae a MONTEIRO LOBATO & C.^{IA}

Rua dos Gusmões, 70 — S. PAULO

li
XÊS



Ultimas E-dições da Casa

Monteiro Lobato (Si C.

In-

MONTEIRO LOBATO — <i>Ondp Verde</i> , 2.' edição	4\$000
<i>A menina do narizinho arrebilado</i> , álbum, 2." edição	3\$500
<i>O Marquez de Rabicó</i> , álbum 1.* edição	2\$000
<i>Negrinha</i> , conto», edição popular	1\$500
ALBERTO SEABRA — <i>Higiene e tratamento homeopathico das doenças domesticas</i> , encadernado	8\$000
<i>Phenomenos psychicos</i> , estudo»	3\$000
ALOYSIO DE CASTRO— <i>Palavras de um dia e de outro</i> , allocução»	4\$000
RIBEIRO COUTO — <i>O crime do estudante Baptista</i> , conto»	4\$000
RAOUL POLLILO — <i>A dança do fogo</i> , romance	5\$000
MENOTTI DEL PICCHIA — <i>o Homem e a Morte</i> , romance	4\$000
LEOPOLDO PEREIRA — <i>5. Paulo nos tempos coloniaes</i> , tradu- ção da obra de Saint-Hilaire	4\$000
CHRYSANTHÈME — <i>Crilos femininos</i> , contos	4\$000
MUCIO DA PAIXÃO — <i>Typos, curiosidades, exquisitices dos In- mens celebres</i>	3\$000
SERAPHIM FRANÇA — <i>Cantos da linda terra dos pinheiros</i> . verso»	3\$000
PEDRO SATURNINO — <i>Crupiaras</i> , verso»	3\$000
LEONARDO PINTO — <i>Conjunções</i> , edição escolar	2\$500
' U J VAREJÃO — <i>De que morreu João Feital</i> , romance	4\$000
LIMA BARRETO — <i>Vida e Morte de Conzaga de Sá</i> , do grande escriptor ha pouco fallecido	2\$000

Rua dos Gusmões, 70
CAIXA 2-B - S. PAULO

OPINIÃO DE TRES GRANDES SCIENTISTAS

Prof. E. Bertarelli

Prof. Rúbíão Meira

Prof. Miguel Couto

sobre o valor e a superioridade incontestável do

Guaraná Espumante m

Diz o Prof. C. Bertarelli:

O GUARANA* ESPUMANTE é uma deliciosa bebida sem álcool, sobretudo recommendavel para a conservação da saúde, tanto pela excellencia do seu paladar como pelas propriedades therapeuticas de seus componentes e absoluta pureza dos respectivos ingredientes.

A ausência absoluta de FORMIATOS, de matérias conservadoras e de substancias irritantes, bem como a ausência completa de elementos nocivos ao consumo quotidiano do publico, torna o GUARANA' ESPUMANTE preferido ás bebidas que contém aquellas substancias prejudiciaes.

São Paulo, 1.º de Outubro de 1921.

PROF. E. BERTARELLI

Diz o Prof. Rúbíão Meira:

"Attesto que o GUARANA' ESPUMANTE é bebida de valor altamente therapeutico, agradável ao gosto, sem álcool, e deve ser utilizado por TODOS OS DEBILITADOS NERVOSOS, sem inconvenientes.

São Paulo, 19 de Setembro de 1921.

RUBIAO MEIRA

Diz o Prof. Miguel Couto:

O GUARANA' ESPUMANTE, formula do meu sábio collega dr. Luiz Pereira Barreto, é uma excellente bebida, — doce, isenta de álcool, agradável ao paladar, aperitiva e tônica; aconselhável, pois, por estas qualidades.

MIGUEL COUTO

BYINGTON & CIA.

Engenheiros, Electricistas* Importadores

Sempre temos em stock grande quantidade de material electrico como:

MOTORES

TRANSFORMADORES

FIOS ISOLADOS

ABATJOURS, LUSTRES

BOMBAS ELECTRICAS

SOCKETS SWITCHES

CHAVES A OLEOS

VENTILADORES

PARA RAIOS

FERROS DE ENGOMMAR

LAMPADAS

ISOLADORES

ELECTRICAS 112 WATT

TELEPHONES

Estamos habilitados para a construcção de Instalações Hydro-Eléctricas completas, Bondes Eléctricos, Linhas de Transmissão, Montagem de Turbinas e tudo que se refere a este ramo.

ÚNICOS AGENTES DA FABRICA

Westinghouse Electric & Mftg. C.

Para preços e informações dirijam-se a

BYINGTON & Co.

Téléphoné, 745 -Central --- S. PAULO

LARGO DA MISERICÓRDIA No. 4



REVISTA DO "BRASIL"

Directores: fã JJ Editores:
RONALD DE CARVALHO MONTEIRO LOBATO
MONTEIRO LOBATO N O V T M * R o & COMP. - SÃO PAULO
BRENNO FERRAZ R U A D O S G O S M Ô E S, 70

O MOMENTO

EM matéria de monumentos está S. Paido de parabéns e de pesâmes. Merece aquelles por ver num de seus parques o bellissimo trabalho de Brizzolara, e na estrada de Santos os lindos monumentos-marcos. E merece pesâmes pelo desastre que resultou a homenagem a Olavo Bilac.

Brizzolara revelou mais uma vez o notável escultor que é. Apesar da exiguidade de recursos e das contingências da localização, fez do monumento a Carlos Gomes offerecido á cidade pela colonia italiana, o mais bello que existe hoje entre nós em matéria de esculptura. Carlos Gomes está soberbamente estylizado, numa attitude que bem diz a majestade do génio. Outra não convinha ao nosso musico máximo, o primeiro que symphonizou a grandeza rude de nossas florestas bravias.

Essa figura magnifica, fixada em bronze, repousa em harmonico pedestal de



granito, todo elle um primor de linhas e massas.

Não destoam as figuras accessorias. Lado a lado, dois symbolos de mármore, a Musica e a Poesia, suavizam a força da majestade. Em baixo, no jardim, esplendidas figuras em bronze dizem da obra musical do campineiro, representando cada um dos seus dramas lyricos pela imagem do heroe respectivo. Veem-se alli o Escravo, Pery,' Fosca, Maria Tudor, Salvador Rosa e Condor, cumprindo destacar a figura de Maria Tudor, cuja expressão é maravilhosa. Ao centro, o carro do gênio conduzido por cavallos soberbos de movimento, e ás extremas, os grupos allusivos ao Brasil e á Italia, duas concepções bellissirnas, cada qual constituindo por si só um perfeito monumento.

Brizzolara deu mostras de que é um esculptor. Agradeçamos-lhe, commovidos. Terra nova e inculta, o Brasil é o paiz ideal dos mystificadores. Impingir-lhe como obra d'arte coisas de horrendo máu gosto, é negocio fácil — e lucrativo. Rendamos, pois, todas as homenagens ao artista de verdade, ao artista sincero que dotou a cidade de uma authentica obra d'arte, sem lucro nenhum para si, quando podia, abusando da nossa infinita ingenuidade, fazer excellente negocio em troca duma bota qualquer.

Com o monumento a Bilac succede justamente o inverso. A opinião publica já o classificou desde o primeiro dia: mos-



trengo. E é, de facto, um perfeito mostrengo, só concebível nas pequenas cidadezinhas do interior, onde qualquer "curioso" amassador de barro embasbaca vereadores e guinda-se á cúspide dos Miguel-Ângelos.

Não tentaremos analysal-o. Tão flagrante é o desastre que só ha um commentario possível: demolição simples. O respeito á memoria de Bilac, e o respeito que a cidade deve a si própria, exigem uma coisa só: que aquelle bronze volte ao forno. Se a municipalidade fizer isso já, muito grata lhe ficará S. Paulo, pois lhe poupará o doloroso da campanha pró-demolição, campanha que se iniciou no dia inaugural e que só terminará no dia do bota-abaixo. Temos já um exemplo. Os horrendos mostrengos que Zago plantou no parque da Avenida (não tem sorte a Avenidal), permaneceram lá durante alguns annos, mas tiveram que sahir, corroídos pela risota publica. E eram simples enfeites de jardim. O caso agora e muito mais serio. Trata-se de monumento, e monumento ao nosso maior poeta moderno. Se Bilac merece as nossas homenagens, só ha uma condigna: desagruar a arte, demolindo o attentado. Cultor finíssimo da arte que foi Bilac, como memorizal-o com um amontoado de pedra e bronze onde a arte está "of side"?





UMA HISTORIA DE MIL ANNOS

MONTEIRO LOBATO

— Hu... hu...

E' como nos invios da matta soluça a juruty.

- Dois *hus* — um que sóbe, outro que desce.

(O destino do «.'...

Velludo verde-negro transmutado em som — voz das tristezas sombrias.

Os aborígenes, maravilhosos denominadores das cousas, possuíam o senso impressionista da onomatopéa. *Urutáu, urú, urutú, inambú* — que sons definirão melhor essas creaturinhas solitarias e tímidas, amigas da penumbra e dos recessos?)

A juruty, pombinha eternamente magoada, é toda *u, u*. Não canta, geme em *u* — geme um gemido avelludado, lilaz, sonorização dolente da saudade.

O caçador passarinho sabe como ella morre, sem lucta e com meiguice, ao mínimo ferimento. Morre em *u...*

Já o sanhaço é todo *a, a*. Ferido, debate-se, desfere bicadas, pia, lancinante.

A juruty apaga-se como chamma de algodão. Frágil torrão de vida, extingue-se como a vida do torrão de assucar em contacto d'agua. Um *u* que se funde...

Como vivem e morrem jurutys, assim viveu e morreu Vidinha, a linda creança afinada em *u*. E como não seria assim, se era Vidinha uma juruty humana — meiguice feita menina-e-moça, begónia sensível dos grotões?



Que maravilha, a natureza!

Alli, naquele barranco penhasquento, crescem no árido as samambaias. Rijas, asperas, corajosas, resistem aos ventos, aos enxurros, ao cargueiro que as esbarra, ao viandante distraído que as chicoteia. Batidas, reerguem-se. Cortadas, rebrotam. Esmagadas, revicam. Cynicas!

Mais adiante, na grotta fria onde tudo é sombra e cerração, ergue-se, a espaços, em meio dos cahetés valentes e dos fetos rendados, a solitária begónia.

Timida, frágil, o menor contacto a magoa. Toda ella, caule, folhas, flores é a mesma carne tenra de creança.

Sempre os contrastes.

Os eleitos da sensibilidade, os martyres da dor — e os fortes. A juruty e o sanhaço. A begónia e a samamabaia.

Vidinha, a innocente creança, era juruty e bégonia...

O Destino, como os sábios, também faz suas experiencias. Permite vidas a titulo de experiencia, na tentativa de acclimar na terra seres que não são da terra.

— Vingará Vidinha, solta no mundo, em meio da alcatéa humana? Experimentemos.

E o Destino fez a experiencia, a cruel experiencia...

Janeiro. Um mormaço que envolve o mundo sob a curva do céu imimensamenté azul.

A casa onde mora Vidinha é a única das cercanias — garça pousada no oceano verde-sujo das samambaias e dos 6apezeiros. Que terra!

Ondula em manlelões verdoengos até encontrar o céu, longe, no horizonte.

Hispidez, aridez — terra bemdita que o homem, senhor do fogo, transfez em deserto maldito.

Os olhos pervagam : cá e lá, até aos confins, sempre o chama-lote verde-oliva da samambaia aspera — esse musgo da esterilidade.

Entristece, aquillo.

Cança a vista o sem fim da morraria núa de arvores, e o consolo é pousar os olhos na pombinha branca da casinhola.



Como o cal das paredes scintilla ao sol!

E como nos enleva a alma a sua pequenina moldura de arvores domesticas... E aquelle pé de espirradeira, todo ftorido... E o cercado de taquara, e a horta, e o canteirinho de flores, e o poleiro das aves, nos fundos, sob a fronde da guaibiroba...

Vidinha é a manhã da casa.

Vive entre duas estações — a mãe, um outono, o pae, inverno em começos.

Alli nasceu e cresceu. Alli morrerá.

Innocente e ingênua, do mundo conhece o centímetro quadrado de mundo que é o pequeno sitio paterno.

Imagina as cousas — não as sabe.

O homem: é seu pae. Quantos homens haja, todos serão assim: bons e paes.

A mulher: sua mãe — um tudo.

Bichos? O gato, o cão, o gallo indio que canta pela alvorada, as gallinhas suras.

Sabe, por ouvir dizer, de outros muitos: da onça, gatão feroz; da anta, bicho enorme; da capivara, porco dos rios; da sucury, cobra "desta" grossura! Veado e paca já viu diversos, mortos nas caçadas.

Fóra d'aquelle ermo onde está o sitio, é o mundo. Ha nelle cidades — casas e mais casas, pequenas e grandes, em linha, com estradas pelo m'eio, a que chamam ruas. Nunca viu cidades, sonhas. Sabe que moram nella os ricos, seres de uma outra raça, poderosos, que compram fazendas, plantam cafezas e mandam em tudo.

As idéas que tem, bebeu-as alli, na conversa caseira dos paes.

Um deus no céu, bom, immenso, que tudo vê, e ouve até o que se não diz. Ao lado delle, Nossa Senhora, tão boa, resplandescente, rodeada de anjos...

Os anjos! Creanças de asas e longas túnicas esvoaçantes... No oratorio da casa ha o retrato de um...

Seus prazeres: a vida da casa, os incidentes do terreiro.

— Venha ver, mamãe, depressa!...

— Alguma bobagem...

— ... o pintinho sura trepado nas costas do capão péva, tenteando-se com as asinhas! Venha ver que galanteza... Ei, ei... cahi!...

Ou:

— Brinquinho quer por força pegar a cauda. Está que parece um peão, corropiando...

E' bonita? Vidinha o ignora. Não se conhece, não faz de si nenhuma idéa. Se nem espelho possui!...

E', no entanto, linda, dessa lindeza das telas raras que jazem fora de moldura nos desvãos escusos. Vestida á maneira dos pobrezinhos, vale o que não está vestido: o corado das faces, a expressão de innocencia, o olhar de creança, as mãos inquietas.

Tem a belleza das begónias silvestres.

Deem-lhe um vaso de porcelana e scintillará.

Cinderella, a eterna historia.

O pae vive na lucta inglória contra a aridez do solo, disputando ás formigas, ás geadas, á esterilidade umas coliheitinhas curtas.

Não importa. Vive contente.

A mãe moureja o dia inteiro nos trabalhos da casa. Cose, arruma, remenda, varre.

E Vidinha, entre elles, orchidea que floriu em tronco rude, brinca e sorri.

Tem amigos: o cão, o gato, os pintos, as rolinhas que descem ao terreiro. Em noites escuras vêm visital-a, cirandando em torno á casa, seus amiguinhos luminosos, os vagalumes.

Os annos passam. Os botões se fazem flor.

Um dia Vidinha entrou a sentir vagas perturbações de alma.

Fugia aos brinquedos e scismava.

A mãe notou a mudança.

— Em que está pensando, menina?

•— Não sei. Em nada...

E suspirou.

A mãe observou-a ainda uns tempos e disse ao marido:

— E' tempo de casar Vidinha. Está moça. Já não sabe o que quer...

Mas, casal-a como? Não havia alli vizinhos, naquelle deserto, e a creança corria o risco de estiolar-se como flor esteril sem que olhos de homem casadouro puzessem reparo em seus encantos.

Não será assim, todavia. O Destino levará por deante a sua rude experiencia.

O lobo fareja de longe a menina da capinha vermelha.

A begônia d'aquelle deserto, filha das selvas, será caça. Será caçada por um caçador...

Está na idade; tudo são flores, em su'alma e corpo; está na idade do sacrificio.

O caçador não tardará.

Vem perto, piando de inambú, com espingarda nas mãos. Trocará de bom grado, vão ver, os inambús perseguidos pela innocente juruty incauta.

Chegou.

— O' de casa !

??

— Venho de longe. Perdi-me nestes carrascaes, coisa de dois dias, e não posso commigo de canceira e fome.

Os ermitões do samambaia! acolheram de braços abertos o transviado gentil.

Bonito moço da cidade. Bem falante, maneiroso — uma seducção!

Como são bellos os gaviões, caçadores de innocencias...

Deixou-se ficar uma semana inteira. Contava cousas maravilhosas. O pae esquecia a roça para ouvil-o, e a mãe por duas vezes deixou seccar a agua das panellas. Que sereia !

No pomar, sob o docel das laranjeiras abotoadas.

— Nunca pensou em sahir d'aqui?

— Sahir? Aqui tenho casa, pae, mãe, tudo...

— Achas muito isso? Oh, como lá fóra é lindo! Que maravilha é lá fóra! O mundo! As cidades!... Aqui é o deserto, prisão horrivel, aridez, melancholia...

E contava contos das mil e uma noites sobre a vida das cidades. Dizia do luxo, da magnificência das festas, das pedrarias que scintillam, das sedas que acariciam o coipo, dos theatros. da musica inebriante...

— Mas isso é sonho!...

O principe confirmava.

— A vida lá fóra é um sonho.

E desfiava um rosário inteiro de sonhos.

Vidinha, num deslumbramento, murmurou:

— E' lindo! Mas tudo isso é para os ricos...



— Para os ricos e para os formosos. Belleza vale mais que riqueza, e tu és bella, Vidinha!...

— Eu?...

O espanto da creança!...

— Bella, sim — e riquíssima, se o quizeres. E's o diamante a lapidar. E's Cinderella, hoje no borralho, amanhã princeza. Teus olhos são estrellas de velludo.

— Que idéa...

— Tua bocca, um ninho de colibri feito para o beijo....

!....

A iniciação começa. E tudo na alma de Vidinha se aclara. As idéas vagas se definem. Os hieroglyphos do coração se decifram.

Comprehende a vida, afinal. A sua inquietação era amor. Em casulo ainda, a agitar-se nas trevas. Amor sem objecto, perfume sem destino.

O amor é uma febre da idade, e Vidinha chegara á idade da febre sem o saber. Sentia-lhe o queimor no coração, mas ignorava. E sonhava.

Tinha agora a chave de tudo. O príncipe encantado viera afinal. Tinha-o alli, ao grande mago de palavras maravilhosas, senhor do Sezamo do Palacio da Felicidade.

E o casulo do amor se rompeu, e a chrysalida do amor, ébria de luz, se fez ardente borboleta de amor...

O gavião da cidade, fino de fardo, havia descido no momento opportuno... Dizia-se doente. Sua doença chamava-se — desejo. Desejo de caçador. Ânسيا de caçador por mais uma perdiz.

E a perdiz veiu-lhe para as garras, fascinada pela estonteante miragem do amor...

O primeiro beijo...

A florada maravilhosa dos beijos...

O ultimo beijo, á noite...

Pela manhã:

— Que é do caçador ?

Fugira...



Os manacás não rescendem. São negras as flores do pomar. Não brilham as estrellas. Não cantam os passarinhos. Não apparecem vagalumes. A luz do sol não allumia. A noite só traz pesadelos.

Uma coisa só não mudou: o *hu, hu* magoado da juruty, lá no recesso das grotas sombrias...

Os dias de Vidinha são vagueios agitados pelo campo.

Detem-se ás vezes ante uma flor, de olhos parados, como crescidos no rosto. E monologa, mentalmente:

— Vermelha? Mentira. Cheirosa? Mentira. Tudo mentira, mentira, mentira...

Mas Vidinha é juruty, corço e alma afinados em *u*. Não desespera, não lucha, não explode.

Chóra por dentro e definha. Begônia silvestre que o passante brutal chicoteou, dobra no hastil quebrado, pende para a terra e murcha. Chamma de algodão. Torrão de assucar...

Estava concluída a experiencia do Destino. Mais uma vez se provou que não vive na terra o que não é da terra.

Uma cruz...

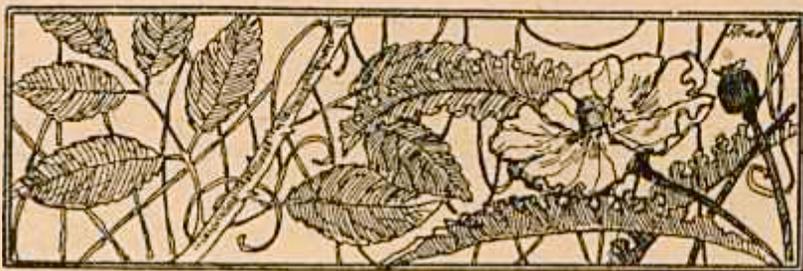
E se alguém fala nella, os velhos paes murmuram:

— Era nossa vidinha. Apagou-se...

E a mãe limpa uma lagrima:

— Não me gae da memoria sua ultima palavra: "Agora um beijo, mamãe, um beijo *seu*..."





O CONTO

HERMAN LIMA

"O conto, digno deste nome — escreve Sylvio Romero, prefaciando *Dona dolorosa*, de Théo-Filho, — é apenas a narração de uma situação passageira na vida de uma personagem, em seu meio normal, só ou em relação com alguém. Seu alvo é dar em synthese a descritiva ou o drama de uma situação, de um *passus* da vida, de um personagem".

Um verdadeiro conto, de facto, não passa da simples narrativa de um episodio, que sirva para determinar o aspecto psychologico de um certo "meio" ou individuo, demonstrando, de um modo incisivo e claro, as forças vivas da natureza e da alma. Não quer isso dizer, porém, que a simples narração seja em si um conto, pois que, se o conto é a descritiva de um episodio, é necessário que esse seja também a consequência lógica de outros. A só descripção de um facto em si, não constitue, portanto, um conto.

Assim, tomando ao acaso, para exemplo, um dos mais perfeitos contos de Maupassant — *Un lache*.

Um individuo é insultado por outro, numa roda de amigos, trocam-se os cartões, fica, entre ambos, estabelecido um duello, a realizar-se horas depois. — Eis um episodio.

Recolhendo-se á casa, o homem põe-se a reflectir sobre as prováveis consequências do encontro imminente. Por uma conclusão *lógica* de idéas, imagina que será talvez o sacrificado, e, desde logo, se prevê — frio, inerte, morto, por um golpe certo no coração. A possibilidade desse proximo fim aterra-o.



Não pode, entretanto, fugir-lhe sem deshonra. Todo o mundo lhe conhece a situação melindrosa. Elie, então, desesperado, desvaira. Sabe que jámais, terá forças para enfrentar o inimigo sem mostras de pusillanidade; assim resolve cortar de vez essa expectativa crudelissimã. Perto, ao fundo de uma gaveta, jaz uma pistola carregada. Empunha-a, num relance, encosta-a á frente, e, sem mais, píeme o gatilho. — Outro episodio. Claro está que qualquer desses factos, de per si, não poderia constituir assumpto para um conto. Reproduzidos assim, seriam apenas a descrição policial de um crime vulgar, a noticia commum de um caso de sociedade. Encadeados, porém, como o foram, um pedindo um desfecho, o outro requerendo o preambulo, formaram um conto magistral. Os factos desenrolaram-se, percorrendo um certo plano, de que resultou a revelação psychologica de um poltrão, capaz de forçar por suas próprias mãos as portas do Ignoto, quando lhe faltaram forças para encarar um perigo de que poderia talvez sahir incólume.

Ha duas categorias de contos, inteiramente distinctas, a saber: contos universaes, e contos regionaes ou nacionaes.

Aquelles, sem um scenario proprio, podendo decorrer tanto na China como em Paris, ou na Australia, são os contos psychologicos por excellencia, onde se estudam apenas os sentimentos, a alma universal, como também certas forças communs da natureza. Os outros são, antes, estudos de certos *meios*, "em que a vida nacional, mais do que a local, a do homem mais do que a do individuo, são estudadas e apreçadas (^x).

Afora casos muito especiaes, são esses os melhores contos, por levarem o fio da narrativa atravez da reproducção original de certas scenas e paisagens typicas. Os contos regionaes de Mauissant, Daudet, Blasco Ibañez, Gorki, Fialho d'Almeida, Affonso Arinos, Gustavo Barroso, são paginas que, além das narrações vividas, nos trazem ao conhecimento trechos de terra, usanças, crenças, tradições e personagens caracteristicas, estranhas ao resto do mundo, e que por isso têm um intenso sabor de novidade.

No Brasil, principalmente, uma terra nova, sem civilização própria, sem costumes proprios a não serem os do sertão, a única literatura capaz de nos falar á alma deve ser a nossa literatura regional.

Assumptos mundanos, como intrigas de alcova e de salão, vicios de grandes cidades, adultérios, crimes de sociedade, pode-

(1) Almachio Diniz — Da esthctica na literatura comparada.



mos encontrá-los á larga em qualquer literatura; são, portanto, assumptos gastos.

Um drama que possa decorrer tanto num salão mundano como num sitio sertanejo, sem duvia lucrará grandemente transportado para esse ultimo scénario, onde o talento do autor saberá colher vários motivos de arte, no apanhar da paisagem, em que poderemos ver afinal reproduzidos trechos de nossa terra, um pouco do que faz a nossa vida. Ao menos assim teremos alguma coisa nova, revelando aspectos inéditos aos filhos das cidades, cançados do ramerrão enervante das métropoles, onde tudo é mais ou menos a copia servil de outras metropoles, só assim conseguiremos produzir algo de novo, capaz de interessar mesmo lá fóra, além-Atlantico, nas longes terras que nos não fatigamos de copiar...

No conto, como no soneto, o encanto maior está ás vezes, unicamente, no desfecho daquelle ou na chave deste. Quanto mais longe esteja o leitor de imaginar o final de certo conto, maior será a impressão que lhe deixará elle.

Onde, por exemplo, o principal valor do conto de Maupassant — *La parure*, decerto a pagina mais prima de toda a literatura do genero? Não é no estudo perfeito que, em tão curtas phrases, o autor faz de Mathilde, "une de ces charmantes jeunes-filles, néés, comme par une erreur du destin, dans une famille d'employés", nem tampouco na impeccavel urdidura- da narrativa, — sim no final inteiramente imprevisito, absolutamente fóra de tudo o que pudera suppôr o leitor mais perspicaz.

Por sua mesma composição, o conto está destinado a ser, na prosa, o que o soneto é na poesia: a literatura de ficção de hoje e do futuro.

Torturado pelos mil problemas do mercantilismo, o homem do século XX e do anno 3.000 não se poderá mais dedicar á leitura patriarchal dos poemas infindos e romances inacabaveis, que fizeram a ventura de nossos avós. Hoje, na éra das ondas hertzianas, do correio aereo e dos succedaneos, seguramente não podemos mais cogitar de obras taes, a menos que nos recolhamos a uma Thebaida inviolável.

difficil, a despeito da sua apparente facilidade, e creio que essa mesma apparencia de facilidade lhe faz mal, afastando-se d'elle

Do conto, dizia Machado de Assis, em 1873: — "E' genero os escriptores, e não lhe dando, penso eu, o publico toda a attenção de que muitas vezes é credor".

Que o conto seja um genero difficil, não resta duvida. Outro tanto não se poderia dizer hoje, porém, a respeito do supposto



menospreço em que o tenham os escriptores e o publico em gera!, pois nestes últimos quarenta annos essa especie de literatura evoluiu notavelmente. Senão, vejamos:

Na França, por exemplo, quantos escriptores não se celebrizaram como contistas? Guy de Maupassant, a figura maxima no genero, e cujas paginas servirão sempre de modelo, como *La parure*, *L'ivrogne*, *Un lâche*, *Le port*, *La confession*, *Mademoiselle Perle*, *Une vendetta*, e tantas mais, — que admiravel galeria de obras primas! Alphonse Daudet, com *lettres de mon moulin*, onde está essa maravilha do estylo e de ingênua graça camponia, — *Les etoiles*; Jean Lorrain, o torturado autor do *Crime dos ricos*, em que ha paginas que parecem escriptas por Edgar Poe, como essa horrível historia da *Vingança de um mascara*; Mauricio Levei, outro creador de dramas cheios de um irresistível horror, como os contos *O poço*, *Pavor*, *O papagaio*, *A camara vermelha*, *O maniaco*, e tantos mais; *Michel Provins*, Jules Lemaitre, Villiers de L'Isle Adam, Tristan Bernard, François Coppée, Paul Marguerite, Camille Mauclair, Georges d'Esparbés, o glorificador do heroismo militar francez; Charles Folley, outro sup-
* pliciador de emoções, como Jules Claretie; Abel Hermant, Henri Lavedan, todos esses, para falar sómente nesses, são nomes que bastariam para impor a literatura de qualquer paiz civilizado. Agora, juntando-se mais escriptores como Anatole France, Emile Zola, Balzac e Flaubert, que, a par de seus romances perfeitos, escreveram contos admiraveis, como *O Christo do Oceano*, *Nais Micoulin*, *Uma paixão no deserto*, e *A lenda de S. Julião Hospitalheiro*, veja-se que enorme contingente de paginas soberbas a França não tem accrescentado ao patrimonio do conto!

Na Hespanha, hoje, o mais conhecido escriptor é Blasco Ibañez, o narrador barbaro de violências, em cuja obra arde, soluçã e desrvaira de am'or a raça forte da Ibéria. Seus contos *Noche de bodas* e *La caperuzã*, por exemplo, são verdadeiros primores no genero. Dois outros contistas hespanhoes de grande valor são a Condessa de Pardo Bazan e Alfonso de Maseras.

A figura culminante da literatura americana é o allucinado idealista das *Novellas Extraordinarias*, Edgar Poe, tão perverso em torturar o leitor que até hoje só encontrou digno traductor no vesanico e diabolico Baudelaire.

Os contos phantasticos de H. J. Wells, R. Kipling, e Conan Doyle, são das paginas mais conhecidas de quantas se escrevem modernamente na Inglaterra.

Gabriella Preissova e Stefar Zweig, na Áustria; Mathilde Serão, Enrico Corradino, Luigi Capuana, Luigi Tirandello, e Salvatore di Giacomo, na Italia; Maurice des Ombiaux, na Bélgica;



Andersen, na Dinamarca; Gomez Carrillo e Manoel Ugarte são escriptores universalmente conhecidos, por seus contos traduzidos em todas as linguas cultas.

Em Portugal também teve o conto bons, optimos cultores, a começar por Eça de Queiroz, que os fez admiráveis. Quem poderá ficar indifferente ante essas paginas deslumbrantes, que são *O defunto*, *Perfeição*, *José Mathias*, *O suave milagre* e *Adão e Eva no Paraizo*? Até hoje, em lingua portugueza, não se escreveram iguaes. Fialho d'A'lmeida, o tremendo iconoclasta d'Oí Gatos, cuja ironia vale por golpes de ariete, possui estes livros excellentes: *Contos*, *A cidade do vicio*, *O paiz das uvas* e *Aves inigradoras*, nos quaes se encontram, decerto, seus melhores capitulos, como *O antiquario*, *Tres cadáveres*, *A princesinha das rosas*, cuja phrase tem uma cadencia de bailada, *O corvo* *O roubo no armazém*, *A ruiva*, *Pequeno drama na aldeia*, e essa extraordinaria *Madona do Campo Santo*, onde ha rendilhados de estylo, pompas e phrases, brilhos inéditos de forma que lembram tintinambular de crystaes, e trilos doces de avenas pastoris, ou melodias de agua corrente. Trindade Coelho foi também um optimo contista lusitano; seu livro *Os meus amores*, linda collectanea de contos suaves, lembra, de certo modo, a "maneira" ingênua e, ao mesmo tempo, maliciosa, que era um dos maiores encantos de Daudet. João Grave é dono de formosos contos, enfeixados sob o titulo: *Os que amam e os que soffrem*, e *Os sacrificados*; Abel Botelho tem igualmente uma bella recolta de contos — *Mulheres da Beira*. Abi, está essa pagina admiravel, que poderia ser assignada por Eça: — *O solar de Longroiva*. Outro bom contista portuguez é Henrique de Vasconcellos, um excentrico que vai buscar scenarios e historias em Londres, Nápoles e Madrid, por onde anda amiúde. Mas, o maior de todos, como Eça e Fialho, é Julio Dantas, o mais perfeito escriptor lusitano destes tempos, cujo estylo é uma obra prima de alada graça e vigor excepcional, um continuo entrechocar de phrases coruscantes, que arrastam e seduzem o leitor mais frio, como esses formidáveis contos heroicos da *Patria portugueza*, e essas paginas irônicas de *Mulheres*, *Ao ouvido de Mme. X*, *Elles e Elias*, *Como cilas amam*, *Abelhas doiradas*, e *Gallos de Apollo*.

No Brasil o conto tem sido muito explorado, e bem explorado. E* notável o numero de bons contistas que possuimos, desde Aluizio Azevedo, o primeiro que escreveu verdadeiros contos entre nós. Antes delle, surgira Alvares de Azevedo, com a *Noite na taverna*, um livro estranho, em que é muito para admirar a sua phantasia, bebida nas mesmas fontes que serviram a Poe. Alvares de Azevedo pertencia, porém, ao espirito de uma época, e,



como tal, passou breve. Outro tanto já não succedeu a Aluizio: seus livros de contos, *Demonios* e *Pegadas*, - são obras de real valor, que ainda hoje se lêem com igual admiração. Para isso, basta sua máscula força de expressão, a viveza da linguagem, e o extraordinário poder de evocação, de que ha tão bellas provas nas paginas que intitului — *Heranças*, *Horas mortas*, *Demonios*.

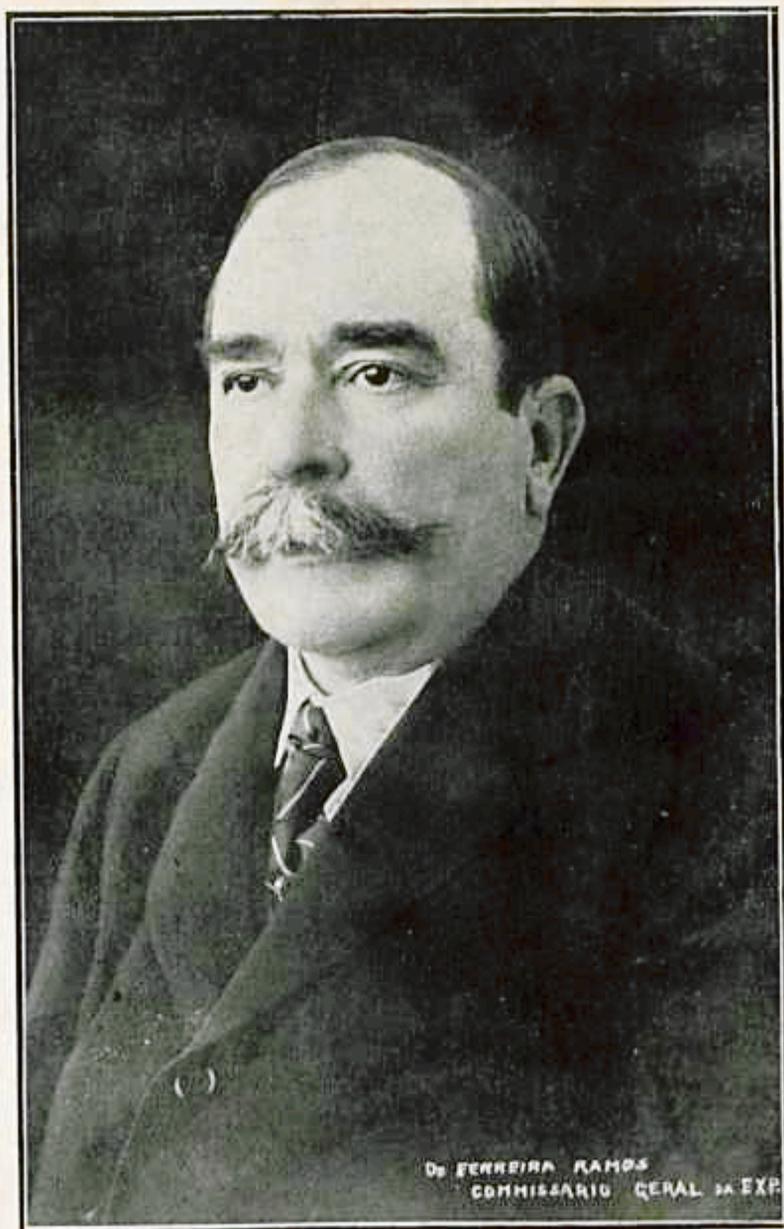
Duas grandes figuras do conto brasileiro são Medeiros e Albuquerque, e Julia Lopes de Almeida. Esses têm todos os requisitos que fizeram de Maupassant um modelo perfeito: clareza de linguagem, impessoalidade do autor, que se não distingue nunca, atravez das paginas mais vivas, e intensa -romanceação. Basta citar como exemplos os contos de Medeiros *Palestra a horas mortas*, *Noivados trágicos*, *Flor secca*, *As calças do Raposo*, *Confissão*, *Jm vencido*; e de Julia Lopes — *O filho da caõlha*, *As rosas*, *Patria*, *As historias do commndador*, e essa tela barbara, em que pinta, com viveza de tons notável, a revolta de uma alma trahida, e o amor materno supplantando o horror do odio — *Os porcos*. E' uma figura soberba de contista a escriptora de *Anciã eterna*. Lendo-a, nem por uma vez sequer encontramos o que quer que seja a denunciar a mulher: parece antes um observador impassível, impassibilissimo, que apanhe, com a nitidez de uma placa photographica, a única, a verdadeira representação das coisas, para nol-a transmittir após. Como cultores do conto como o reputa Sylvio Romero, não temos, nas letras brasileiras, outros maiores que esses dois escriptores de arte singularmente igual.

Magnificos contos tem também uma mulher, como Julia Lopes: Carmen Dolores. Em seu livro *Um drama na roça*, acham-se paginas excellentes, como os contos: *Nos bastidores*, de uma dramatização intensíssima, vibrante, o melhor do livro, — *Só a natureza*, *A mãe*, *Em vinte e quatro horas*, *O derivativo*, e outros mais.

Também um perfeito contista é João Luso, o escriptor portuguez que se fez no »Brasil, pelo que aqui achou de belleza e sentimento. Sem falar em seu livro lusitano *Contos da minha terra*, suas *Historias da vida* são uma bella collecção de contos bem trabalhados e urdididos, como *O homem do sol*, *O 74*, *A "reverte" de Schumann*, para só falar nesses.

Outro que também cultivou o conto com todo o lucro, foi Pedro Rabello, o singular autor de *A alma alheia*. Muito imbuído do estylo nebuloso e, ao mesmo tempo, — pelo que de paradoxal haja neste asserto, — clarissimo, de Machado de Assis, Pedro Rabello conseguiu dar-nos urna obra que deve figurar na literatura nacional. Seii conto *Obra completa*, por exemplo, é um trabalho excellente, sob todos os pontos por que se encare.

EXPOSIÇÃO NACIONAL



Dr. FERREIRA RAMOS
COMMISSARIO GERAL DA EXP.

UNIVERSITY OF TORONTO LIBRARY



Por sua extraordinaria phantasia, que, por vezes, aliás, chega a ser-lhe prejudicial, pela opulência incomparável de seu verbo, Coelho Netto é dos maiores contistas que temos tido. Seus contos regionaes são dos mais formosos e brilhantes que já se escreveram no Brasil.

Não fosse aquelle mesmo excesso de imaginação, que de algum modo chega a alterar a verdadeira face das coisas, não teríamos outros mais perfectos.

Com seu dom de artista superior, e essa facilidade de romanceação, Coelho Netto consegue dar-nos paginas soberbas, como, enumerando ao acaso, *O Dom Jesus da Matta*, *Cega*, *Fertilidade*, *Casadinha* — um primor de narração commovida, *Praga*, *No rancho*, *Innocencia*, e outros e outros, esses somente regionaes, quando sua óptima producção de contos ainda se estende a mais dois livros, ambos excellentes, que são *Jardim das Oliveiras* e *Agua de Juventa*, além de paginas esparsas em *Romanceiro*, *Pabulario*, *Apologos* e *Mysterios do Natal*.

Como contista regional, temos também, no primeiro plano, Affonso Arinos, o mais sereno e verdadeiro de todos os nossos sertanistas de eleição. E' lamentavel que sua producção de contos se haja limitado apenas ao livro *Pelo sertão*, e a dois ou tres escriptos colligidos no recente volume *Historias e paisagens*, entre os quaes está um conto magistral, como só os sabia fazer o narrador magnifico de *Assombramento: A' garupa*. Que incomparável recolta de primôres não seria uma vintena de paginas como *Pedro Barqueiro*, *Joaquim Mironga*, *Assombramento* e *A' garupa!* Nunca, entre nós, alguém penetrou, com mais profundeza, a psychologia do sertanejo brasileiro. Em Arinos, o que mais fere a attenção é a fidelidade das observações, o tom da phrase medido e seguro, sem folheios rebuscados de estylo e falsas pompas de fôrma.

E' elle o mais nacional dos nossos homens de letras.

Entre os que se dedicaram aos contos regionaes, temos ainda vários nomes de grande valor, como Viriato Correia, José Verissimo, Alberto Rangel, Simões Lopes Netto, Alcides Maya, Roque Callage, João Fontoura, Hugo de Carvalho Ramos, Veiga Miranda, Xavier Marques, Monteiro Lobato e Mario Sette.

Viriato Correia pôde ser chamado o *primus inter pares* dos novos contistas do Brasil, por isso que, entre nós, actualmente, nenhum com mais propriedade explora o genero. A exactidão das observações, que lembra de certo modo, Arinos, a fluência da linguagem, o fulgôr e o arrojo da narração, o imprevisto dos desenlaces, — tudo em seus contos nos seduz irresistivelmente. — *O Venâncio*, *O drama de D. Alice*, *Cara a cara*, *O outro*, *O ladrão*, *A desfeita*, *A desforra*, *Terras malditas*, são paginas quasi perfei-



tas, de uma beleza singular. Que penna vibrante não escreveu essa epopéa de fogo e morte, á Dannunzio e á Zola, *Terras malditas*, em que se rasgam trechos barbaros de natureza convulsionada por um drama estranho e pavoroso, como seja a hydrophobia de uma villa, a que não escapa uma creatura sequer, com os animaes de curro, lotes de bestas furiosas, manadas de rezes tremendas no seu furor dantesco, a par das matilhas de cães ululantes, tornados em demonios do inferno. Em seus contos historicos, palpitam, com a vida intensa do momento, todas as figuras pinturescas de nosso passado.

José Verissimo, apesar de só ter deixado as Scenas da vida *amazônica*, deixou obra capaz de atravessar o tempo. *O bôto*, *O crime do Tapuyo*, *A morte da Vicentina*, embora todos os senões da forma e da lingua, em que, infelizmente, foi prodigo o escriptor, são contos regionaes dos melhores.

Outro tanto se pode dizer dos contos amazonicos de Alberto Rangel, o poderoso evocador do *Inferno verde* e *Sombras riacjua*. A esse não se pôde acoimar, porém, de desleixado na linguagem e na phrase; ao contrario, sua obra é a mais pura; apenas, muito influenciado por Euclides da Cunha, entrou a torcicollar, a complicar a phrase, de tal modo que ás vezes, chega a ser detestável. São dois bellos livros aquelles, principalmente o primeiro, em que ha contos que são verdadeiras obras primas de observação e de estylo, como *Hospitalidade*, uma pagina de psychologia perfeita, e *Maiby*, um symbolo estupendo.

Simões Lopes Netto, João Fontoura, Alcides Maya e Roque Callage são os reveladores da literatura dos pampas, dessa literatura tão diversa da que se puljja no resto do Brasil. Seus contos são um repositorio de estranhas impressões, typos e lendas, por demais original. Scenas de tascas e da campanha livre, fanfarronadas e heroísmos, gentes belicosas e cheias de lábia, dialecto rude e musical, a que se mescla o idioma dos iberos e dos Íncolas, taes os motivos e os modos de ser desses escriptos. Dos quatro autores, difficil dizer qual o primeiro.

Simões Lopes Netto, que escreveu *Lendas do Sid* e *Contos gauchescos*, onde ha paginas magistraes, como *No manantial*, *A Salamanca do Janau*, *O negrinho*, *do pastoreio*, — é dono de uma phrase tão pinturesca e vivaz, que é a própria gente gaúcha que nos fala. João Fontoura produziu bellos contos, como *Chirú*, *Cao-lho*, *Caboré*. Quanto a Alcides Maya e Roque Callage dão-nos igualmente as formosas paginas que são *Tápera*, *Xarqueada*, *Ve-ihô conto*; *A victima*, *Divertidos* e *Fim de'raça*.

Virgilio Varzea, o Pierre Loti brasileiro, como lhe chamaram já, é um apaixonado pelo *meio* brasileiro. Seus contos são por isso



mais simples paisagens, trechos de terra e trechos de mar focalizados com sua vida própria, numa perfeição incomparável. A seu respeito, escreveu com muito acerto, Pedro do Couto: "Seus typos são sempre dominados pelo meio em que agem, cuja bem feita urdidura os atira a planos secundários". (1)

Hugo de Carvalho Ramos, auctor de *Tropas e Boiadas* é também um bom regionalista. Entre seus contos figura *Gente de Gleba*, uma bellissima produção vivida e trabalhada.

Os contos de Valdomiro Silveira, um optimo contista de S. Paulo, cheios de uma doce ingenuidade communicativa, são bem planeados e urdidos; pena é que o autor adopte ás vezes a linguagem do povo no contar, o que prejudica enormemente, como é natural, o effeito artistico da obra. E esse defeito é tanto mais digno de nota, quanto bem poucos de nossos contistas hão adoptado essa fôrma. Quasi todos, mais ou menos, cingem-se ao modelo, por assim dizer, clássico, de Arinos: a linguagem simples, desataviada, nos moldes mesmo da linguagem popular, quando é o personagem que fala — como devêra ser, naturalmente. Entretanto, a syntaxe é perfeita, a orthographia é correcta. E é esse um ponto interessante, que merece de veras reparado. *Joaquim Mironga*, *Pedro Barqueiro*, *A' garupa*, de Arinos, são paginas de arte, que poderíamos, emtanto, ouvir da bocca de qualquer tropeiro, ao pé do fogo, sob a alpendrada de um rancho, tal a naturalidade da phrase, o cunho real da lingua, a propriedade dos termos communs ao vulgo, — não querendo isso dizer, porém, que sejam acêrvos de barbaridades contra a linguagem, ao que se não pôde sujeitar um espirito educado. Em verdade, nada mais grotesco e falto de gosto do que se graphar um trecho, um caso, com a prosodia do povo. Por isso, disse José Verissimo, referindo-se ao *Rei negro*, de Coelho Netto: "Outra feição que barbariza o romance do sr. Coelho Netto é a sua dialogação na maxima parte feita segundo o exacto falar dos negros que o enchem. Esta transcripção horripilante, e aliás desnecessária, da sua prosodia, prejudica o effeito estetico mirado pelo autor".

De facto, a emoção muito perde com essa lingua de trapos, que é a de nossos sertanejos, e assim não se comprehende que o imaginoso áutor de lindos contos, como *A vinha má*, *O perdão*, *Desespero de amor*, *As frutas*, escreva de tal geito.

Veiga Miranda, que nos deu *Mau olhado*, um dos nossos bons romances regionaes, publicou também *Passaros que fogem...* — contos, de que sobresaem: *O Romão da Januaria*, o melhor do livro, *Miquitoca*, *Melita* e *Zé Divino*.

(1) Paginas de critica.



Xavier Marques, o autor de tantos livros de renome, entre os quaes figura essa obra prima de sentimento, a mais suave de todas as novellas brasileiras, — *Joanna e Joel*, imprimiu, recentemente o seu primeiro livro de contos. *A cidade encantada*, que dá o titulo ao liyro, é uma bella pagina, assim como *Mariquita* e *A Noiva do golphinho*.

Estranho e reaccionário, Monteiro Lobato, cujo livro de estréa, *Urupês*, foi o melhor de quantos inundam o mercado literário do Brasil, nestes últimos tempos, e constitue, igualmente, obra das mais vibrantes, entre as que possuímos no genero, — occupa hoje logar eminente, na primeira fila dos nossos contistas, é caso raro em nossa literatura. Surgindo intempestivamente, chamou logo a attenção da critica indígena, pelo que sabia dizer de novo, num estylo novo, a respeito das gentes e das coisas de nossa terra. Além de *Urupês*, onde se enfeixam contos admiraveis, como *Bocca-torta*, *Choô-pan!*, *O estigma* e *Matapau*, publicou *Negrinha* e *Cidades mortas*, — essa uma recolta de "charges" sertanejas e contos humorísticos, dentre os quaes resaltam — *Cabellos compridos* e *O espião allemão*, duas paginas de "verve" incomparável. *Negrinha* contem apenas seis contos. Delles, *O bugio moqueado*, um dos mais fortes e impressionantes de toda a nossa literatura, poderia ter sido escripto por Maupassant, Viliers ou Poe.

Mario Sette, o fecundo escriptor pernambucano, cujo maior titulo é sem duvida o reu romance *Senhora de engenho*, tem também produzido bellos contos, como *Clarinha das rendas*, uma doce historia de amor ingênuo, *Espinhos*, *Rasto de sangue*, *A trança*, e outros. Seus contos dialogados, contidos no seu ultimo livro *Quem vê caras...* — são paginas bem trabalhadas, cheias de vida e naturalidade, ressumbrando todas ellas uma suave e discreta moralidade...

Na literatura do conto, no Brasil, temos ainda uma grande figura de artista maravilhoso, que foi Gonzaga Duque, o bizarro estylista do *Horto de magnas*, em que ha paginas de tão torturada forma, como não lhes podemos achar similares nas letras patrias. *A morte do palhaço*, *Olhos verdes*, *Sapo!*... *Sob a estola da morte*, são contos admiraveis, maravilhosamente trabalhados, como só os poderia fazer Fialho dAlmeida, com quem Gonzaga Duque tem grande afinidade, como o nosso Papi Júnior, — pelo floreio deslumbrante do estylo.

João do Rio, autor de vários livros de chronicas, também o é de outros de contos extravagantes, difficeis de agradar, pelo que nelles ha de psychologias raras e complicadas. *Dentro da noite*, por exemplo, é um repositorio de narrativas, bem feitas sem duvida, cheias de personagens vesanicos, neurosados, degenerados, mas



degenerados da mais baixa classe mental. Basta citar, entre elles, um individuo, que soluça, alta noite, por se ver longe da noiva, da noiva, em cujos braços, por um requinte de sadismo, não se cansava de enterrar alfinetes... E a idéa de que tal não podia mais fazer, pois que, descoberta sua infamia, fôra expulso, dava-lhe agora um immenso desejo de morrer...

Outro autor de contos assim extravagantes, amante do *exquis*, é Théo Filho. De seus contos, disse Sylvio Romero, — que semelhavam versões de paginas de Gorki. São episodios decorridos no Brasil, mas succedidos a personagens que de nacional nada possuem.

Como contistas, poderia ainda citar, entre outros, Lucio de Mendonça, Oscar Lopes, Rodrigo Octávio, Magalhães de Azevedo, Domicio da Gama, alguns dignos de ser considerados bons artistas. Elles são, porém, contistas mais por incidente. Domicio da Gama, por exemplo, em *Historias curtas*, onde ha, inegavelmente bellas paginas, como *A bacchante*, *Possessão*, *Estudo do feio*, *Consull!* — é, principalmente, um psychologo, um observador sagaz de sentimentos, um contista á Machado de Assis, em summa.

E, por falar em Machado de Assis, não o incluí entre os nossos bons cultores do conto porque não o creio de modo algum um bom contista. Seus contos, se lbes podemos dar esse nome, na sua quasi totalidade, "não passam de começos de romances abortados, de aspectos physicos e moraes, deslocados de livros por fazer, perfis, paginas dispersas, que estão muito longe de realizar o typo completo dessa especie de literatura". Não é difficil, certamente, encontrar, na obra do Mestre, contos magníficos, verdadeiros contos, como *Frei Simão* e *A cartomante*. Esses são, porém, simples exceções em sua obra de eleição. Se procurarmos o psychologo perfeito, havemos de encontral-o nas paginas subtilísimas do *Quincas Borba*, nas *Memorias posthumas de Braz Cubas*, nos *Contos fluminenses*. Mas, "l'art du conteur — segundo Mormont, — est de réduire l'action a ce qu'elle a d'original et d'interessant". E, para Machado de Assis, o esmerilhador veraz dos sentimentos, quasi não existia a acção. O autor de tantos volumes que intitulou de contos, como contista nunca se poderia hombraear com Medeiros e Albuquerque, por exemplo. Esse quasi não trata dos sentimentos de seus personagens, os quaes agem e, assim, determinam sua psychologia, sem que o autor procure expor-lhes, com minúcias, o estado do cerebro e do coração. E, nisso, haverá talvez mais valia, principalmente tratando-se do conto, que é uma simples narração, synthetica e viva, por excellencia.

No conto humorístico, apenas se notabilizára verdadeiramente, até bem pouco, Arthur Azevedo, que pôde fazer verdadeiros primores, paginas cheias de *verve* e graça irresistível, como esse conto originalíssimo, sob todos os pontos, *Uma espiga*.



Hoje, nesse genero, Monteiro Lobato e Humberto de Campos conseguem dar-nos trabalhos dignos de nota, como *O figado indiscreto*, *O comprador de fazendas*, *Cabellos compridos* e *O espião allemão*, do primeiro; *Os morangos*, *O somnambulo*, *A noiva do Donato*, de Humberto.

Mas o humorismo não é proprio para nosso espirito, e, ainda, raramente o humorismo se torna um motivo de arte.

A literatura brasileira, mormente a do conto, é, sobretudo, dramatica. Com o nosso pendor ethnico para a tristeza, preferimos sempre uma narração sombria, cheia de traços vivos e sangrentos a um trecho scintillante de alegria.

Prova disso é que os nossos maiores artistas da prosa sempre foram buscar motivo para seus escriptos em casos de tragedia.

iE', que, por essas pennas de elite, fala unicamente a nossa raça melancólica, lasciva e brutal, de descendentes em linha mais ou menos directa de exilados batavos e lusos, sensuaes da Africa e selvagens filhos deste rincão feraz da America.

No Ceará, infelizmente, o conto até hoje não foi cultivado com o carinho que merece.

Não falando em Thomaz Lopes, que se tornou um contista internacional; nem em Rodolpho Theophilo, com o *Cunduri*, livro de contos, onde, em verdade só ha um conto, o que lhe dá o titulo, um forte trabalho, cheio de vida e emoção, — apenas João do Norte, o nosso Gustavo Barroso, se aventurou a explorar devidamente esse ramo da literatura. *Praias e varzeas*, onde se retratam bem algumas scenas e typos de nosso littoral e sertão, é um bello livro em que se acham contos magníficos, como *O pescador*, *A Lniza do selleiro* e *Velas brancas*, dignos de figurar entre as melhores que possuímos.

Papi Júnior produziu tres contos bellissimos: — *A Rosa do Curti*, *Exorcismo* e *A communhão dos presos*. Seu genero, porém, não é esse. O exuberante dos *Gêmeos* e d'*O Simas* não se compadece com a synthese exigida pelo conto.

Também Domingos Olympio escreveu alguns contos, cuja memoria, entretanto, não se conserva, perdida em publicações esparsas. O mesmo succedeu com Domingos Bonifacio, José Luiz de Castro, Frota Pessoa e Arthur Theophilo, todos autores de bons trabalhos no genero.

Pena é que, numa terra tão cheia de bellezas inéditas, terra de encantos de lenda, ternos idyllios de camponios e pungentes dramas de amôr, que enchem as chronicas do sertão, vivas na bocca dos "file" indígenas, — os nossos escriptores não se dispõem a registrar carinhosamente, como deviam, todos esses múltiplos aspectos desta gleba sagrada, em que soffre Agar no deserto,

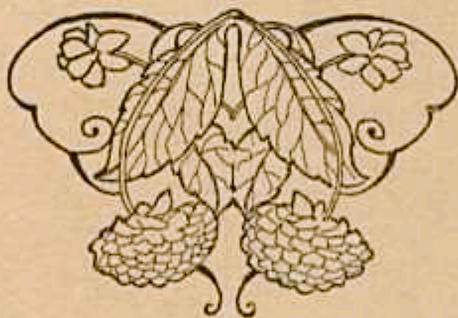


ciciam coisas do céu os amantes de Verona, flamejam estos de D. Quixote, rugem desesperos de Othello desgrenhado e louco de amôr, — e espalham doçuras vergilianas de paz as frondes verdes dos carnaubaes, e fluem rios brandos e claros, cantando e fugindo pelas terras amenas, onde se espraíam trechos de agua morta remançosa e azul, de que exsurge, nas claras noites esponsalicias, amorosa, e tentando os viandantes, á nympha destas ribeiras, a mãe-dagua mysteriosa e fatal.

Não se diga, pois, que nos falte o que pôr no conto. Carecemos apenas de quem se dedique a cultivar, com arte e sentimento, esse genero fecundo, aproveitando, como mineiro consciencioso, o filão inesgottavel que se offerece no seio opulento da tradição.

A quem estará destinada essa tarefa gloriosa, até hoje despresada por todos os que a poderiam ter levado avante, como Antonio Salles, Papi Júnior, Adolpho Caminha, Franklin Tavora, Rodolpho Theophilo e tantos mais, a quem não faltou decerto engenho, senão interesse e carinho pelo assumpto?

Ceará, Maio de 1922.





A ABELHA E A ROSA

CLEÔMENES CAMPOS

DALOUÇAVA-SE ao vento uma rosa vermelha,
a que um raio de sol punha um reflexo louro;
viu-a, pelo perfume, uma pequena abelha,
e começou a lhe sugar o pollen de ouro.

*As abelhas, irmãs aladas das mulheres,
são todavia insatisfeitas e curiosas.
Ora, eu tinha num vaso uns botões rosiclères
que, por ser de papel, nunca seriam rosas.*

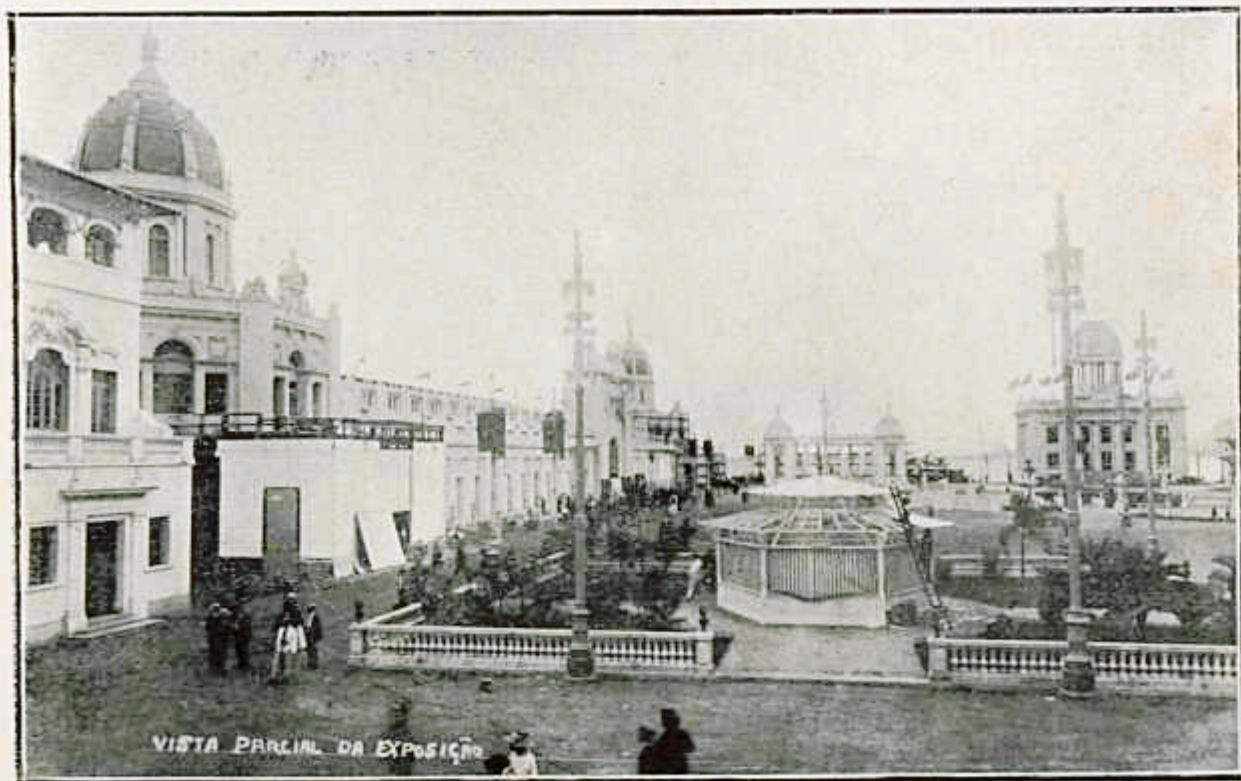
*Ella porem suppoz que fossem verdadeiros;
e, deixando o jardim, onde havia outras flores,
voou sem ver por sobre todos os canteiros,
na attracção singular dos botões multicores.*

*Minha janella estava aberta por acaso.
Ella entrou a zumbir. Mas, fechei-a nessa hora.
E a pobre, assim que viu a mentira do vaso,
pensou na linda flor que deixara lá fóra.*

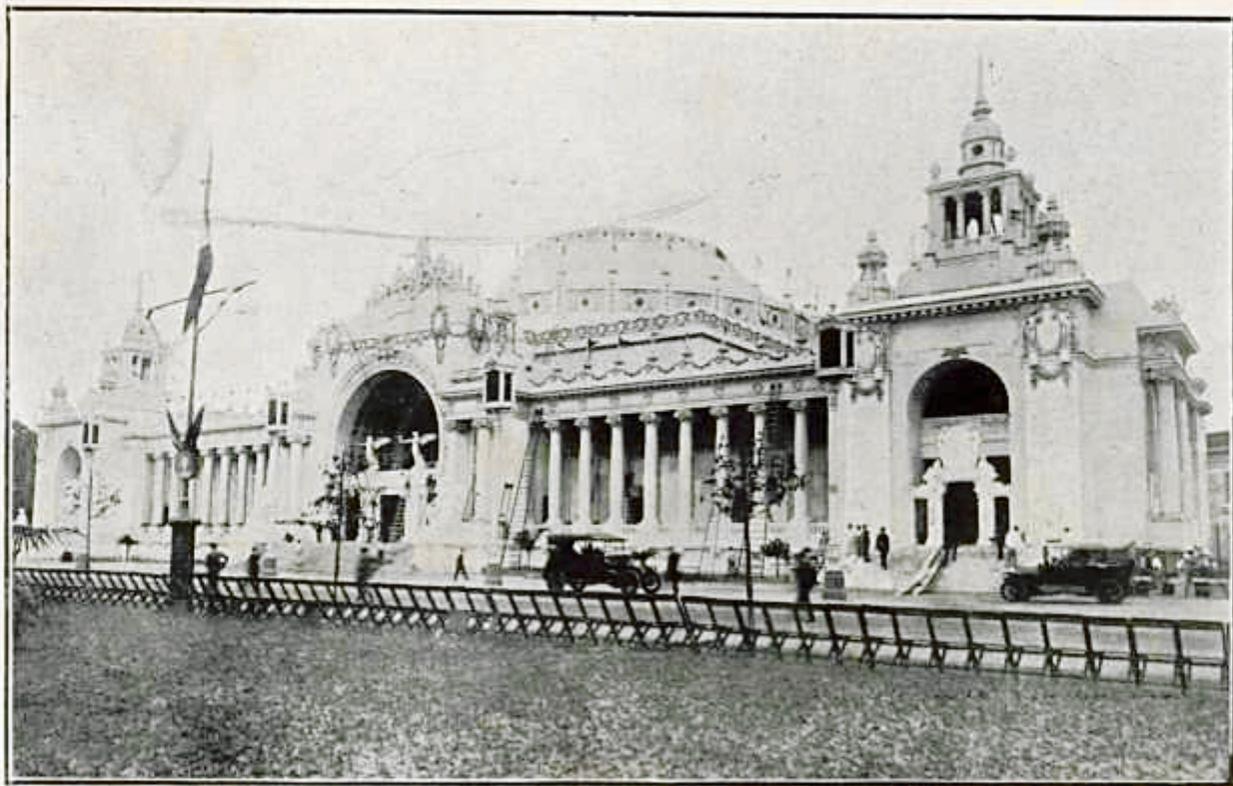
*Foi-se á vidraça a olhar; tentou fugir... e nada:
estava presa em minha sala silenciosa.
E, dois dias depois, achei-a inanimada,
na mesma posição, inda fitando a rosa —*



EXPOSIÇÃO NACIONAL



EXPOSIÇÃO NACIONAL



Pavilhão das festas

*O' alma, que a ambição vae levando á cegueira:
 não te esqueças da abelha ambiciosa e illudida!
 — não deixes nunca a tua rosa verdadeira
 pelos falsos botões que encontrares na vida.*

CANÇÃO DA LOURA DESCONHECIDA

L⁷ *nem sei quem tu és, minha boneca loura!
 Mas passaste por mim tão entontecedora,
 que te fiquei amando com delírio...
 O' tu, que és alva e esvelta como um lírio,
 ó tu, que tens a linda e serena elegancia
 das palmeiras que estão paradas á distancia...
 Teus gestos musicaes, mysticos e lascivos,
 vão semeando canções na alma dos emotivos
 Tens a suave attracção das montanhas, ao poente...
 E teu silencio é um philtro para a gente...
 Teus olhos verdes, ó Miragem fugidia,
 são tão verdes, ou mais, do que as folhas molhadas;
 são tão verdes, ou mais, que o mar ao meio dia;
 são tão verdes, ou mais, Miragem fugidia,
 que as esmeraldas virides lavadas...
 E nem sei quem tu és, minha boneca loura!
 Mas passaste por mim tão entontecedora,
 que te fiquei amando com delirio...
 O' tu, que és alva e esvelta como um lírio,
 ó tu, que tens a linda e serena elegancia
 das palmeiras que estão paradas á distancia...*

EU TENHO ADORAÇÃO POR MEUS OLHOS...

27
 •L^U *tenho adoração por meus olhos, Querida,
 não porque tenham clles contemplado,
 no vasto ceo, de súbito rasgado,
 um pouco dessa luz, que fulge alem da vida;*



*nem o fundo do mar; nem as flores amenas
que, a um aceno aromai da primavera, abriram,
e estão no meu jardim oscillando, serenas. ..*

*— Eu tenho adoração por meus olhos... apenas
porque meus olhos, meu amor, te descobriram...*

(Do "Coração Encantado")

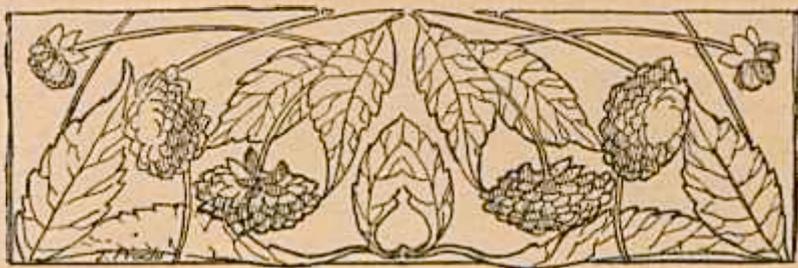
TROVAS SOLTAS

U M mundo de coisas belas,
E tão belas quanto bôas,
A nossa vida contem,
Mas, não valem todas ellas,
Um gesto só das pessoas
A quem a gente quer bem...

José de Andrade.

10-11-922.





"A ESTHETICA DA VIDA,, E "ILLUSÃO,,

BRENNO FERRAZ

"Fôra da consciência o Universo não existe — assevera Graça Aranha. — Só por ella e para ella o Universo se realisa".

E Angelo Guido, que aliás, na "Esthetica da Vida", vê "o ponto de partida de uma nova orientação da literatura nacional" — começa a discordar delia: "Graça Aranha não destruiu as duvidas tremendas em que se debate o espirito humano".

Não fundamenta, porém, convenientemente, a discordância. Concede ao seu contestado uma "asseveração" que não é perfeitamente delle e, desde logo, passa adiante, engulindo á pressa o dogmatismo do Mestre, que, já apressado, com elle nos brindára.

Vamos, pois, devagar. Não é bem Graça Aranha, quem assevera que "fôra da consciência o Universo não existe". Asseveraram-no, sim, todos os idealistas, desde os gregos da escola eleatica, para os quaes a realidade se reduz á intelligencia, até Fichte, para quem só existe o *cu*, até Schelling, para o qual o *eu* e o *não-eu* se identificam, até Hegel, para quem a ideia é o ser... "A Esthetica da Vida" apenas repete. Não discute, nem argumenta: dogmatista, reaffirmando. Será, talvez, porque é tão verdadeira a verdade asseverada que não admite discussão, pertencendo já ao patrimonio commum dos conceitos fundamentaes? E' duvidoso. Ainda não se fecharam os debates, nem tão cedo se fecharão, decerto, entre as duas correntes, — dualismo e monismo. Os proprios deterministas, concebendo a consciência epiphenomeno, sobreposta ás funções psychicas, incidem na dualidade. Apenas,



dado o estado actual da sciencia, a ponto que fácil já não é negal-a, importa deter-se a gente a examinar affirmações que ora nos são chocantes.

"O Universo não existe fóra da consciência." Que se entende por isso? Que só subjectivamente existe o Universo e a experiencia é impossível e só a intelligencia é realidade?

Graça Aranha começa dizendo: — "Todo problema metaphisico (philosophico, religioso ou esthetico) está subordinado á consciência que nos explica o Universo, e este só existe *na sua realidade subjectiva* pelo facto da consciência". Aqui não se nega a existencia exterior, objectiva do Universo, em favor de sua realidade interior, egocêntrica... Mas, logo, o pensamento abi ensaiado se expande e se completa na famosa asseveração. E' taxativa. E' absoluta.

"Fóra da consciência o Universo não existe". Antes de tudo, importaria saber o que é consciência. Dil-o Graça Aranha vagamente: — "a consciência é um facto natural, um "modo" da substancia"; "phenomeno neurologico, commum aos animaes, a consciência, que tem os seus orgams phisicos, se desenvolve na escala dos seres".

São essas, duas expressões vagas e, ademais, antagônicas. Que se entende por "modo da substancia"? Certamente o que entenderam os antigos, attribuindo uma alma ás coisas, ao mundo, aos proprios átomos: pantheismo, pan-psychismo, etc. Por outro lado, que "phenomeno neurologico" é esse? Acaso, o epiphenomeno? Não o diz Graça Aranha. Que hediondos "orgams phisicos" são esses da consciência? Devem ser medonhos... Dão assim ideia de machina infernal, não é? Na "escala dos seres"? Mas, desde o átomo ou desde a oellula; desde o vegetal ou desde os animaes; desde a monéra, ou desde os vertebrados? — Eis ahi, nas duas definições consecutivas ou mesmo numa só, a ultima, extranho e impenetrável eclecticismo metaphisico-philosophico-scientífico. Queremos crêr que, de tudo, prefere Graça Aranha a hypothese monista, isto é, pretende dizer que a consciência é puro phenomeno biologico. Queremos crêr.

Ora, ensina Ingenieros, em sieus admiraveis Princípios de "Psicologia", á pagina 272: — "A psychologia biologica pode affirmar categoricamente que *não existe nenhuma realidade a que se possa chamar "consciência"*.

"E' uma abstracção que não corresponde a nenhuma realidade concreta; a "consciência" não existe, nem siquer intuitivamente, sinão como consciência "de algo" que não differe delia 'a não ser por abstracção, da mesma maneira que abstrahimos o conteúdo da forma que o contém. A "consciência" não existe sinão como qualidade commum a certos phenomenos psychicos



fchamados conscientes. Como poderíamos ter consciência sem tel-a de algum phenomeno determinado?"

Assim, não havendo consciência, só ha personalidade consciente, "aquisição progressiva no curso da experiencia individual".

Outra não é a comprehensão de Bergson, em "Matière et <memoire" quando, á pagina 22, fugindo habilmente á definição de consciência, se limita a estudar a percepção consciente:

"Deduzir a consciência seria empresa muito ousada, mas, verdadeiramente, não é ella necessaria aqui, porque, dado o mundo «material, está dado um conjunto de imagens e é impossível, aliás, dar-se outra coisa". Dito isto, era o que bastava. Mas acompanhemos-lhe o desenvolvimento das ideias.

Entre o realismo e o idealismo ha um fundo comrr.um: a percepção tem um interesse todo especulativo; ella é conhecimento puro. "Perceber significa antes de tudo conhecer". "Ora, é este postulado que contestamos". Acompanhando o progresso da percepção externa, desde a monéra até os vertebrados superiores, vê-se que a materia protoplasmica já é irritável, soffre a influencia de estimulantes externos, a que responde por meio de reacções mechanicas, physicas e chemicas. A' medida que progride a escala animal, as reacções se tornam mais variadas, até que se distingue o puro automatismo da acção voluntaria, dando a illusão de que a impressão recebida se espiritalisa em conhecimento. l'uro engano: seria um milagre inadmissível. O papel do cerebro é o de um centro telephonico: permite á excitação ganhar, á vontade, tal ou tal via para effeito da reacção. O systema nervoso não fabrica nem prepara representações. Recebe excitações e apresenta-lhes o maior numero de apparatus motores. A percepção orienta-se para a acção e nunca para o conhecimento puro. Será tanto mais intensa quanto maior fôr a indeterminação deixaria á nossa escolha. A percepção é, pois, a reacção abortada.

Mas como se torna consciência essa percepção? Entra aqui o papel da memoria, que "constitue a principal contribuição da consciência para a percepção, o lado subjectivo do nosso conhecimento". E é neste ponto que Bergson se esquila a "deduzir a consciência", proseguindo na mesma ordem de considerações.

Uma imagem pode *ser*, sem *ser percebida*, estar *presente* e não *representada*. Como se dá a representação? Por accrescimento? Seria impossível: o cerebro nada accresce ás coisas. A representação se dá por diminuição do objecto: apanha apenas a superficie; snprime tudo o que não nos interessa; o resto, pelo proprio isolamento, se torna "percepção". Em linguagem figurada — tudo se passa então como si reflectissemos sobre as superficies a luz delias emanada. Dahi o conceito da percepção-miragem: — "A



•percepção assemelha-se muito a esses phenomenos de reflexão que vêm de uma refntccão impedida; é como um effeito de •miragem".

"A consciência attinge certas partes dos objectos, por certos lados. A consciência — no caso da percepção exterior — consiste precisamente nessa escolha".

Como psychologista, portanto, Bergson está de accordo, em hnhas geraes, com Ingenieros: — não ha necessidade de "deduzir a consciência", "a consciência consiste na escolha", as percepções são percepções de alguma coisa; o que, tudo, está, sem, duvida, melhor dito pelo outro, o philosopho buenairense — não ha consciência e sim personalidade consciente.

Assim também, indiscutivelmente, pensa Th. Ribot, quando, em "As doenças da vontade", (Pg. 11, trad. portugueza) ao explicar que a ideia, no sentido espiritualista, não produz movimento 'de musculos, como por milagre , diz taxativamente: — "Si nos tobtinarmos em fazer da consciência uma causa, nada se poderá comprehender, cahimos em trevas perfeitas; si a considerarmos como *um simples acompanhamento de um processo nervoso*, que é, por si só, o elemento essencial, tudo se tornará claro e desapareirão as difficuldades ficticias".

*

Ora, visto isso, como comprehender o conceito fundamental d' "A Esthetica da Vida"? Decididamente, não se comprehende, ainda que tomando o termo "consciência" em sua accepção monista, que acabamos de expor atravez de tres grandes psychologos. Dar-se-á caso que Graça Aranha conceba o mundo material, á Bergson, como "um conjuncto de imagens" e possa então affirmar que "fóra da consciência o Universo não existe"? Talvez...

Nesse caso, porém, é o proprio Bergson que o contesta, á pg. 11 do livro citado:

"Toda imagem é interior a certas imagens e exterior a outras; mas do conjuncto das imagens não sé pode dizer que nos seja interior, nem que nos seja exterior, pois que a interioridade e a exterioridade não são mais que relações entre imagens. Perguntar si o universo existe sómente em nosso pensamento ou fóra delle é, pois, enunciar o problema em termos insolúveis, suppondo que sejam intelligiveis; é condemnar-se a uma discussão esteril, em que os termos pensamento, existência, universo, serão necessariamente tomados de uim lado e de outro em sentidos de todo differentes".



Em linguagem bergsoniana isso se entende: — a imagem-hornem tem imagens interiores, isto é, as representações e tem imagens exteriores, isto é, as coisas. Mas, o conjuncto das imagens, isto é, mundo material ou universo, não nos é interior, porque somos parte delle e não poderíamos conitelo e a nós mesmas, sendo ao mesmo tempo continente e conteúdo; e não nos á exterior porque não estamos fóra delle, porém, dentro... Perguntar, pois, si o mundo só existe em nosso pensamento — o que vale dizer consciência — é enunciar o problema em termos insolúveis e fazer logomachia esteril, como faz Graça Aranha.

Porventura, será espiritualista o nosso illustre Mestre da Vida ou simplesmente, idealista? Não o é porque ao dualismo declara oppor "a radiante philosophia monista". Supponhamos, entretanto, que o é, dada aquella premissa em que repousa o seu livro: — "Fóra da consciência o Universo não existe. Só por ella. e para ella o Universo se realisa".

Examinemos-Jhe o pensamento apenas sob o aspecto de logicidade: — o universo, criação da consciência, só existe dentro delia. Só se realisa por ella, pois q:ie é criação sua. Mas como "só se rialisa para ella"? Para que tal coisa exista para outra coisa preciso é que sejam... duas; e, no caso, é preciso também que o Universo seja exterior á consciência. Ora, Graça Aranha já disse que não: o mundo, criação da consciência, só *dentro* da consciência existe e só existe por ella, isto é, universo e consciência são uroa e a mesma coisa. E são duas?!...

Na verdade, aquella é uma expressão de espiritualismo.

Não precisamos, aliás, discutil-a, porque se declara monista quem a escreveu; e reconhece a sciencia, cuja objectividade briga com aquella concepção subjectivista; e entende por "consciência" "phenomeno neurologico", produzido por organis proprios...

Registremos, entretanto, a semelhança existente entre aquelle pensamento e a concepção transcendental de Fichte, resumida por Carlyle e por elle aceita. Em suas conferencias "Acerca da natureza do Homem de Letras" — refere o auctor de "Os Heroes" — diz Fichte: — "Todas as coisas que vemos ou com que trabalhamos nesta Terra, especialmente nós mesmos e todas as pessoas, são como uma espede de vestimenta ou de sensorial Apparencia: sob todas elias jaz como sua essencia, o que elle chama a "Divina Ideia do Mundo": tal é a Realidade que "jaz no fundo de toda Apparencia". Para a massa dos homens nada de semelhante a esta Divina Ideia é reconhecivel no mundo; elles vivem puramente, entre as superficialidades, as praticabilidades e apparencias do mundo, não cuidando que ha qualquer coisa de divino debaixo delias. Mas o Homem de Letras é enviado especialmente afim de poder discernir



por si mesmo e nos tornar manifesta precisamente essa Divina Ideia..."

Eis ahí o núcleo de ideias donde saíu a maior parte da "Esthetica da Vida": — o universo, conjuncto de apparencias na visão de consciência; a "Divina Ideia", de Fichte, a "Indizível Significação Divina", de Carlyle, a "Consciência Metaphysica do Todo Infinito", de Graça Aranha, très respeitáveis e rotundas denominações de coisa nenhuma; a "Concepção Esthetica do Universo" e o desejo de "posar" o Heróe-Homem de Letras... Não lançamos em rosto ao auctor nenhuma pilhagem de ideias: ellas andam no ar e cada um se serve delias como pôde. Só queríamos saber como se concilia toda essa transcendência com o monismo realista... E isso não conseguimos.

*

Em resumo: — vimos com Ingenieros que não ha consciência; assistimos, com Bergson psychologo, a longa e astuciosa fuga para longe delia, ao mesmo tempo que a víamos objectivada em "percepções conscientes", o que é um modo de negal-a; e negamol-a, com Ribot, que a um e outro, mais que subsídios, offereceu as bases em que assentam suas ideias. A seguir, acceitamo» que Graça Aranha se inspirasse em Bergson e vitnol-o negado pelo proprio Bergson. Concedemos-lhe que, contra Graça Aranha, o nosso Mestre da Vida fosse espiritualista e vimoŕ-o negado por si mesmo.

Que concluir de tudo? Que Graça Aranha não é philosopha e sim estheta? Mas, o estheta procura elementos na philosophia e as suas construcções hão de ser sobrietudo lógicas. E' um artista? Não nos apresenta uma só pagina de estylo, puramente e nenhuma de pensamento, si é possível distinguir entre umas e outras. "Jllusão" não responde a essas perguntas.

E' preciso, entretanto, comprehender Graça Aranha, desde que é collocado ao par de Nietzsche, Kant, Spinoza. Leiamos, pois, a sua mlehor critica, noticia européa que lhe outorga fóros de génio. No "Mercure de France", n.º de 1.º de Dezembro de 1921, pagina 528, encontramos longo estudo subscripto por Tris^tão da Cunha, que muito nos esclarece:

Os três livros de Graça Aranha, "Ohamaan", "Malazarte" e "A Esthetica da Vida" illustram a sua evolução "dos tormentos¹ da consciência, dualista á serenidade esthetica". Ora, temos visto o contrario: — nenhuma serenidade e tormentoso imbroglio. Depois de ter dado dois livros de ante pura — continua — "G. A.



EXPOSIÇÃO NACIONAL



PORTA PRINCIPAL E PALACIO NACIONAL

EXPOSIÇÃO NACIONAL



Pavilhão do Distrito Federal

quiz de algum modo fazer-nos .o comtmentario de sua obra, explicar-lhe os symbolos e propôr-nos a sua philosophia pratica". Convenhamos que nisto logrou fins plenos : quem não lhe penetrára a metaphysiica de "Chanaan", fica sabendo que ella é para se não p'enletrar... "Os ensaios que compõem o seu ultimo livro — estabelecem theoria, sendo todos ligados por uma idéa conductora e repetindo todos o motivo principal, isto é, a unidade universal da *consciência esthetica* do mundo". Combinando "is resultados seculares das experiencias scientificas especializadas, — prosegue — "o philosopho pôde vir a oppôr ao dualismo, pessimista por definição, o que /Graça AraJnha ohama o *radio monismo esthetico*, único capaz de dar-nos, com uma explicação empírica do universo, a serenidade moral que toda philosophia procura".

Antes de tudo, em "A Esthetica da Vida" nunca ise fala em "consciência esthetica", expressão creada pelo seu hábil apolo-gista, afim de emprestar-lhe um ar de lógica e lintelligencia que «Ha não tem ; também naquellas paginas não se encontra referencia a "monismo esthetico" de especie alguma ; p que lá se lê muitas vezes é "consciência metaphysica", que os dictionarios philosophicos não registram e só pôde ser entendida como "consciência moral", différente de "consciência psychologica" ; assim também, em vez de "monismo esthetico" lê-se no livro — "philosophia monista".

Já vimos como Graça Aranha "combinou os resultados das sciencias" ; como se oppoz ao dualismo ; e como explica "empiricamente" o universo...

"A obra de Graça Aranha é o reflexo de sua attitude para com o mundo, a flôr e o fructo do sien pantheismo cordial". Já não é, pois, monista com a sciencia: é pantheista...

"Nelle a critica é positiva". — Temol-o visto... "Tenho-o por um espirito genial". — Sem duvida, pois tudo baralha, não é •verdade? "E' original, tumultuoso, ás vezes vulcânico..." E' grande o ipoder da generosidade, que transforma em virtudes os vicios ! Tumultuosos, vulcânicos são todos os collegiaes, insipientes no pensar e no escrever : têm a cabeça em tumulto, o cerebro em lavas e se permitem todas as inconveniências e iodos os absurdos.

"E' um dyonisiaco á miaineira de Nietzsche e, como elle, um pensador musical". Pensador musical é, decerto, como pensador wagneriano, obscuro, incomprehensivel. Mas, perdão, Nietzsche entende-se !

Com toda essa generosidade, a critica de Tristão da Curto é esplendida: confirma o leitor na incomprehensão dos absurdos d' "A Esthetica da Vida".





AS FRONTEIRAS DO SUL

FERNANDO NOBRE

Os Ingleses rechassados no Rio da Prata. A Independencia Norte-Americana. Novas luctas. A politica de Elio, Governador de Montevideo, busca a approximação do Brasil. As agitações napoleónicas no continente europeu. A ambição da corôa portuguesa de implantar em Buenos Aires um throno para a princesa Carlota Joaquina. O clarim da independencia na America do Sid, resôa em Montevideo, em 1808. Desintelligencia entre Montevideo e Buenos Aires. O que era Montevideo de então.

Do mesmo modo que os reinos de Portugal e Castella rivalisaram em descobrimentos na auirea época de sua Historia, rivalisaram, também, nas suas consequentes iniciativas de expansão e colonisação.

Cada uma dessas potencias, por seus representantes colonisadores, se debate com denodo no grande empenho daquelle espirito avassallador, em cujo commettimento se celebrisam e até se immortalisam os seus mais arrojados homens, na mór parte súbditos originários daquelles paizes e alguns indígenas, ou já filhos nativos destas plagas americanas.

N. da R. — O prese'nte capitulo faz parte cia obra "*As fronteiras do Sul* — A jurisdicção das aguas do Prata e a Ilha 'de Martin Garcia", que acaba de ser publicada, em S. Paulo, pelo sr. dr. Fernando Nobre. Trabalho de vulto, mereceu os maiores encomios de Clóvis Bevilacqua, Capistrano de Abreu e outros intellectuaes.



Rivalisaram em tudo : — em idéas e princípios, em coragem e em luctas, nos meios e nos fins, nos desígnios e nos resultados, na glorias e nas compensações, nos fructos e nas consequências.

Estudando o ponto a que nos dispuzemos — "*as fronteiras*" — no decorrer desses três agitados séculos que medeiam desde a descoberta do Rio da Prata, quiçá, em 1508, até ás pretensões napoleónicas e o advento da familia real portugueza ao Brasil, em 1808, vimos que as Corôas, aqui, em suas coíonias, bem como as successivas gerações de colonisadores e conquistadores recebiam de seus antepassados as heranças das suas rivalidades e o espolio das suas conquistas, completamente despídos de beneficio de inventario, marcando com a cruz intemerata das suas espadas ou com a lamina das suas adagas os limites e os territorios conquistados, em linhas mais ou menos sinuosas, mais ou menos duradouras, mais ou menos tintas de rubro, mas que só se conservavam por força dos postos avançados, vigilantes, em atalaia e de lança em riste...

Assim é que cada um desses chamados momentos historicos, como os das nossas apreciações, era dado dentro de um lapso de tempo mais ou menos curto, em que extensões de territorio se apanhavam dentro de linhas limitrophes mais ou menos fugazes.

Em summa, os Portuguezes viram frustrados todos os seus ingentes esforços para que a linha de limites ao sul fosse o traço largo marcado pelo Rio da Prata no dorso dos pampas e dos mappas.

No ultimo ajuste, apenas reconquistaram as Missões, á ilharga do Rio Grande. Com a perda da debatidissima Colônia do Sacramento, Montevideo e adjacências, os Portuguezes não mais obtiveram toda a margem septentrional do Prata.

O governo de Montevideo, que tanto auxiliara e tão jubilosamente assistira, em 1806, á reconquista de Buenos Aires, operada por Iviniers contra os Inglezes commandados por Beresford, recebendo por esse faustoso acontecimento aquella cidade e seu escudo honras regias especialíssimas, — essa mesma "*Muy Fiel y Reconquistadora*" Montevideo era tomada pelo general inglez Auchmuty, a 3 de fevereir ode 1807, máugrado os esforços do mesmo e devotado Liniers.

Refeito em Montevideo, o general em chefe das forças inglezas — John Whitelocke — tenta retomar Buenos Aires, sendo, porém, rechassado e obrigado a evacuar completamente o Rio da Prata.

Depois de sete mezes de dominio britannico, em virtude daquella capitulação, os Inglezes retiram-se definitivamente de Montevideo a 9 de setembro de 1807.

Torna-se, neste particular, indispensável a seguinte consideração: — desde os esforços combinados dos gabinetes de



Pariz e de Madrid, em prol dos Estados Unidos da America do Norte, para dahi expulsarem os Inglezes e sacudirem o seu jugo, colimando a independencia que immortalizou Washington, — a Gran-Bretanha, naturalmente, e num gesto rispido de represalia, empenhou-se em envolver-se nas colonias hispano-americanas, assaltando-as, suscitando e protegendo revoluções, promovendo sublevações contra a metropole e disseminando a mais infrene propaganda de idéas separatistas e de independencia, para o que, naturalmente, acenavam com o fulgurante exemplo historico da independencia da própria America do Norte.

A esse tempo, Carlos IV nomeia Vice-Rei das Províncias do Prata a Santiago Liniers, sendo nomeado o Coronel Francisco Xavier Elio para Governador de Montevideo.

-O Governo do Rio de Janeiro, para precaver-se, como dissemos atrás, contra a vizinhança dos Inglezes reincidentes em seus planos e contra as mui prováveis invasões francezas, enviou para o Rio da Prata o Brigadeiro Joaquim Xavier Curado, o qual não pôde passar de Montevideo em vista das desconfianças e indisposições de Liniers contra os Portuguezes.

A esse passo, Liniers ordenava a Elio que se aprestasse com mil e oitocentos homens e, por via Maldonado, marchasse e cahisse de polpe sobre o Rio Grande.

Lance de grande relevancia histórica foi o que, então, se desenrolou.

Elio, sagaz e ponderado, senhor da verdade quanto ao espirito do seu povo, conscio das suas aspirações de independencia, compreendeu que não seriam de maior efficacia os bons officios que porventura pudesse vir a empenhar o Vice-Rei do Rio da Prata, em semelhante salvaguarda, ou em qualquer outra, em favor de Montevideo. Ainda mais se certificara disso, ante o fracasso dos auxilios prestados por aquelle governo e que haviam sido impotentes para resguardas sua Província do recente insulto inglez.

Facilmente vislumbrou o Governador montevideano as solidas vantagens que poderiam advir para o seu governo, se conquistasse as boas graças do real e imperial governo do Rio de Janeiro, então capital da corôa portugueza. Era certo, além de tudo, que o Gabinete carioca lh'as offerencia.

Sob tão justificáveis reflexões retorquiu ás ordens do Vice-Rei declarando ser-lhe impossível obedecer. Pretextava não poder aprestar os taes mil e oitocentos homens, em vista de não lh'o permittir o estado de suas tropas. Além disso, ponderava serem enormes as distancias a vencer, penosíssimas as jornadas no rigor do inverno que reinava e, sendo estação chuvosa, os correços e arriões estariam invadeaveis. Demais a mais, se dado lhes fosse



vencer taes asperezas, por certo que, ao journadear em aquellas cento e trinta léguas, até o Rio Grande, iriam topar, em estado de jámais poderem combater, inimigos descansados, fortes, nutridos e bem municidados, sendo certo que tal expectativa faria assustar qualquer general á frente, mesmo, dos soldados mais intrépidos.

Liniers o comprehendeu e foi bem reciproca e hostile a attitude assumida pelo Vice-Rei contra o Governador de Montevideo.

A situação tornava-se critica e da maior gravidade, sobretudo devido aos reflexos provenientes do agitado período que commovia as nações européas.

Napoleão despojara Fernando VII da sua corôa e, aprisionando-o, sentara seu irmão — José Buonaparte — no throno de Hespanha.

Houve, contra isso, repulsa declarada por meio de "*Juntas*", que se organisaram em províncias hespanholas em acção de represália contra o invasor e usurpador do throno.

Chegavam, em consequência, ao Rio da Prata emissários para conseguirem a adhesão das colonias em prôl de tal movimento.

Sassenay pugnava para obter essa adhesão a favor de Buonaparte, e Goyenneche havia chegado exactamente a procurar capital-a em prôl da "*Junta de Sevilha*". Montevideo declarou-se por esta ultima, entre vivas e aclamações a Fernando VII.

No entusiasmo desse feito, Elio aproveitou-se do ensejo para dirigir uma interpellação a Liniers, concitando-o a tomar declaradamente partido, — pois, sendo Liniers francez nato, embora houvesse dedicado, durante quasi trinta annos, os seus bons officios e o melhor da sua vida ao serviço da corôa de Hespanha, merecia, nessa conjunctura, ser posto em duvida, dado o seu berço.

Liniers, com a dignidade do seu alto cargo de Vice-Rei, elle que nunca discrepara, absolutamente abnegado e leal até ao sacrificio, tendo posto muitas vezes em risco a própria vida pelo rei de Hespanha, firme no seu posto, não titubiou em contestar a ousada interpellação, depondo Elio do governo de Montevideo e nomeando Michelena para o substituir.

Estava, porém, de tal modo identificado o povo de Montevideo com o governador Elio — fidelíssimo interprete das suas aspirações — que foram *in limine* desobedecidas as ordens vindas com a resolução de Liniers, sob a seguinte allegação: — "*desde que no existia ei Rey d'España, habia caducado la autoridad de su representante — el virrey.*"

A 21 de setembro de 1808, occorreu em Montevideo um dos acontecimentos mais memoráveis da Historia sul-americana. Pródromo das mais legitimas ambições que enchem os peitos ávidos de independencia, foi esse facto — o de ahi reunir-se, naquella data,



uma assembléa popular que constituiu uma "*Junta de Governo*", a cuja presidência elevaram Elio.

Essa pagina da Historia Uruguaya exerceu decisiva influencia no espirito da época e surtiu as mais retumbantes consequências a favor da autonomia de varias provindas da colonia hespanhola, que anhelavam constituir-se em Estados independentes.

Tal "*Junta de Governo*", embora de curta duração, pois se dissolveu no anno seguinte, foi o signal de alarme contra a autoridade da metropole, o toque de clarim para a sublevação precursora da nova éra que a "*Revolução de Maio*" veio marcar.

Os échos dessa chamada "*La Junta dei año 8*" iam-se repetindo ao longo dos pampas e desdobrando de quebrada em quebrada para fazer transpor os cumes andinos a justa rebelião e reiterar-se, no mesmo diapasão, nas idênticas "*Juntas*" de Chuquissaca, de Quito e de La Paz!

Cortando essa digressão do ponto principal que mira o nosso estudo, diremos, em summa, que Fernando VII, prisioneiro de Napoleão desde 1808, voltou ao seu throno em 1814 e durante o seu reinado fizeram-se independentes todas as colonias hespanholas da America do Sul.

E' obvia a apprehensão que veio causar no animo das Cortes européas e, sobretudo, na de Portugal, o celebre decreto de 1811, bem symptomatico da situação e no qual, em pacto secreto, a Hespanha admittia a mediação da Gran-Bretanha no intuito de conciliar as Províncias da America, sob bases pre-estabelecidas e (nem o precisava dizer) com exuberantes vantagens para o commercio inglez...

Perfeitamente supérfluo seria aqui alludirmos á razão lógica que explica a adiação da independencia do Brasil, dada a natural influencia que se operou nesta colonia com a mudança da Corte portugueza para o Rio de Janeiro.

"*La Junta del año 8*", com a sua alma de independencia, foi a pedra de toque para a separação e rivalidade de Montevideo e Buenos-Aires, — facto esse do qual se originaram os attritos politicos em que tanto se escorcharam, envolvendo-se no embate também o Brasil.

Além do mais, com a intervenção dos Inglezes, que haviam sido, ha tão pouco tempo, intrusos dos mais indesejáveis, tudo eram motivos que, de dia a dia, se multiplicavam no sentido de exigir a mais apurada attenção do governo do Rio de Janeiro para aquellas bandas.

Em outubro de 1809, o Conselheiro do Conselho Ultramarino — D. Diogo de Sousa — mais tarde Conde do Rio Pardo,



tomava posse do governo da *Capitania de S. Pedro*, pois a esse grau era elevada a Colonia do Rio Grande (1).

Em julho do mesmo anno, chegava, enviado pela "*Junta de Sevilha*", o Brigadeiro da Armada — Baltazar Hidalgo de Cisneros — para substituir Liniers no cargo de Vice-Rei das provindas do Prata.

Elio, que também se indisputara com este, retirou-se do governo de Montevideo e seguiu para a Hespanha, deixando para substituí-lo, conjunctamente, D. Joaquim de Sória e D. Cristóbal de Salvafach.

Cisneros, que teve de arcar com vários movimentos sediciosos, nos quaes se convulsionavam as idéas já irreprimíveis da revolução patriótica da independencia, viu-se também hostilizado por seu antecessor — o mallogrado Liniers — que se havia afastado para Córdoba.

Procurava o novo Vice-Rei apaziguar tal estado de superexcitação, suffocando geitosamente esses movimentos sediciosos e, para manter-se no governo, tentava attrahir as sympathias do povo, sobretudo as dos estancieiros. Teve, para isso, a iniciativa de decretar o livre commercio entre os Castelhanos e os Inglezes e Portuguezes, contrapondo-se, embora, á vontade do Cabildo e do Consulado. Também não titubiou em ceder a uma "*Representación de hacendados*", dirigida em nome da classe pelo Doutor Moreno, o proprio que, mais tarde, se celebrisou como prócer da Independencia. (2)

Montevideo de então, para repetir com fidelidade o que diz o emerito Bauzá, era "pequenina cidade que se erguia encerrada

(1) Grandes eram as vantagens e necessidades apontadas para a elevação da Colonia do Rio Grande, á categoria de Capitania Geral, independente da do Rio de Janeiro, e taes se acham apontadas no officio que o Conde de Rezende, Vice-Rei do Brasil, a 23 de janeiro de 1798, endereçava ao Secretario de Estado do Ultramar e no officio dirigido por este mesmo Secretario, em 31 de outubro de 1799, ao Governador Veiga Cabral.

Foi criada a junta da fazenda dessa Colonia, em virtude de Carta Régia de 14 de julho de 1802, tendo a mesma começado a funcionar em 14 de fevereiro de 1803, dando resultados para a Real Fazenda, que excederam a toda a expectativa.

(2) Esta *Representation*, segundo Mitre, constiue um monumento imperecível do gênio de seu autor e nella a valentia da linguagem campeia a par das mais sãs idéas economicas. Pedindo liberdade de commercio, concluía a sua representação dizendo: '*No confino el soberano á V. E. la alta dignidad de virrey de estas provincias para velar sobre la suerte de los comerciantes de Cádiz, sino sobre la nuestra, etc.*' E, ainda opina o mesmo grande historiador, esta revolução economica em que a Colonia se emancipou commercialmente de Hespanha foi o primeiro passo atrevido dado no sentido da Independencia. — Bartolomé Mitre — "*Historia de Belgrano y de la Independencia Argentina*".



em um quadrilátero de fortificações, que havia resistido desde a infância aos embates da guerra e ás travas do monopólio. Com o título de *Cidade* vegetava a este o casario de Maldonado, que preocupações ineptas de todo genero haviam sacrificado ao nascer. A oeste, um montão de ruínas testemunhava que havia existido a Colonia do Sacramento. Em direcção ao norte, desde Daymán até ás Missões, apenas o forte do Salto interrompia a solidão em todo esse espaço em 1801 arrebatado pelos Portuguezes. No resto do Paiz só se conhecia uma ou outra fortificação militar erecta por precaução contra os inimigos. A população da Província, de accôrdo com os dados aproximativos de Azara e de Funes, não passava de uns 40.000 habitantes, dos quaes 15.000 e poucos residiam em Montevideo.

Mas, sob a cortina de toda aquella agitação de ânimos, ante as varias metamorphoses de governos e, notadamente, tomando-se em consideração as rivalidades entre Argentinos e Orientaes, deve-se vislumbrar um factor de grande importancia e que, encovertamente, actuava com a maior actividade sobre taes successos: — era a aspiração que se apoderava do espirito da princeza D. Carlota Joaquina. Na sua qualidade de filha mais velha do Rei D. Carlos IV, que, com quasi toda a familia hespanhola de Bourbon, se achava prisioneiro da França, aproveitando-se da situação politica da península sob a acção napoleonica e das desintelligencias em que se revolviam as colonias de Hespanha, aspirava aquella princeza, com todas as suas energias, a sentar-se num throno que se erigisse em Buenos-Aires. Apoderara-se de seu fútil espirito que, assim, empunharia um sceptro que seria proprio, independente do de seu infeliz marido, a quem abandonaria para cingir uma corôa num governo em que ella fôsse a figura maxima, — o que não podia succeder no do Rio de Janeiro.

D. João VI, obediente á politica que seu gabinete vinha tramando desde Lisboa, em beneficio de sua própria corôa e desejoso da sua tranquillidade domestica, demonstrava coadjuvar as pretensões da endiabrada princeza, a quem nenhum laço de affecto conjugal o unia. Fêl-o, porém, discretamente, como o exigia o caso.

E' factó, ainda, que houve neste lance historico o episodio chamado das *intrigas platinas*, de que trataremos no capitulo seguinte e cuja alma foi o Conde de Linhares, animado de grandes planos politicos.

Era o momento azado de agir, pois estavam sobremaneira anarchisados os governos platinos, naquella época de transições.

Dava-se o levantamento popular que estalou em Buenos-Aires em primeiro de janeiro de 1809. O Vice-Rei Liniers, depois



de vacillar publicamente (1) com a proclamação de 15 de agosto de 1808, sobre o reconhecimento do novo monarca hespanhol, acabara por sér obrigado a jurar obediencia ao mesmo Fernando VII, — em quem o pae — Carlos IV, como vimos, abdicou em Aranjuez a corôa. Tornou-se, portanto, o dito Liniers submisso á Junta de Sevilha. Ao mesmo tempo, o Cabildo portenho e as principaes autoridades aconselhavam o dito Vice-Rei a renunciar o cargo para evitar derrame de sangue nas ruas de Buenos-Aires. (2) Concomitantemente, Elio — governador de Montevideo — firmava-se em sua politica realista e aquelle mesmo Liniers, hostilizado pelo dito Elio, deportava para a Patagônia os principaes conjurados contra a sua autoridade de Vice-Rei.

U. João VI, conseguintemente, não podia perder essa óptima oportunidade e procurara elementos de acção, alliciando vários adeptos e emissários em pról da causa que esposara com tanto agrado da Princeza sua mulher.

D. Manuel Goyenneche, a quem já tivemos oportunidade de nos referir, trahira em Hespanha José Napoleão, passanlo-se para o serviço da Junta de Sevilha, a mandado da qual vinha para o Prata. (3) Como estava de passagem pelo Rio de Janeiro, foi dos primeiros chamados para adherir á causa das pretensões da Princeza, incumbindo-se de fazer não só em Montevideo e Buenos-Aires a desejada propaganda, mas também de assoalhal-a pelo interior até o Chile e o Perú, para onde levava a missão de que o investira a alludida Junta.

O Pincipe Regente entendera-se também, desde logo, com o Cel. Santiago Burke, que servia sob as ordens do vice-almirante inglez — Sidney Smith, chefe da esquadra britannica que se achava fundeada no Rio de Janeiro.

Muitos outros eram os proselytos angariados quer pelo Principe, quer pela Princeza, quer directamente ou indirectamente, quer em entendimentos pessoases, quer por meio de numerosas cartas. Dessa interessante correspondência encontram-se innumeras cartas dadas á publicidade por um dos proprios confidentes de D. Carlota Joaquina — José Prezas. (4) Correspondia-se a Princeza com o proprio Vice-Rei Liniers, dirigindo-lhe cartas conjuntamente com o Dr. Saturnino Rodrigues Peña, argentino de

(1) Funez — *"Bnsayo de la Historia Civil dei Paraguay, Buenos-Ayres y Tucuman"*.

(2) Parish — *"Bucnos-Ayres and River de la Plata"*.

(3) Mitre — *"Historia dei General D. Manuel Belgrano"*, cit.

(4) V. *"Memorias secretas da princeza D. Carlota Joaquina de Bourbon"* — Bordéus, 1828.

accentuadas idéas monarchicas. Idêntica correspondência era travada com D. Gregorio Funez, illustre historiador, a quem tantas vezes nos temos referido, deão da cathedral de Córdoba, e, bem assim, com D. Juan Almagro — assessor do vice-reinato, como também com o Marquez de Sobremonte e muitas outras personalidades de influencia em Buenos-Aires e no interior das Províncias. Pela correspondência constante entre a Princeza e Prezas — seu secretario particular — vê-se como as suas diligencias eram prestas, e, por curiosidade, passamos a extractar, por exemplo, as seguintes linhas:

"Prezas, remito los papeies y las cartas', las de las juntas no le puzé el titulo, porque yo tuve mi duda: cuando tu vengas, traseme la carta del vircy, y para Florida Blanca; en la del virey ponle que el portador de la carta es el coronel D. Santiago Burke, que es de mi confianza, y que el mismo le dirá la comision de que a cargado. Bien sabes que es preciso contentar á todos, y por faltar dós palabras no descompongamos todo. 8 de Noviembre á las ocho y tres cuartos."

"Prezas, remito la carta de Liniers: y yá estan licchas todas las que Jian de ir para Bucnos-Aires y Montevideo."

"Prezas, las cartas las quiero todas mariana para despachar á Cortês y á Cerdan despues de mariana, así como las dos cartas para ellos y tambien la de Abascal para que ellos la lleven. La de Goyenneche que vaya bien tocadita y al mismo tiempo agradecida para el buen êxito de nuestro negocio; y las de ellos que scan honrosas y obligantes e prometiéndoles que yo sempre he de mirarlos como que fueron los primeros Espanôles que vinieron aqui y como ellos mereceu, etc., y mandante los nombres porque yo no los sé, y su puesto, si son capitanes ó tementes, para ponerles al sobrescrito."

Por ahi se vê, também, o lugar commum que occupava a instrucção da Princeza. Entretanto, o Dr. Rodriguez Peña, em sua céga propaganda, não se pejava de fazer a mais rasgada apologia, não só ás qualidades elevadas e aos sentimentos heroicos daquella Princeza, como ainda fazia elogios á sua illustração... E' isso o que se vê dos seguintes paragraphos de uma das suas cartas, datada de 4 de outubro de 1808:

"La señora donã Carlota, princesa de Portugal y dei Brasil, e infanta de Espaiia, tiene una educación ilustrada y los sentimientos mas heróicos. Esta mujer singular y tanto que la créo única en su clase, me parece dispuesta á sacrificado todo por alcanzar Ia, noble satisfacción de servir de instrumento á la felicidad de sus



semejantes. Es imposible oír hablar á esta princesa sin amaria: no posee una sola idéa que no sea generosa, y jamás dió lugar á las que infunden en estas personas la adulación y el despotismo. Parece prodigiosa la vcnida de tan digna princesa, su educación, intenciones, y demás extraordinários circunstancias que la adornan, en cuya virtud non dudo ni Vds. deben dudar que esta sea la heroína que necessitamos y la que seguramente nos conducirá al más alto grado de fclicidad. Pero para conseguirlo es absolutamente necessário que Vds., apartando toda preocupacón, se dedigncn á meditar com reflexión sobre sus debercs, intercses^ generales, y urgentísimas circunstancias dei día, y despues suplicar á S. A. R. la princesa se digne ampararlos y protegrlos, para cuyo fin le liacen la siguiente proposición que me atrevo á garantir:

"Los Americanos, en la forma más solemne porque ahora les es posible, se dirigen á S. A. R. la señora doña Carlota Joaquina, Princesa de Portugal y infanta de Españā, y la suplican les dispense la mayor gracia y prueba de su generosidad dignándose trasladarse al Rio de la Plata, donde la aclaniaVan por su regente en los términos que sean compatibles con la dignidad de una y la libertad de los otros. Convocando cortes seria muy conveniente para este caso accordar las condiciones y circunstancias que tengan ó pueden tener relaeión con la independecia de la patria, y con la dinastía que se cstablezca en la heredera de la immortal reina doña Isabel, quien cicrtamenle tuvo la mayor parte en la conquista de las Américas, etc.

"Son muy manifiestas por si mismas las causas que pueden haberme obligado á abrazar este partido, y así solo diré: que mis honrosas intenciones nunca fueron otras que la de sacrificarme al bien de la patria, aprovechando la oportunidad de sacudir, sin los horrores de una sublevación ó tumulto, una • dominación corrompida por el abuso de unos ministros codiciosos y bárbaros, y que sin estos motivos jamás puede debidamente influir en la fclicidad de sus vasallos un rey que se halla á la distancia que el de España de nosotros, etc."

Se é verdade que a propaganda imperialista não encontrava echo nos confins do Chile e Perú, não é, porém, menos exacto que em Buenos-Aires a idéa medrava num terreno de verdadeiras sympathias, maximé no espirito dos homens de maior destaque na vida publica. Estavam todos convencidos de que a salvacón do Rio da Prata consummar-se-ia proclamando-se uma nova dymnastia na pessoa de D. Carlota Joaquina, pois estavam todos promptos a acclamal-a soberana, desde que ella fósse para Buenos-Aires e consentisse em acceitar instituicões livres para a nova monarchia.

Effectivamente, existia na alma popular o sentimento de rebellião contra semelhante idéa, mas, não obstante, ainda o repeti-

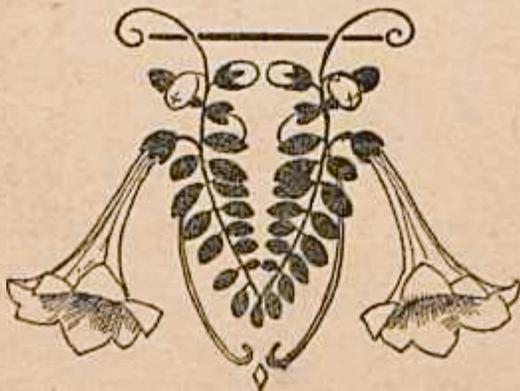


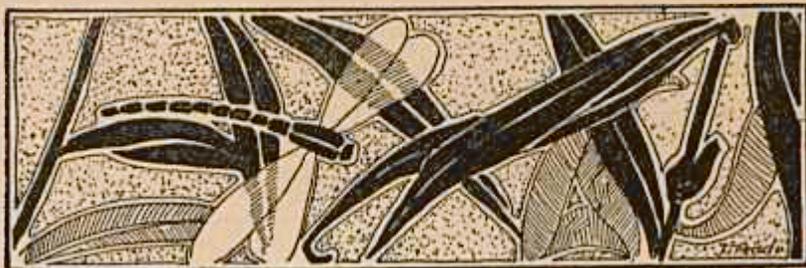
mos, era facto incontestável que os homens de mais valor se rendiam cordealmente áquellas convicções. Também é certo que a alguns desses faltara a hombridade para se declararem positivamente. E, assim, por exemplo, o ex-Vice-Rei Liniers, publicando que jámais pactuara com as pretenções de D. Carlota Joaquina,, talvez faltasse á verdade, segundo testemunhos fidedignos e o parecer de eminentes historiadores. (1)

Chegou-se em Buenos-Aires a organizar uma sociedade secreta com o intuito de patrocinar as pretenções da Princeza, constituindo-se sua direcção de sete membros entre os mais conspícuos elementos da politica platense. Eram elles : D. Manuel Belgrano, D. Nicoláu Rodrigues Peíña, D. Agostinho Donao, D. Juan José Pasos, D. Manuel Alberti, D. Hipólito Vieytes e D. Juan José Castelli.

Entretanto, em todo esse terreno propicio e promissor ás idéas monarchicas, não medrou, como era de esperar, tal desideratum, pois a elle se oppunham os entraves da soberania do povo. Comtudo, a sementeira lançada não deixaria de produzir frutos que, cerca de um decennio mais tarde, ainda viriam convulsionar os horizontes políticos sul-americanos.

(1) Calvo, Belgrano e Mitre.





NOTAS BIOGRAPHICAS DE GEOLOGOS (*)

POR J. C. BRANNER

XII

PETER WILHEUN LUND

NASCEU aos 14 dias do mez de Junho de 1801 em Copenhagen, Dinamarca e falleceu aos 25 de Maio de 1880 em Lagoa Santa, na então Província de Minas Geraes. Era filho de Henrique Lund, opulento negociante de Copenhagen, que falleceu em 1820 deixando uma fortuna considerável.

Peter Lund graduou-se na Universidade de Copenhagen em 1818, principiando logo após o estudo de Medicina.

Fascinado pelo estudo de historia natural, abandonou a medicina, dedicando-se inteiramente a estudar botanica, zoologia e physiologia. Homem de constituição fraca, decidiu residir nos tropicos, quando ainda occupado com seus estudos, afim de evitar a doença fatal que já havia victimado seus dois irmãos. Deixando a Dinamarca aos 28 de Setembro de 1825, estabeleceu-se na cidade do Rio de Janeiro.

Não obstante haver-lhe deixado seu pae bens de fortuna, a



(*) V. números de Agosto e Outubro.



Sociedade Scientifica de Copenhagen obsequiou-o com instrumentos necessários para fazer observações meteorologicas, além de uma pequena somma annual para cobrir as despesas feitas com as collecções que porventura enviasse ao Museu de historia natural.

Lund chegou ao Rio aos 8 de Dezembro de 1825, iniciando immediatamente o seu trabalho de colleccionar plantas e insectos.

Residiu em Nictheroy até Julho do anno seguinte, mudando-se para Nova Friburgo, indo, passados 4 mezes, para a fazenda do Rosario, onde permaneceu por um anno e meio, estudando e colleccionando animaes e plantas.

Em Janeiro de 1829, regressou á Europa, onde visitou as collecções zoologicas mais afamadas, sobretudo as oriundas do Brasil. Com esse fim, visitou o sul da Sicilia, onde se entregou a estudos botânicos.

n

Depois de haver percorrido varias cidades da Italia, foi a Paris, onde se encontrou com Decandoble, Milne-Edwards, Cuvier e Humboldt.

Aos 12 de Novembro de 1832, deixou Hamburgo, chegando ao Rio de Janeiro aos 19 de Janeiro do anno seguinte. Logo depois fez conhecimento com o dr. Riedel, companheiro e collega de Landsdorff, combinando ambos uma excursão ao interior do Brasil. Partiram a 12 de Outubro de 1833, passando por Taubaté, S. Paulo, Campinas, Araraquara e Villa Franca chegando a Curvello, cm Minas, aos 10 de Outubro, depois de atravessarem o Rio S. Francisco. Foi ahi, na fazenda "Porteirinha" que Lund pela primeira vez visitou as cavernas calcareas de Minas Geraes, a cuja exploração mais tarde devotou a sua vida.

Continuando a excursão, chegaram a Ouro Preto, via Lagoa Santa e Sabará. Dessa cidade, Riedel regressou para o Rio.

Lund voltou ás cavernas da visinhança de Curvello, interessando-se especialmente pela Lapa Velha e Lapa Nova de Maquirié, escrevendo sobre esta o seu primeiro relatorio. Em Curvello, empregou os serviços do norueguez P. A. Brandt, para preparar as illustrações de sua obra. Brandt esteve em sua companhia até o fim de sua vida, já como desenhista, já como auxiliar na exploração das cavernas e seus fosseis.

Em Agosto de 1835, Lund completou seu relatorio sobre a caverna de Maquiné enviando-o para Copenhagen. Isso feito, sahiu em busca de novas cavernas nas immediações do Rio das Velhas. Tendo visitado dezenove différentes localidades, chegou finalmente a Lagoa Santa, aos 7 de Outubro, ahi passando o inverno.



Suas excursões subsequentes foram feitas dessa base de operações, onde, ao chegar em 1835, alugou uma pequena casa, que occupou até os seus últimos dias. >

Em Junho de 1836, enviou o seu segundo relatório sobre as cavernas calcareas brasileiras á Sociedade Scientifica de Copenhagen.

Um anno depois, deu inicio á publicação de artigos sobre historia natural, que continuou até 1844. Esses artigos referiam-se especialmente aos animaes prehistoricos da região, porém, com o intuito de estabelecer comparações, diziam muita cousa sobre a fauna então existente no Brasil.

Em 1842, o seu trabalho foi mais ou menos interrompido pela revolução que estourou em Minas e em S. Paulo.

Nos annos seguintes, porém, recomeçou-o com maior actividade.

Em 1847, recebeu a visita do dr. Reinhard.

Em 1853, preparava-se para ir á Europa, o que não conseguiu por haver apparecido a febre amarella no Rio de Janeiro.

Em 1862 morreu o seu assistente Brandt, convidando Lund para seu secretario o dr. Eugen Warming, eminente botânico hollandez que exerceu essa função -de 1863 a 1866.

Os seus últimos annos, viveu-os Lund socegradamente, na tranquillidade característica do interior brasileiro, vindo a fallecer aos 25 de Maio de 1880 em sua casinha de Lagôa Santa, onde foi inhumado.

A sua obra sobre os fosseis encontrados nas cavernas de Minas constitue um dos mais importantes trabalhos biologicos e geologicos até aqui feitos na America do Sul. Além das muitas e valiosas publicações, deve-lhe o mundo scientifico admiração pelas collecções enviadas aos Museus da Europa, que serviram de estudo para Lutken, Reinhardt, Hansen e Winge.

Os pormenores da vida de Lund podem ser encontrados na biographia que sobre elle publicou no Rio o dr. T. H. Langgard em 1833.

Ha um topico interessante sobre a casa e as reliquias de Lund num artigo do Barão Homem de Mello, publicado na "Revista Industrial de Minas Geraes" (vol. V, pagina 12, Ouro Preto, 20 de Junho de 1897.)

Diz esse escriptor: "Sua bibliotheca dispersou-se toda não se encontrando aqui um só volume delia. No horto botânico tão cuidadosamente mantido por aquelle sábio, conservam-se ainda algumas das plantas por elle cultivadas. "



XIII

RICHARD RATHBUN



NASCIVU a 25 de Janeiro de 1852 na cidade de Buffalo, Nova York, e ingressou na Universidade de Cornell em 1871, escola que abandonou em 1874, sem haver terminado os seus estudos.

Quando ainda estudante fez o seu primeiro trabalho sobre a geologia brasileira, descrevendo a fauna Brachiopoda Devonica de Erere, trabalho esse publicado em 1874.

Em 1875, publicou também um relatório sobre os Lamellibranchios de Pernambuco. Nesse mesmo anno, veio ao Brasil como assistente da Comissão Geologica do Império, chefiada pelo professor Hartt, aqui permanecendo até o anno de 1877, época em que os trabalhos dessa comissão foram extinctos.

A maior parte de seus trabalhos, no Brasil, foi feita ao longo da costa, entre Rio de Janeiro e Bahia, e especialmente sobre coraes e recifes de coraes dos Abrolhos e da ilha de Itaparica, no Estado da Bahia.

Voltando em 1878 para os Estados Unidos, foi nomeado assistente da cadeira de zoologia da Universidade de Yale, e em 1879 foi feito assistente scientifico da Commissão de pesca desse paiz.

Em 1894 foi-lhe conferido o gráo honorifico de Dr. em sciencias pelo Bowdoin College.

Desde 1897 Mr. Rathbun foi secretario assistente da Smithsonian Institution de Washington D. C. e teve a direcção do Museu Nacional dos Estados Unidos, que é um dos mais importantes cargos scientificos do paiz, posição essa que exerceu até o fim de sua vida.

Rathbun falleceu em Washington a 16 de Julho de 1918.

L. BRIZZOLARA



Monumento a Carlos Gomes

L. BRIZZOLARA



Monumento a Carlos Gomes — *O Genio*



NOTAS SCIENTIFICAS

ARTHUR NEIVA

*O chá e o café. — O instinto alimentar.
— O chá e a impassibilidade do chim. — Met-
chnikoff e o café. — O uso do café e o pro-
gresso no Brasil. — O álcool.*

[-t] de Liebig o seguinte conceito a respeito do uso do chá e do café:

"Será sempre um mysterio o porque e o como chegou-se a fazer uso da infusão de certas folhas ou do decocto de bagas torrefeitas. Entretanto, é forçoso admittir-se um motivo para explicar o ter-se tornado necessidade vital em todas as nações".

Entre a retorta do chimico e o mysterio de que é feita a vida, existe um abysmo insondável. Póde-se num instante passar-se de um extremo a outro, isto é, da vida á morte e transpor-se de um salto o nada que os separa. O caminho, porém, que vai do berço á sepultura, dure o instante de um vagido ou se prolongue por 100 annos, não deixa maior sulco que uma pedra lançada n'agua.

A sciencia o que busca em vão, hoje e sempre, é desvendar o segredo da vida, comprehendel-a, explical-a; nada mais. Sob o nome de tropismo, chimiotaxia, avidéz, instinto e todos os rotulos que inventa para definir o que não sabe, existe a própria essencia de tudo quanto cresce e se reproduz, e que, obedecendo ás leis eternas e invariaveis, dá ao vivente essa orientação para buscar, onde estiver, o elemento vital que lhe permita crescer e multiplicar-se.



Aquella definição do genial allemão encerra uma grande verdade: o homem sabe procurar o que lhe convém; a natureza suscita uma fome especial que lhe permitta encontrar o equilibrio. Ao esquimó deu a fome da gordura, aos germanos a cerveja, e a uva a quasi todos os povos da antiguidade: o vinho que embriagou Nôe, foi santificado por Christo nas bodas de Caná.

Funk, ao criar o vocábulo "vitamina" para o principio encontrado em vários alimentos e que hoje já está comprovado serem diversos e cuja ausência provoca no homem e nos animaes moléstias denominadas de carência, como o béríbéri, escorbuto e outras, apenas indicou por um nome uma extensão como um Sahara a explorar-se; existe, mas não se sabe o que é, e a sciencia procura estudal-a, conhecel-a, preparal-a e de tudo só se sabe que existe, que o homem delia se aproveita.

Foi ao ler Afrânio Peixoto, na recente e valiosa edição em 2 volumes de sua "Hygiene", que sorri com a opinião de Lauder Brunton, que accusa o tomador de chá de "nervoso, sensível, emocionavel, tímido e deficiente da vontade", tudo isso em consequência da cafeina que contem a bebida de que faz uso. E não sei por que incomprehensível associação de ideas, evoquei aquella macabra e espantosa photographia vinda a lume, ha alguns annos, na "*Illustration*", por occasião da execução de numerosos chinezes e a narrativa do official francez encarregado de verificar a applicação da sentença, attonito diante da impavidez e serenidade daquelles amarellos que iam assistindo, impassíveis, á decapitação dos seus companheiros de supplicio; e tão senhores dos seus nervos se encontravam aquelles homens, que um delies, um dos últimos, pouco antes de perder a cabeça, chamou a attenção do official francez para um escorpião que estava a subir-lhe pelas calças, o que causou ao occidental muito maior excitação que a presença da morte próxima a aquella inveterado tomador de chá.

Em 1916, extinguiu-se uma das grandes intelligencias do século, Elias Metchnikoff. O vice-director do Instituto Pasteur era zoologo, isto é, pertencia a casta de gente de insaciavel curiosidade e que na pesquisa da vida tem contribuído com grandezas taes como Darwin, Haeckel, Grassi, Schaudinn. Era um colosso de saber o cientista russo. Sobre elle, proferiu Roux, successor de Pasteur, no seu septuagesimo anniversario, entre outras palavras as seguintes: "Votre érudition est si vaste e si certaine, qu'elle sert a toute la maison." Pois um dos problemas que attrahiram a attenção do grande sábio a quem a humanidade tanto deve, foi a origem de velhice. Ha dois livros de Metchnikoff ou sobre elle, que o leitor leria com prazer. Um, que se intitula "Vie



d'Elie Metchnikoff foi escripto por sua mulher e dado á publicidade em 1920; é dos mais empolgantes livros que conheço. A vida de Metchnikoff foi um romance, e sua obra scientifica tinha a harmonia das linhas d'um templo gothico, a escalar os ceus nas manhãs brumosas. O outro foi ainda por elle escripto. Teve duas edições, uma datando de 1907 e a segunda, corrigida e augmentada, vinda a lume em 1914, tem por titulo "'Essais optimistes."

Nesses ensaios Metchnikoff estuda pormenorissadamente a longevidade na serie animal, pondo em dia pesquisas proprias e alheias e observações de todos, a respeito do problema da longevidade na serie zoologica, um dos que mais o absorveram na sua longa carreira scientifica.

De tudo verificou que não ha base para se accusar o café, havendo casos verdadeiramente espantosos em que a bebida, mesmo tomada em excesso, permittiu longa vida aos apreciadores. A proposito, cita a conhecida resposta de Voltaire a alguém que lhe advertia, ao vel-o tomar café, ser este um grande veneno: "Voilà bientôt 80 ans que je continue a m'empoisonner". Resposta analoga eu já vi attribuida a Fontenelle, o que mostra que mais de um intellectual viveu longamente, máo grado o veneno.

O mais curioso, porém, é o caso referido por Metchnikoff, i respeito de uma mulher de nome Elisabeth Durieux, que viveu mais de 114 annos, usando e abusando do café. "Sa principale nourriture était du café, dont elle prenait jusqu'à 40 petites tasses par jour." A cafeteira estava sempre ao fogo; o toxico permittia á macrobia certa actividade physica e completa lucidez intellectual até o fim de tão longa vida. O grande Balzac declarou nos últimos momentos aos amigos: "morro devorado por 3 mil noites de insomnia e 40 mil chcaras de café"; finou-se aos 51 annos e foi dos maiores e mais productivos escriptores da França.

Ha evidentemente quem deseje separar o café e o chá como causando maleficios diferentes. Foi assim que o chá prevaleceu na Inglaterra. Contra esse abuso é que o Brasil tem de se precaver. O chá é tão nocivo ou tão benefico quanto o café. Ha um principio commum nas duas bebidas — cafeina; não ha sahida possivel. A moda, o snobismo, a organização commercial foi que estabeleceram as maiores differenças, acabando por educar o paladar e acostumando o consumidor a essa ou áquella bebida.

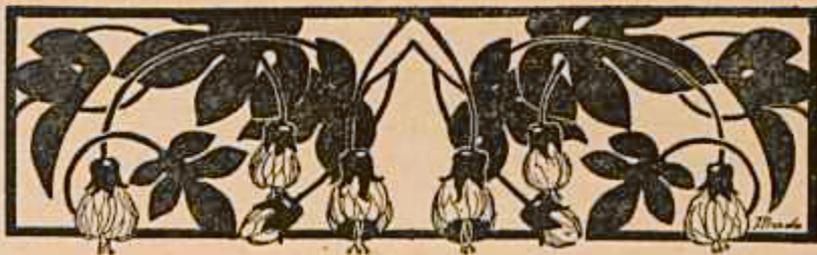
Não sei mais onde li, alguém, ao fazer o calculo do consumo interno do café, assignalou o muito que se bebe pelo norte. Segundo observação pessoal, ha grande equivoco em tal affirmação; o nortista consome muito menos café que o sulista. Em 1916,



em trabalho meu publicado em Manguinhos, sob o titulo de "Viagem scientificita pelo norte da Bahia, sudoeste de Pernambuco, sul do Piahy e de norte a sul de Goyaz", occupei-me da alimentação das populações que habitam tão grande area. O café é tomado por aquelles sertanejos, ás 6 horas da manhã e por ocasião da oeia, -ás 7 horas da noite. No sul de Goyaz, para quem vem do norte deste Estado, começa a surgir o habito de se offerecer café ao visitante. E' a influencia mineira e paulista que já se faz sentir e não deixa de ser extranho observar-se que a parte mais adiantada do paiz é a que actualmente se desdobra de Minas ao Rio Grande do Sul, isto é, justamente aquella onde "é maior o consumo de' cafeina, seja sorvida aos goles em chicaras de café, seja ingerida á bomba com o chimarrão.

Quando vejo o furor religioso dos protestantes norte-americanos contra o álcool e me recordo que toda a humanidade teve do inventar um processo de fermentação alcoolica /para seu uso, fico a cogitar se a suppressão total do álcool em nome da razão, como dizem os yankees, não virá justificar Vauvenargues quando proclama: "La raison nous trompe plus souvent que la nature."





INQUÉRITO LITERÁRIO SUL-AMERICANO

PROMOVIDO EM BUENOS AIRES POR

B. SANICHEZ-SÁEZ

B. Sanchez-Sáez, representante da "Revista do Brasil" na Republica Argentina, é um fino homem de letras que com muita elevação cultiva a critica. Ardente amigo do pensamento brasileiro, de ha muito que vem empenhado em tornar a nossa literatura conhecida nas republicas hispano-americanas, trabalhando, assim, para o ideal de aproximação que o anima.

Norteadado por este objectivo, teve agora a idéa de abrir um inquérito entre os sul-americanos a respeito do que conhecem elles do Brasil mental.

E' um meio intelligente de esclarecer a , questão e preparar o terreno para um intercambio literário de mais vulto que o existente.

A "Revista do Brasil" inicia hoje a publicação desse inquérito, abrindo-o com a communição inicial do seu illustre correspondente.

Coisa curiosa para um paiz joven ou velho em suas manifestações espirituaes é saber em que grau apparece no pensamento dos homens de outras nações, distinctas em idioma e, si se quizer, mesmo em pensamento. E tem que o ser porque é da curiosidade humana saber o que os outros pensam de nós.

Ao iniciar o meu inquérito, como representante, em língua



castelhana, da "Revista do Brasil", encontro um campo propicio na magna gentileza dos seus directores, que são antes de tudo o forte pensamento das ideias modernas, que o conjunto actual do Brasil contemporâneo patrocina.

Quando representante de outras publicações, mais ou menos analogas por sua orientação, eu quiz iniciar a mesma indagação, mas... nunca encontrei boa vontade nas direcções. Hoje é diferente. A aproximação entre alguns intellectuaes americanos permite o êxito do inquérito que iniciaremos no proximo numero da "Revista do Brasil".

Serão feitas apenas tres perguntas:

1.^a) Que conheceis da literatura classica ou moderna — arte, sciencias ou letras — do Brasil ?

Seguramente que as respostas serão em geral negativas, pois tenho certeza que tanto na Hespanha como nas republicas do mesmo idioma é quasi completamente desconhecido o Brasil intellectual.

2.") Que julgaes necessário para uma ampla intelligencia entre os dois idiomas?

A esta serão mais satisfatórias as respostas, pois dirão que o mais pratico é traduzirem-se obras de um e outro paiz. Isso, porém, não bastará e, provavelmente, outros opinarão pelo estabelecimento de cathedras universitárias para estudo das duas linguas e literaturas.

3.") De que forma podeis cooperar nessa cruzada intellectual?

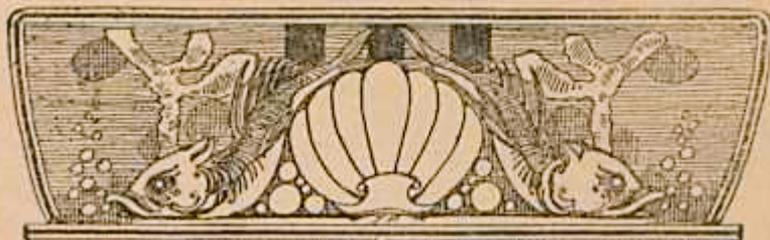
E' a pergunta mais importante, pois sem a boa vontade dos auctores, de uma e outra nacionalidade, nada se fará.

Os auctores consultados serão apresentados ao leitor por uma nota bio-bibliographica.

B. Sánchez-Sáes.

Buenos Aires, Outubro, 922."





A LITERATURA NACIONAL NO ESTRANGEIRO

VIDA OCIOSA, por Godofredo Rangel

B. Sánchez Sáez, que em Buenos Aires representa a "Revista do Brasil", escreve para CRISOL, organ dos empregados de banco da vizinha republica, a seguinte chronica sobre o victorioso auctor da "Vida Ociosa":

Francisco Bret Harte, o admiravel narrador da vida mineira da Califórnia, tem, não sei por que extranha "consonancia", certas parecenças com os esbocetos mineiros de Godofredo Rangel.

Hoje em dia, que a vida literária está por completo em desuso, é quasi ridículo relatar vidas mais ou menos exemplares, de homens consagrados a uma finalidade espiritual.

Lamentavel destino o do homem de letras deste século, que, de fracasso em fracasso, caminha para o mais terrível da vida, os calafriantes appetites da carne!... Não acontecerá o mesmo que no 1848 francez?

Tanto confiamos, annos passados, num platonismo "esthetico", que no presente não nos resta outro recurso sinão recolhermo-nos em nosso foro intimo, para poder, silenciosamente, cuidar do pouco de consciência que nos resta; da calamidade pornographica da literatura...

Os amores mais extranhos sondam as almas, e os temperamentos mais solidos caem ante a nudez excitante da carne.

Por isso é que são para nós, os que temos um poucocinho de pundonor, um grande consolo livros como o de Godofredo Rangel — "Vida Ociosa" — que nos lembra Bret Harte, e algo de Victor Domingos Silva, em seus contos rudes da vida chilena.

Quem é Godofredo Rangel? Por este livro que tenho em minha modesta mesa de trabalho, vejo que é um valor de grande mérito nas letras contemporâneas. O Brasil, de um tempo a esta parte, se está manifestando de uma forma claramente interessante.

Entre os livros que meu estimado amigo Monteiro Lobato me remetteu no mez passado, ha obras dignas de nos interessar mais que por uma simples leitura, para voltar logo á simetria mais ou menos artística da bibliotheca.



Eu aconselharia, quando nossos olhos tropeçam n'elle, que fosse o coração um criado dócil, e o acompanhasse até mesmo á porta de outros corações.

Comprehendemos já a pequenez do campo dos amantes da verdade, e devemos, os poucos que nos encontramos com força, dizer claramente aos ventos a grande razão dos trabalhadores de espirito.

E' o caso de Godofredo Rangel.

Hilário Tácito, o satyrico "carioca", autor d'essa obra colossal que se chama "Madame Pommery", relata no prologo d'esta "Vida Ociosa" de Godofredo Rangel, como floresceu este homem de letras, e muitos que são hoje donos da situação nas letras brasileiras.

Os concorrentes ao Minarete, cenáculo onde se festejaram os sonhos de todos elles, foi berço desta "Vida Ociosa" do provinciano Rangel.

Esse Minarete tinha a qualidade encantadora de não torcer a convicção de seus congregados, nem permittir o predomínio de nenhum auto-dialectismo sobre a consciência dos criadores.

Uma especie de Bolchevismo esthetico, que em substancia mantinha o fogo de suas ideas, sem a contaminação de um segundo fanatico, t um terceiro em discórdia. Todos irmãos em canção de pureza, mas cada qual com o sonho da sua cidade encantadora!

Por esse Minarete, o que também nos conta Hilário Tácito, no prologo de "Vida Ociosa", comprehendemos a fortaleza dos artistas, ou pensadores brasileiros, que, em que pese ás desigualdaes do tempo egolatra, têm a firmeza de caracter de saber ser sonhadores, com os olhos no ceu e os pés firmemente agarrados á terra, mãe superior de todos.

"Vida Ociosa", romance da vida mineira, é livro de uma grande fortaleza, como seus irmãos — "Urupês", de Lobato, "Madame Pommery", de Hilário Tácito, "O professor Jeremias", de Léo Vaz e "Paiz de Ouro e Esmeralda", de J. A. Nogueira.

Para os que conhecem como eu a vida mineira do Brasil, apresenta-se este livro como a realidade verissima das coisas.

Vida nómada, espiritos torturados por uma inquietude doentia, onde as almas se quebram cie ancia interior.

O traço forte, energico d'este livro é de uma realidade quasi brutal, porque a vida dessés seres requer que a mão do artista que os traça siga as suas contracções epidermicas.

Godofredo Rangel é um pintor exquisito, cuja palheta apresenta um colorido-plomo-azul" como a mão de Henri Beigl.

"Vida Ociosa" — disse-me um amigo, que pousou seus olhos antes que eu nas paginas deste livro, era um livro mystico, do mysticismo selvagem dessa gente da terra que sangra.

E creio que é assim. Ha um mysticismo interior, que não é a palinodia conhecida dos inadaptados; que é, ao contrario, a realidade de seus pensamentos, em consonancia com a terra, mãe dos proprios pensamentos dos seus homens.

Suas paixões são satisfeitas com o mysticismo sensato de suas religiões, e suas almas são puras de maus encontros, contaminações que não chegam a seus corações, porque permanecem em constante communhão com a terra.

Rangel é um mystico, um mystico dos homens de "tierra adentro", como pastor de leões e não de ovelhas

Eu queria que o contacto intellectual com esses paizes irmãos fosse mais amplo, e que livros de umas terras e de outras encontrassem campo propicio para que se tornassem mais populares.



L. BRIZZOLARA



Monumento a Carlos Gomes — *A Republica*

L. BRIZZOLARA



Monumento a Carlos Gomes — *Condor*

Emquanto uns e outros são desconhecidos, passam as épocas essenciaes para o estudo das obras, que para ellas foram escriptas, e a claridade não se apresenta, nem mesmo remotamente.

Queria, pois, que estas notas traçadas á ligeira, sobre o autor de "Vida Ociosa", Godofredo Rangel, fossem pensamentos que se gerassem no coração dos diligentes, para que, de uma vez por todas, tenhamos, os d'este paiz, e os do outro, por conseguinte, a certeza e a realização de que caminhamos concordes com o progresso.

"Los caranchos de la Florida" de Benito Lynch é o livro que julgo irmão em pujança de "Vida Ociosa" de Godofredo Rangel.

E tenho para mim que "Los caranchos de la Florida" é um dos melhores livros que tem a Argentina, em questões de fortaleza e realidade.

Seja, pois, um passo de confraternidade solida e clara a traducção ao nosso idioma de "Vida Ociosa" deste energico pintor da vida mineira do Brasil que se chama Godofredo Rangel.

B. Sanches Sáea.

PAIZ DE OURO E ESMERALDA, por J. A. Nogueira.

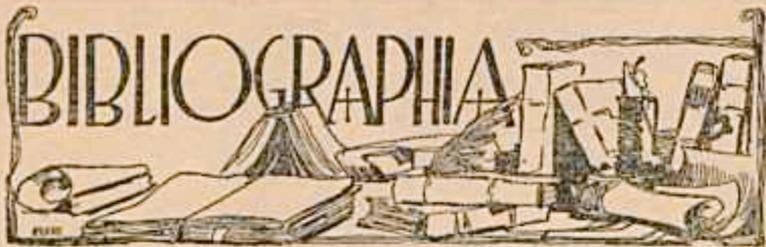
Na "Revue de l'Amerique Latine", de Paris escreve Dominique Braga:

O paiz de ouro e esmeralda, de que se trata, é sem duvida o Brasil. De resto, adverte o autor que não pretendeu fazer um romance, mas um ensaio. "O que se passa neste livro, escreve elle, são ideias, sonhos, conjecturas acerca do futuro da Patria." A forma narrativa, porém, contribue innegavelmente para o attractivo do volume, amenisando a these. O que o sr. Nogueira quiz mostrar foi a acção da terra brasileira sobre os jovens européus que lá vão tentar fortuna. Angelo Orsini, italiano de origem, torna-se brasileiro, ou antes, esposando Maria Luiza, terá filhos que serão bons brasileiros. "Como é bello o seu paiz!" — exclama elle, a sua mulher. "O nosso paiz, o paiz de nossos filhos..." — corrige após.

Em pequenos quadros, sobriamente desenhados, e que nos levam a diversos meios, até ao quarto d'um anarchista, o sr. Nogueira diz tudo, em seu ensaio, com tacto e finura.

Dominique BRAGA





Juan Pablo Echague — UN TEATRO EN FORMACION —
Buenos Aires — 1919.

Este livro foi para nós uma dupla revelação — revelou o theatro argentino de hoje e revelou um notabilissimo critico. Toda época de floração theatral determina o advento de um critico, especie de *leader* do movimento. Um, dissemos, porque si apparecem numerosos, é sempre um que detem o sceptro e exerce a contento geral a liderança. E' conhecida a acção despotica cm França do velho Sarcey, critico de horizontes pouco dilatados, mas honestissimo, que fielmente interpretava os sentimentos do publico.

Não é, entretanto uma posição de fácil conquista, nem de agradável estadia, porque, ou o critico o é, e desagrada aos auctores com as suas inevitáveis restrições, ou finge sel-o e em vez de critica faz *politica amavel*, incorrendo no mau conceito do publico.

J. P. Echague é um verdadeiro critico e por todas as razões merecedor da situação primacial que occupa.

Não vê na peça que analysa apenas a obra literaria, o que muito lhe facilitaria a tarefa. Vê-a em funeção do ambiente e do momento social argentinos, de modo que ler suas criticas é, alem de prazer esthetico, visionamento flagrante da vida do grande povo do sul.

Neste livro reúne analyses de setenta e tantas peças theatraes e consegue fazel-as ao geito de pequenos ensaios riquissimos da gamma inteira de qualidades que tal genero requer. Algumas das peças estudadas, cremos, tiveram como mérito maior o originarem a meia dúzia de paginas que Echague lhes consagrou. Abençoadas sejam por isso!

Suas directrizes mentaes, claras, fecundas, resurtem a cada momento, mostrando que Echague não é "critico de veneta" e sim de principios.

Leiam-no: "Não buscamos a plasticidade scenica na facilidade funambulesca de mover titeres; não a buscamos na acção bem tramada, porem falsa, e que funciona como machina de precisão; não a buscamos na incondicional rebusca de effeitos. Queremos que se traslade para a scena a vida como cila é, dentro do possível na arte; que se não equipare o profundo analysmo de Shakespeare á subalterna destreza machinal de S'cribe; que se comprehenda a differença que vae entre anatomizar paixões e escamotear bonecos. Queremos o real no theatro. Não pode viver o theatro sem convencionalismos, sem ficções? Certo. Cada dia, porém, mais limitado fica o outrora vastissimo domínio da convenção. Os trajés, as decorações, a maneira de actuar moderna, demonstram-no.

Os processos de composição no theatro são a synthese e o movimento. O que num livro se diz em vinte paginas deve em scena suggerir-se com um gesto. Até onde possível, a palavra será substituída por actos. E é nesta habilidade de factura que reside, a meu ver, o especialissimo talento do escriptor dramatico."

Foi longo o transcripto, mas vale para dar uma noção aos nossos leitores, não só das sadias idéas de Echague sobre o theatro como ainda do seu estylo, vivo e elegante de escriptor de raça.

Joaquim de Vedia — COMO LOS VI YO — Buenos Aires—1922.

A alta reportagem é bem uma arte, e a mais curiosa, a mais interessante de todas as artes modernas. E' a historia em alvorada, a nascer; é a primeira revelação dos factos e dos homens que amanhã o historiador metterá como blocos na indefinida e ininterrupta construcção. Mas se a historia é crystallização, a reportagem é vida quente, febril, plasmica. Dahi seu encanto, quando a praticam jornalistas de talento. Joaquim de Vedia, pela singeleza do estylo, pela modéstia, pela sinceridade, pertence a esta categoria. Vive com extrema intensidade as scenas e typos que reporta. Lel-o, neste livro, é ver, sentir, cheirar Julio Roca, Pellegrini, Clemenceau, Jaurés, Herrera y Obes e tantos mais, vultos de renome exorbitante das respectivas patrias. E abrir tal livro é lel-o: o assumpto empolga, o autor prende e o nosso espirito vae na corrente até á derradeira pagina. Aconselhamos sua leitura aos nossos jornalistas. Certificar-se-ão do precioso instrumento de documentação humana e histórica que é a reportagem, quando fina, sincera, coloridamente impressionista qual a faz Joaquim de Vedia, um verdadeiro mestre do genero.

Menotti dei Picchia — O HOMEM E A MORTE — M. L. & Cia. — S. Paulo — 1922.

Era um livro esperado. A posição do A. em S. Paulo, sua actividade na imprensa como jornalista-artista e sua obra anterior, copiosa e variada, igualmente valiosa na poesia, no romance, na novella curta e na chronica d'arte, despertaram no publico viva curiosidade pelo livro que o autor tinha como o seu livro máximo. Todavia, dada a acção de Menotti na campanha futurista e o ardor com que traz o estandarte da escola, tal livro era esperado como o "prefacio de Cromwell" da esthetica revolucionaria. Porque, até aqui, o futurismo se limitou a destruir e a... prometter. Exhibiu alguns panninhos de amostra, que não satisfizeram. Mas provinham de fabricas menores — era a desculpa. Os Crespis, os Mattarazzos não tinham ainda apresentado productos.

Surgem elles, afinal. Surgem com "Os Condemnados", de Oswald de Andrade e com este romance de Menotti.

Decepção profunda. Livros solidos, passadistas, sem nenhuma extravagancia, respeitadores da natureza e do homem como elles o são, respeitadores da psychologia media do leitor e da lingua. Apenas uma coisa os distingue: o talento com que são feitos e a forte personalidade dos autores, que revelam.

O livro de Menotti é um poema em prosa. A sua musa insoffrida lançou de si todas as peias do metro e da rima e, num delirio, creou de jacto uma perfeita joia de arrojio e belleza.

Que riqueza de imagens! Ha-as alli mais que em tomos e tomos somnados da nossa velha obra poética. E imagens soberbas, prejudicadas apenas pelo excesso do amontoado. Tirem-nas dalli, engastem-nas, uma por uma, em sonetos, de modo a realçal-as, e será um deslumbramento. Porque Menotti no fundo é poeta. Faz romance, conto, chronica porque tem o espirito extremamente dúctil. Mas a sua característica predominante é a do poeta. Que chamamos nós um poeta? A creatura que possui um mundo in-



terior e que consegue fazel-o entrever por meio de imagens tomadas ao mundo externo. Sem possuir o seu mundo interior de sonhos e belleza poderá fazer versos, lindos versos, poemas, sonetos, élogos, odes, o que fôr, mas não será poeta.

Menotti o é. O seu mundo interior estua e irrompe em vulcões.

"O Homem e a Morte" é um poema eruptivo. A lava candente bor-bota, derrama-se em fulgurações, irisa o ambiente mental do leitor com a vaporização magica.

Sente-se que é escripto de arranco, sob o phrenesi duma exaltação incoercível. E' como um produto natural, emanação inconsciente de uma psychica.

A these, se ha these, é de um arrojo infinito. Depois da tragedia, o heroe adivinha que Kundry, o succubo de olhos verdes, era a Morte. Todos temos *nossa* Morte, que alimentamos dia a dia, hora a hora, minuto a minuto, com pedaços de vida que saem de nós, no tempo, com emoções e attitudes que se irradiam de nós, no espaço. A' medida que os annos correm, ella cresce, se aperfeiçoa, cada vez mais bella e profunda". E por ahí alem.

Não tiremos ao leitor o gosto do imprevisto. Não procuremos fixar em logicismos claros, analyticos, o que é de essencia sonho e belleza. Leiam-no, os que se não contentam com o prosaism da vida e adoram os revões pelos mundos interiores. Os outros, deixem-no em paz.

Lellis Vieira — FACTOS E PITAS — 5'. Paulo — 1922.

Escriptores ha cuja obra destoam do homem; outros, que formam com ella uma identidade.

A esta categoria pertence Lellis Vieira. Impossível separar o homem da obra. Lel-o é vel-o; vel-o é lel-o. Tanto faz segurar o A. num café, para quinze minutos de prosa, como abrir seu livro e ler tres capitulos. A impressão é a mesma. É impressão de quem está na vida á vontade, como peixe n'agua, sempre alegre, compreendendo tudo, perdoando tudo, extremamente generoso, amplo, desembaraçado .e.. sceptico. Que dúctil philosophia, o scepticismo! Como se concilia bem até com os mais rijos credos religiosos!

Este livro de Lellis Vieira revela o jornalista que conhece o pu-blico e a arte de ser lido. O genero é dos mais engenhosos, mixto de chro-nica e conto, com recheio de philosophia amavel, satyra leve, pitadas de ironia, estudo de caracteres, tudo dosado sob as sabias regras do *quantum satis*. O A. não perde de vista nunca o pittoresco e o effeito comico. Não faz estylo, não rebusca torneios preciosos.

Conta e brinca. Escreve como fala e põe-se ao alcance de todos. Lellis possui o dom da amabilidade. Amabilidade é a qualidade do que é ama-vel, do que é querido — do que sabe se fazer querido. Não ha na vida so-cial feição mais attractiva, que mais aggremie creaturas. D'ahi a quantida-de prodigiosa de amigos que tem o homem, e de leitores que tem o escri-ptor. "O Lellis disse", "O Lellis escreveu." Lellis é o interprete fiel de um milhão de creaturas. Exprime-lhes os pensamentos mais Íntimos, traduz-lhe a media das opiniões, dá-lhes forma á vaga psychologia. Veterano do jorna-lismo, só agora lhe veiu a idéa de apparecer em livro. Deu o primeiro (do genero; já possuia outros de outra feição), dará uma serie e será em pou-co um dos autores mais lidos no Brasil e de maior peso na opinião publica. A nossa gente deseborirá nelle o seu mais precioso interprete.

M. L.



A formação de Ribeiro Couto vem-se fazendo á luz da publicidade sempre com raro interesse psychologico. Estreiou com "Jardim das Confidencias", livrinho promettedor, que foi, aliás, consagração. Do verso passou á prosa e tivemos os contos d'"A casa do gato cinzento". Tudo o que puzera de poesia naquelle, poz também neste. Houve até vantagem: a figura sentimental do poeta se definiu em toda a sua largueza, liberta das preocupações "penumbristas", como as chamaram, que a velavam, estragando-lhe o espontâneo lyrismo. A sentimentalidade, porém, raiou então pelo feminino. Era um desesperador extravasar de delicadezas de alma, a comprometter o dominio do artista sobre si mesmo. Eis que agora "O crime do estudante Baptista" repõe o escriptor em pés que são muito seus, ostentando elle a plena serenidade do seu poder creador.

Attinge, assim, á plenitude, da própria personalidade em sua linda marcha ascencional, senhor agora de equilibrada originalidade, que ha de ser fecunda e ha de ser extraordinaria. E' um escriptor. E' um artista. Colloca-se, decididamente, entre os melhores auctores de novellas que têm surgido na actual geração.

Da concepção como da composição não ha que se lhe diga. Não explora o exotico, nem o piégas, nem o erotico. E', com isso, realista no bom sentido e no optimo, e romântico ainda no melhor. A'parte o conto de abertura, em que o auctor sacrifica ao publico, apresentando-se-lhe com estardalhaço trágico, todas as peças do volume se caracterisam pela normalidade, isto é, pela realidade. De nenhuma se dirá que é impossivel, phantastica, inacreditável.

Engenho é a sua qualidade primacial, engenho tanto maior quanto não recorre a artificios de estylo para supprir uma deficiencia que não existe. Ribeiro Couto não é um estylista. Escreve simplesmente, limpidamente, sem desleixo, mas sem o brilho das palavras procuradas e das ideias bem achadas, ricas de suggestões. E' a sua feição exterior a simplicidade da phrase. E' o seu feitto intimo a boa urdidura da novella.

"O primeiro amor de Antonio Maria", "A denuncia do sangue" e "D. Theodorinha" são as melhores paginas do livro.

Antonio Maria é um exemplar empregado de escriptorio. Em annos de serviço, nunca deu ponto, nem deixou de cumprir a menor de suas obrigações. Uma vez pede licença para faltar no dia seguinte. Foi espantoso. Logo mais, requer tres dias para tratar de negocios de familia. O escandalo subiu de ponto e toda a sua discreção não bastou para disfarçar o caso no espirito dos collegas: era casamento, pela certa. Com quem? E começam as indagações, as pesquisas, toda uma devassa na vida mysteriosa do rapaz. Súbito, descobre-se tudo: — Antonio Maria casára-se com a Chiquinha Mineira, do 59 da rua Joaquim Silva. Cobre-o o ridículo. O pobre moço, afinal, retira-se para Barbacena, a pretexto de acompanhar um sobrinho enfermo. Demora-se e reaparece de luto, cuja explicação, confuso, não consegue dar com sequencia lógica á inverdade inicial. E, em segredo, confessa ao chefe: quem lhe morrera fôra a irmã, aquella rapariga que recolhera da rua e que tanto dera que falar, irmã e não amante, como pensaram.

Esse material, acima resumido, é trabalhado em cerca de vinte paginas admiraveis de analyse de uma situação e um carcter, nas quaes não falta um promenor, nem um traço.

"A denuncia do sangue" não é tão natural, mas é tão l'em acabada como a precedente. Carlos Passos, formado em Medicina, clinica com o mestre, o dr. Soeiro, notabilidade em syphiligraphia. Aquelle tem o sangue puro e grande horror ao mal; tem-no este contaminado. Trabalhando juntos, o

discípulo é o melhor amigo do mestre, frequenta-lhe a casa e é tido como filho. A's tantas, o dr. Soeiro exige-lhe que se submeta ao seu exame de sangue. Segue-se nova exigencia, novo exame, outro e outro. Resultados negativos e o mestre a insistir. Era a mania: desconfiara que Carlos o trahia... Por fim, enlouquece e morre, antes qu chegue á prova e se vingue. — Esses episodios da sua vida, refere-os Carlos a um antigo companheiro de estudos, que, ouvindo-o, lhe pergunta da viuva e insinua a suspeita de que, com herdar a clinica do outro, herde também a cila. Carlos protesta o seu velho horror á syphilis, mas concorda, emfim, em que é já tempo de acabar com essa infantilidade.

O extranho do trama, que facilmente conduziria ao extravagante e ao exotico, ou pelo menos ao horrivel, é atenuado e desvanecido mesmo pelo fino da concepção geral, de que não ha uma só pequena discrepância. A toda prova está o bom gosto em tão escabroso terreno.

Vejamos, ainda, perfunctoriamente, "D. Theodorinha", em que reponta uma saliência de "humour". Guedes resolveu tomar uma companheira de vida. Arranjou-a como lhe convinha, recatada e discreta. D. Theodorinha, divorciada, nunca alludia ao marido. A vida em commum trouxe a necessidade de relações. Ensaíram-se umas poucas. Entre ellas, Peregrino, amigo de infanda de Guedes. Recebem-lhe a visita: estava approved. Mas não impressionára a mulher, com quem Guedes insiste em partilhar a admiração pelo outro: — "Almoçaremos com elle e a senhora, amanhã, no hotel." — "Estás doido! Esse é que é o meu marido, arre!"

Moacyr Piza — TRUS CAMPANHAS — Off. do "Estado de S. Paulo" — S. Paulo — 1922.

Um dos mais bellos talentos de São Paulo é Moacyr Piza, typo curioso de retardatario, que parou, gerações atraz, na preocupação do bem publico e em sua expressão pratica, a politica. Está atrazado, positivamente atrazado uns cincoenta annos...

E' verdade que estamos em plena effervescencia nacionalista. Mas tanto não basta para que o auctor de "Tres campanhas" seja considerado em dia. Pelo contrario, a verificação do movimento regenerador, que o é apenas em esphera platônica, a mais abstrata possivel, só dá ainda maior contraste á figura deste campeão das liberdades publicas, que com platonismo não se contenta.

E' um solitário no meio paulista, um perfeito incomprehendido. A índole realizadora do paulista, que nos levára llo terreno das ideias á politica, bem como fóra delias, á acção economica, a ponto que nos diríamos incapazes para pensamento e para letras, evoluiu de polo a polo, dando-nos bom quilate literário e sonogando-nos valor civico, baixado hoje a zero. Só restou Moacyr Piza, temperamento visceralmente literário que teima em ser politico, realizando no presente o milagre de uma revivescencia atávica. Está errado, tão errado que em suas mil campanhas — e não tres — não conseguiu uma só victoria...

O argumento sophistico é o da época. Este é, pois, respeitável.

A nossa era mental é a do livro e não da politica, do livro despreoccupado, puramente literário, alheio ao ambiente faccioso. A era partidária, á base da imprensa, passou ha muito. Conformemo-nos e esperemos que o livro, indifferente e alheio, complete o seu cyclo, realisando um dia o que a imprensa e a tribuna não puderam realizar.

E' isto platonismo? Restava saber si contra a insinceridade, a mentalidade subvertida e a avessa moralidade seria possivel outra attitude sinão a desse messianismo



"Tres campanhas" é um livro, livro de duzentas paginas. Inquina-o a tára da politica. Dará o mesmo resultado das próprias campanhas: nenhum. Propendemos a crêr que, não fosse do genero, outra seria a sua efficacia... politica. A acção directa não vinga. Porque não vingará a indirecta, mediata, longinqua?...

Escriptor de tantas qualidades — estylo, mordacidade, vida e força havia de fazer esplendida literatura, como nesta boa mostra. E teriamos, por maior dos paradoxos, não o politico que se faz auctor, mas o auctor que se faz politico, accidentalmente.

Dom Aquino Correã — TERRA NATAL — Off. Escola Typ. Salesiana — Nichtheroy — 1922.

E' particularmente grato aos paulistas este livro, dedicado "A São Paulo, terra das bandeiras e da liberdade" e "A Matto Grosso, minha terra natal, a maior conquista de São Paulo". Profissão de fê civica, affirmação de um sentimento que dia a dia se consolida entre as duas grandes unidades do conjunto nacional, os versos do illustre arcebispo de Cuyabá assumem a significação maior de um compromisso politico, no elevado sentido da palavra. Grande dignitário da Egreja em plena actividade de sua funeção social, ex-presidente do Estado e chefe politico, essa múltipla individualidade se desdobra ainda em poeta, procurando no terreno effectivo o subsolo profundo em que deita as raizes de uma acção nacional que ha de ser das mais fruetuosas — a cooperação economico-social de S. Paulo e Matto Grosso. E' bello e é sábio. A expansão paulista além-Paraná equivale á re-integração da rica terra mattogrossense, tanto tempo influenciada pela fronteira, na communitate brasileira para a'qual a trouxe a mesma expansão em seu primitivo surto.

Os versos de D. Aquino são bons, cantantes e repassados de enthusiasmo.

Affonso d'E. Taunay — GRANDES VULTOS DA INDEPENDENCIA — Ed. Cia. Melhoramentos de S. Paulo—1922.

Entre as innumeradas publicações commemorativas da independencia, nenhuma tão luxuosa e tão acuradamente acabada appareceu ainda como o volume "Grandes vultos da Independencia brasileira", do sr. dr. Affonso d'E. Taunay, bastante conhecido pelos seus estudos historicos.

A Cia. Melhoramentos de São Paulo, antiga Weiszflog Irmãos, _poz na confecção material da obra o máximo cuidado, apresentando um primoroso trabalho, que faz honra á nossa industria graphica. Desde o bom gosto geral, da capa á ultima pagina, até a composição e a impressão, tudo é perfeito. Assim, o livro é principalmente um rico álbum, em que têm logar de destaque admiraveis trichromias.

As suas 230 paginas contêm excellentes estudos biographicos de Lord Cochrane, Antonio Carlos, Reboiças, Cypriano, Feijó, Muniz Barreto, Valença, Barbacena, Paula Sonza. Frei Sampaio, Hhpolyto, Januario, Joanna Angelica, Queluz, Ledo, Pirajá, Curado, José Bonifacio, José Clemente, Magé, J. jt da Rocha, Lino Coutinho, Cayrú, D. Leopoldina, Souza Coutinho, Maria Quitéria, Mariécá, Martim Francisco, Vergueiro, Pedro I e Labatut, com os respectivos retratos, devidos a reproducções dos professores Oscar Pereira da Silva e D. Failutti.

Pela magnifica edição está de parabéns a casa Weiszflog.



As cem paginas, pouco mais ou menos, deste livrinho de versos valem uma promessa ou, mais que isso, uma primeira prova de talento, de que se pode esperar logo uma affirmação.

Veja-se o soneto 'Lago Azul':

A minha alma é tranquillã como um lago
De aguas azues e superficie mansa
Que, entre sombras e névoas, sempre trago
Adormecido em placida bonança.

Não senti nunca o borbulhar mais vago:
E' o Mar-Morto do Amor e da Esperança,
Oceano da Tristeza, mar do Affago,
Que eternamente dentro em mim descança.

Sem jamais transformar o calmo nivel,
Reflecte o lago, immovel e impassivel,
A alegria do céu ou o céu tristonho.

Nada lhe turba, a placidez. Somente,
Na superficie azul da agua dormente,
Emerge a flor-de-lotus do meu Sonho...

Si não é perfeito, pouco falta; tem por si o desenvolvimento geral do thema, a limpidez das ideias, o relevo das imagens. Logo a seguir, lê-se 'Esperança', que não é inferior áquelle:

Ai do intérimo areal si não houvera
Oásis ensombrado e verdejante,
De frias aguas e aprazivel hera,
Para allivio do tropego viandante.

A existencia é um deserto. Primavera,
Oásis plácido e reconfortante,
Ha nella a sombra que nos refrigera
E nos levar confiados para deante.

Amável protectora, arvore amiga,
A Esperança nos cobre e nos abriga
Desde o nosso primeiro e áureo minuto

Até os momentos últimos, extremos,
E abraçados a essa arvore morremos,
Mas sem podermos alcançar-lhe o fructo.

Mais do que uma alma de poeta, sente-se ahi o tactear de uma arte, ainda infirme, é verdade, mas que ás apalpadelas acerta, sempre com um ar de espontaneidade, de instinctiva intuição artística.



L. BRIZZOLARA



Monumento a Carlos Gomes — *A Italia*

L. BRIZZOLARA



Monumento a Carlos Gomes — Fosca

movimento da independencia", que vem a ser uma das obras mais notáveis que têm apparecido no assumpto.

O volume contem trezentas e setenta paginas e historia os factos desde o regresso de D. João VI a Portugal até a coroação de D. Pedro I. Merecem destaque os capítulos — "A sociedade brasileira", "O regimen das juntas provinciaes", "José Bonifacio no ministério", "O trabalho das lojas maçônicas" e "A concepção da monarchia democratica".

Excusado é dizer da illustração e do alto critério historico que distinguem esta obra, assim como todas as de Oliveira Lima.

Selda Potocka—A CAMINHO DA FELICIDADE—Ed. Monteiro Lobato & Cia. — S. Paulo — 1922.

"A caminho da felicidade", cm que se sente a mão feminina que lhe trouxe as paginas, é um romance doce de lêr e acompanhar em suas peripecias até final desfecho.

A historia, sempre cheia de interesse, se desenrola em torno de um thema simples: — a opposição entre a sociedade mundana e a vida do lar. O protagonista conhece todo o tumulto da grande capital, com os seus prazeres, as suas pompas e as suas grandes misérias, até que se volta para o passado e, reatando um amor ingênuo de creança, põe-se "A caminho da felicidade".

Salles Campos — A POESIA CEARENSE NO CENTENARIO — Typ. F. Carneiro — Fortaleza — 1922.

O centenário da Independencia trouxe opportunidade ás grandes revistas do século. Principalmente na esphera das letras, ellas não têm faltado. O Maranhão, terra de poetas, deu-nos a sua collectanea. Agora, o Ceará, que a dedica á memoria de José de Alencar.

As primeiras paginas são consagradas á poesia desse bello temperamento que é Antonio Salles. Seguem-se sonetos de Antonio Thomaz, Alf. Castro e outros, num total de duzentas e oitenta paginas.

Lyndolpho Xavier — GEOGRAPHIA COMMERCIAL — Ed. Jacinho Ribeiro dos Santos — Rio — 1922.

Em mais de quinhentas paginas, este volume encerra informações commerciaes e geographicas, referentes especialmente á America e ao Brasil, as quaes são de incontestável valor pratico.

Versam os principaes capítulos sobre a riqueza vegetal, café, algodão, canna de assucar, cereas, borracha, cacau, etc; industria, viação ferrea, navegação, importação, finanças, etc.

Sylvio B. Pereira — TORTURADOS — Est. Graphico Canton & Beyer — Rio — 1922.

Contêm as cem paginas deste volume alguns ensaios de contos, que são uma boa promessa de melhores coisas. O auctor escreve correntemente e com grammatica. Revela desde os títulos — "O ébrio", "O forte", "O tarado", "O covarde" e outros — decidido pendor para a caracterisação psychologica.

Aloysio de Castro — PALAVRAS DE UM DIA E DE OUTRO — Ed. Monteiro Lobato & Cia. — S. Paulo — 1922.

Em volume de 130 paginas, excellentemente impressas, reúne o dr. Aloysio de Castro uma dúzina de discursos, pronunciados em varias occasiões. O illustre medico e scientista é possuidor de um estylo móbil e vivaz, que nada perde, transposto da tribuna para o papel.

Entre essas orações figuram: discursos inauguraes do edificio da Faculdade de Medicina do Rio e do Instituto de Radiologia, discursos de encerramento do 2.º Congresso Americano da Creança, em Montevidéo, conferencia sobre "O ensino clinico e sua organização", além de outros trabalhos.

Alcides Munhoz — COMEDIA PARANAENSE — Off. 4. Guimarães & Pilho — Curityba — 1922.

O sr. Alcides Munhoz é um escriptor fecundo. Aos seus romances, ensaios, estudos, já publicados, reúne agora o volume "Comedia Paranaense", de trezentas e tantas paginas, contendo as seguintes peças: — "O vigiado", "As meias de seda", "Castor e Pollux", "Flor do campo" e "Estrella Polar".

Angelo Venosa — CARAMURU' — Off. Gr. Monteiro Lobato & Cia. — São Paulo — 1922.

A epopéa e o drama são generos que não se acclimaram entre nós. Uma e outro pouco têm produzido, não passando aquella além do Santa Rita Durão e alguns mais, estando este perfeitamente em branco. Porque? Por mil causas que não cabe aqui estudar. O facto é que essa raridade se torna synonymo de difficuldade. A epopéa no Brasil é extremamente difficil, como o é, em egual proporção, o drama.

Ora, imaginem-se as difficuldades que não suscitaria a conjugação de ambos os generos em um só, o poema dramatico! E' tudo o que ha de mais apurado.

Pois, o sr. Angelo Venosa, que é daquelles espiritos que não se contentam com vencer, mas se deleitam em accumular obstáculos para delles triumphar, um a um, escolheu exactamente o poema dramatico. Escolheu-o e executou-o brilhantemente, chegando ao desejado triumpho.

"Caramuru" é uma obra original. Em vão procuraremos associar-lhe as bellezas e os defeitos á maravilhosa orchestração de Rostand, em qualquer dos seus poemas e qualquer das variantes do seu espirito. Debalde, egualmente, approximal-o-emos da arte sóbria e forte, toda ella realidade shakespeareana e acção e vida — de Sem Benelli. Perigoso seria arriscar um paralelo.

Creemos, porém, que, entre os dois, tem Angelo Venosa mais deste que daquelle e em seu abono o dizemos. A verdade é que "Caramuru" não se confunde.

Outra coisa, aliás, não se podia esperar do thema indigena, á maneira do mais puro indianismo, em mãos de, quem no proprio nome mostra a recente porém accentuada, "brasilidade". O auctor, certamente filho de paes estrangeiros, sente o drama da America como o não sentiria um filho da terra atravez de séculos de ascendencia brasílica a entroncar em velho cacique tupy.



Rocha Ferreira — SÓES — Typ. Arlindo R. Alves — São Paulo — 1922.

Depois dos "Sons" e dos "Céos", que tiveram os maiores elogios de Luiz Guimarães, D. Silvério e outros, apparecem os "Sões", de Rocha Ferreira.

Egual successo. Abre o livro uma carta encomiástica de João Grave, que lhe gaba a sonoridade e lhe admira "a maravilhosa orchastração de sua poesia". Outros encomios receberá, decerto e com maior justiça o operoso poeta.

Barão de Studart — REVISTA DO INSTITUTO DO CEARÁ
Typ. Minerva — Fortaleza — 1922.

A 'Revista Trimensal do Instituto do Ceará', dirigida por um grande obreiro da Historia como é o Barão de Stúdart, é a prova de quanto naquelle Estado se estuda a terra e o meio, com um carinho e devotamente inegua-laveis. Dedicada especialmente á Historia, essa publicação acolhe também trabalhos de outra natureza, referentes a interesses geraes da região. Assim é que no presente numero encontramos entre os seus capitulos o artigo intitulado — "Rearborisação do Ceará", pelo dr. Raymundo Ribeiro.

Desse trabalho transcrevemos o appello aos governos em favor da rearborisação:

"Para convencimento de que esta terá influencia benefica na meteorologia do nosso Estado, basta que ouçamos o testemunho dos nossos velhos, que conheceram o Ceará rico de mattas, e hoje o conhecem delias indigente; e si não é sufficiente este *exemplo de casa*, encontraremos fóra o do Egypto, antes e depois de sua arborisação, ordenada por Mumet-Ali, a quem a sua patria deve a introdução do plantio do algodão com as primeira-i sementes mandadas adquirir em Pernambuco, algodão que era considerado por aquelle grande estadista, vice-rei e pachá hereditário de seu paiz, o melhor do mundo.

Os proprietários de terras não devem esperar que primeiramente venha a acção official: independentemente desta, directa ou indirecta, devem pôr mãos á obra, tanto porque assim as valorizarão, como porque de tal serviço resultará um beneficio geral que, afinal, synthetisarà favor a cada um dos membros da communhão social.

Innumeraveis trechos de terra cearense, particularmente as serras, se prestam á cultura do cedro, madeira preciosa, que se acha prestes a extinguir-se neste Estado, que já se tornou freguez dos Estados do Pará e Paraná na compra de madeiras de construcção e marcenaria.

Pois, bem, comece-se a rearborização do Ceará pelo seu plantio. O cedro tem crescimento rápido: em 10 annos dá taboa de 0m, 35. Não exige amanho, plantado logo no começo do inverno, quando este finda, já está assegurado, e de então desenvolve-se com celeridade, melhor convindo-lhe o terreno secco do que o alagado.

Propaga-se intensamente, bastando um plantio para que, independentemente de renovar o cultivo, o plantador tenha, emquanto proceder sua exploração com prudência, madeira para seu uso e para negocio. E' arvore sadia: cupim e outros insectos paraitarios não atacam-na.

Não serve para fogão, o que o põe a salvo do machado do lenhador, o maior inimigo da arvore."



*Eduardo Jacobina — A AGRICULTURA E A POLITICA
NACIONAL — Typ. Americana — Rio — 1922.*

O sr. Eduardo Jacobina divulga em folheto uma conferencia que pronunciou no Rio, perante o 3.º Congresso de Agricultura e Pecuaria. Toda a peça é um libello contra os políticos nacionaes.

Leoncio de Queirós — CONSIDERAÇÕES SOBRE PERTURBAÇÕES MÓRBIDAS DO LACTENTE — Typ. G. Asbahr — S. Paulo — 1922.

O sr. dr. Leoncio de Queiroz, medico em S. Paulo, publica em folheto varias das observações de sua clinica de crianças, especialmente sobre dyspepsia, intoxicação, decomposição, moléstia de farinha, anomalias constitucionaes, etc. Além de salutareos conselhos ás mães, reproduzem-se também as conferencias que sobre mortalidade infantil pronunciou o A. na Academia Paulista de Medicina.

*Liga Nacionalista — PELO BRIO E PELA HONRA DO
BRASIL — Typ. Monteiro Lobato & Cia. — S. Paulo — 1922.*

A campanha da Liga Nacionalista contra o jogo legal, que já uma vez se corou de pleno successo, ganha novamente terreno, ante a revivescencia que se annuncia do malsinado projecto de lei. Este folheto é dos que nesse sentido vem sendo distribuidos pela benemérita associação. Reproduz a petição que, em Setembro ultimo, enviou ao Congresso o sr. dr. Vergueiro Steidel.

*A. Monteiro de Souza — O ENSINO UNIVERSITÁRIO —
Typ. Cá c Lá — Manaus — 1922.*

Trata-se de parecer apresentado á commissão de instrucção publica da Camara dos Deputados, pelo sr. Monteiro de Souza, como relator do projecto n.º 396 de 1920, sobre ensino universitário.

Após longa explanação do seu ponto de vista, conclue o A. propondo a transformação do Collegio Pedro II em Faculdade de Sciencias e Letras e outras medidas que reputa indispensáveis para que se complete o nosso aparelho de ensino superior.

Padre Leonel Franca — NOÇÕES DE HISTORIA DA PHILOSOPHIA — Ed. Livraria Drummond — Rio de Janeiro — 1922.

A livraria Drummond, do Rio, edita mais um compendio escolar — "Noções de Historia de Philosophia" pelo padre Leonel Franca. Cingindo-se aos programmas officiaes, o illustre sacerdote organisou obra digna de encomios pela sua feição didactica: systematisação de factos, clareza de expressão, synthese. Dá assim ao estudante noções precisas sobre as philosophias oriental, grega, patristica, medieval e moderna. Releva notar, porém, a parte final, em que estuda a evolução da philosophia em Portugal e no Brasil, particularmente a figura de Farias Brito.

Em summa, para os que se iniciam na matéria, um precioso guia.



Affonso de Freitas Júnior — SAUDAÇÃO — Ed. Jacob Zlatopolsky — S. Paulo — 1922.

Publica-se em folheto, magnificamente impresso, a saudação que em nome do Instituto Historico de S. Paulo, fez o A. aos aviadores Gago Coutinho e Sacadura Cabral. E' mais um hymno de louvor á raça.

Gastão Penalva — FORA DO MUNDO — Ed. Imprensa Guanabara — Rio — 1922.

"Fôra do Mundo" — são narrativas da vida em Fernando de Noronha, onde sentenciados pelo jury de Pernambuco cumprem penas de prisão. Prisão original, aliás: vivem lá em commum com suas famílias, cultivando um trato de terra e recebendo do governo outras ajudas para sua subsistência. Separa-os, porém, do continente a immensidão do oceano revolto, a cuja conquista ninguém se aventura. A terra que ficou para lá é — o mundo...

E' leitura interessante.

Ranulpho Prata — DENTRO DA VIDA — Anuario do Brasil Rio — 1922.

Quadros de miséria e de dôr, descriptos com uma simplicidade e quasi desatavio de linguagem — eis o que é este livro. O autor, intentando descrever a vida dos parias, não carvoou defeitos, não exalçou virtudes. Deixou-se levar pelo fluir dos acontecimentos, tudo muito espontâneo, commovente. Em summa, um bom livro, que se lê sem esforço.

Antenor Urioste — LA BIBLIOTHECA DE MAESTROS — Ed. Barreiro & Cia. — Montevideô — 1922.

Montevideô possui sua bibliotheca pedagógica, de que o sr. Antenor Urioste nos dá, neste folheto, pormenorizada noticia, ornada de nitidas photographias. A ultima parte da obra é occupada com considerações sobre o valor da leitura, que o autor deseja se considere serviço publico.

L. Lavenère — O PADRE CORNÉLIO — Jaraguá — 1922.

De "Zéfinha", novella do mesmo autor, escreviamos ha tempos:

"Excelente novella, dada com o subtítulo "Scenas da vida alagoana". Estylo simples, correcto, isento de vicios e pedantismos. Acção continuada e espirituosa. Páginas que se lêem com agrado crescente e que nos levam a fazer uma alta idéa do sr. Lavenère."

Podemos repetir o mesmo com referencia a esta novella. Pena é, porém, que o aspecto material do livrinho não predisponha o leitor logo de entrada.

General Tasso Fragoso — A BATALHA DO PASSO DO ROSARIO — Imprensa Militar — Rio — 1922.

"... nos últimos annos anteriores ao advento da Republica, se havia arraigado no espirito de muitos, sobretudo de republicanos, a falsa ideia de.



que a democracia verdadeira e a fraternidade real entre os povos deviam assentar preliminarmente no esquecimento e até na maldição de certos factos do passado, os quaes na verdade só deveríamos julgar transportando-nos á época em que se realizaram, isto é, •repondo-os no respectivo ambiente social"... D'ahi o descurar-se quasi por completo, naquella época, o estudo dos feitos militares do Brasil, que, no proprio seio da Escola Militar não encontrava admiradores. "Havia um como temor de falar em guerras"...

O autor deste livro, durante os annos em que frequentou a escola da Praia Vermelha, teve os' ouvidos cheios dessas ingênuas balidas, nada ouvindo, porém, que lhe dissesse dos louros da nossa milicia. Passados, no entanto, os annos, o commercio dos homens e dos livros espartou-o da beata convicção. A pouco e pouco, reconhecendo a falsidade de suas ideias, alijou-as por outras, sensatas. Deu-se a estudar os nossos feitos militares, que, si lhe crearam uma alma nova, não lhe embotaram o critério. Sabe distinguir dos louros os erros de nossa politica continental.

"A Batalha do Passo do Rosario" — é um dos fructos de suas inculcas. Volume de quasi quatrocentas paginas, nelle se compendia toda a historia da velha pendencia, que culminou na batalha que se chama de Ituzaingó para os argentinos. Não é obra que interesse apenas a soldados. Excluida a parte technica, lê-a a gente sem esforço, inteirando-se dos acontecimentos, desde o descobrimento da terra até as peripecias da celebre batalha. Ajuntam-se á profusão de pormenores vários mappas e clichés, que tornam a obra um valioso documento.

Como se diz em epigraphe, "não foi pouco o disvelo e trabalho no seu contexto".

José Augusto — EDUQUEMO-NOS — Ed. "O Norte" — Rio — 1922.

O sr. José Augusto, que tem dedicado ao ensino o melhor dos seus esforços, como deputado, reúne em folheto vários dos seus pareceres como membro da comvissão de instrucção da Camara. São de actualidade as questões ventiladas — ensino primário, regimen universitário e a União e o ensino primário — e a maneira pela qual o autor encaminha a exposição, é clara, convincente.

Hugo Wash — EL VENGADOR — Ed. Libertad — Buenos-Aircs — 1922.

Na Argentina, Hugo Wash é um cscriptor popular. O numero de suas obras é avultado, contando-se por dezenas as reedições. Este romance, que agora nos vem de Buenos-Aires, segundo se lê na pagina de rosto, está no seu 69.º milhar, o que quer dizer que se trata de livro feito.

Mauricc Gandillot — ETHER OU RELATIVITE — Ed. Gauthiers-Villars & Cie. — Paris — 1922.

O sr. Maurice Gandillot combate a theoria da relatividade, apontando ao leitor este caminho:

"Para encontrar o repouso intellectual, um só meio vos resta: abandonar o paiz das especulações transcendentaes e retomar pé lucidamente no vosso costumado terreno, o do bom senso, relembrando-vos da palavra de Bacon: "Physique, garde-toi de la Metaphysique".



Carlos D. Fernandes — LIVRO DAS PARCAS — Parahyba
— 1922.

Poeta e prosador, o sr. Carlos Dias Fernandes é dos mais operosos escriptores brasileiros. Ultimamente, boa meia dúzia de livros tem lançado, cujo apparecimento foi aqui registrado. Cabe-nos hoje registrar o "Livro das Parcas", que em bem cuidada edição nos vem da Parahyba.

Digam do poeta estes versos:

Pouco me importa o estímulo ao meu canto,
Seja elle admiração, premio ou louvor:
Por estas mingoa taes não me quebranto,
Nem voto á Lyra uma affeição menor.

Nasci poeta e hei de cantar, emquanto
Actuarem no meu sêr as leis do amor,
Propiciando o transcendente encanto,
Que em' mim reside, que me fez cantor.

O' natureza, ó mãe prodigiosa,
Que me encheste de luz e de arrebol
Como de aromas inundaste a rosa.

Renova sempre esse quinhão de sol,
Que me vasaste n'aima numerosa,
Porque eu te exalte como o rouxinol.





UMA BARRETO

Domingo chuvoso. Chuvoso e mais sombrio por ser dia de finados e os vivos commemorarem tão ruidosamente os mortos. O contrastes entre os nossos actos e os nossos sentimentos! Depois que li, cedo a noticia da morte súbita de Iyima Barreto, saio á procura da sua casa, nos suburbios, rua Mascarenhas, Todos os Santos, numero incerto. No bonde, a azafama de passageiros apressados, com ramos de flores baratos, caminho do cemitério de Inhaúma.

Peço esclarecimento a um delles.

— A rua Mascarenhas? Pois não! O senhor saltará na rua das Officinas, subirá por uma outra que lhe indicarei e a rua Marcarenhas será a terceira, á esquerda.

Obedeci á indicação, atirei-me á lama de barro amarello daquelles recantos e verifiquei que meu informante se' enganara.

Chovia sempre e havia já uma hora que me molhava. Eembrei-me, então, daquellas paginas de realismo sentimental e grave-grotesco que o proprio Iyima Barreto vivera no episodio "A' procura do defunto". Assim eram-todas as suas composições: amassadas nas pequenas tragedias anonymas que a gente humilde é obrigada a representar todos os dias...

Emquanto, indeciso, assim conjecturava, avistei numa rua transversal um transeunte cabisbaixo, trazendo um ramilhete de perpetuas. Fui ao seu encontro.

— A rua Marcarenhas? A casa de Uma Barreto? Para lá vou eu.

Acompanhei-o. Estava no mesmo estado

dos outros, os que procuravam o defunto, nas paginas dos "Sonhos e Contos".

Fizemos o percurso em silencio e quando transpuzemos a sala em cujo centro jazia o cadaver, o homem correu a espalhar no caixão, votivamente, aquellas perpetuas de um roxo tão expressivo. Depois, mal contendo a commoção, descobriu-lhe o rosto, beijou-o na testa, que ainda recebeu algumas lagrimas.

Uma pessoa da familia dirigiu-se ao visitante. Quiz saber quem elle era.

— Não sou ninguém, minha senhora. Sou um homem que leu e amou esse grande amigo dos desgraçados.

E ali esteve, com as poucas pessoas que encontrara, velando o corpo durante algum tempo.

Soube, então, que varias manifestações semelhantes fizeram a Iyima Barreto ou tras almas reconhecidas.

Homenagens dessa natureza são raras. Principalmente partindo do nosso povo» que lendo pouco, quasi sempre lê mal, »considerando ainda o romance como um passa-tempo e a poesia como um "brinco da imaginação"...

O culto desse homem, profundamente affectuoso, é um symptoma de que os escriptores realmente brasileiros já influem na alma da nossa gente.

E' possivel que não se veja nesta ponderação nenhuma novidade. Afigura-se-me, porém, que ha, porquanto se alguns homens de letras gozam maior estima dos seus contemporâneos, devem tal estima não aos próprios méritos intellectuaes, mas á sua fortuna social ou politica. Aquelles são sempre insignificativos quando não constituem um obstáculo a toda

L. BRIZZOLARA



Monumento a Carlos Gomes — O Guarany

L. BRIZZOLARA



Monumento a Carlos Gomes — *O escravo*

c qualquer outra aspiração daquelles que os possuem. Eu tinha ali mesmo, deante dos olhos, uma prova flagrante desta verdade. Nenhum escriptor da nova geração fôra tão generoso, trabalhara mais regularmente e dignificara tanto o romance como Iyima Barreto. Entretanto, porque se deixara exclusivamente absorver por sua arte, ali jazia quasi sem outra velatura que a de tres ou quatro amigos, alma da dedicação commovedora da irmã, digna de figurar em seu monumento, como o exemplo mais tocante de ternura fraterna, por quem tanto a merecia, por sua inflexível benevolencia com os humilhados e offendidos. Só ella, de certo, comprehendeu a bondade incompensada e estimou dignamente as virtudes intimas e raras 'p fecundo creador de caracteres humanos que foi o retratista das "Memorias do Escrivão Isaias Caminha". Só ella sabia a significação daquelle sorriso inconformista do homem que a vida desencantou desde a primeira juventude, revoltando-o por hábitos, gestos, palavras e attitudes contra os preconceitos injustos, as idéias hostis, a ambição cega, a inveja subterrânea e os sentimentos e resentimentos mesquinhos dos outros homens. Só ella, portanto, penetrou bem o rythmo desigual daquelle coração incapaz de ser compreendido e perdoou todas as suas fraquezas generosas.

O que mais surpreendia a todos nós, no convívio de Iyima Barreto, era a própria resistencia mental aos hábitos irreductiveis da sua bohemia. Quando vinha á baila a sua capacidade creadora surgia, para logo, esta pergunta enigmatica: Como é que Iyima Barreto concebe e realisa a sua obra no meio daquelle vida tão incontinente?

Ninguém tentava explicar o milagre. E' que os milagres desafiam as possibilidades de nossa intelligencia. O certo é que esse escriptor produzia sempre e lograva cada vez mais a estima dos espiritos independentes e mais ruidosa acolhida do povo.

Emquanto os curiosos commentavam-lhe a producção, segundo a sympathia ou a antipathia que tinham pelos motivos que a determinava, a fertilidade extraordinária

daquelle espirito editava noras obras, alargando o circulo de sua influencia.

Foi sempre assim ha uns dous decennios, ou menos.

Durante esse período de tempo, quanta gente feliz, reconfortada e philauiciosa, não se desilludiu da própria genialidade, apesar do seu desprezo pelas roupas ou pela vida bohemia mas fecunda e consciente do autor de tantos livros duradouros! Lima Barreto era uma vocação literaria. Nascido para as letras, não houve infortúnio que o impedisse de realizar a sua obra. Encarou a vida de frente, como o seu temperamento o obrigava, e soube por isso, vivei-a e reflectil-a sem hypocrisia, honestamente, alheio a censuras ou louvores. Pôde ser que nem sempre fosse exacto o conceito que fez dos homens do seu tempo e dos sentimentos que determinaram os actos ou as acções das creaturas dos seus romances. Ninguém é infallivel e muita vez a criatura diz melhor que a photographia. A verdade é que a literatura, para esse homem, foi uma cousa sagrada, um dever de consciência, tanto mais imperativo quando via os mais bellos talentos se desviarem, por motivo de ordem egoista, de sua função consoldaora. Uma critica isenta de paixões pôde allegar e provar defeitos de execução na obra desse escriptor. O stylo de Iyima Barreto ou a sua falta de estylo, como queiram, é uma qualidade immanente á sua própria organisação. Vivendo os seus personagens, respirando o mesmo ambiente, na elocução nunca procurou outros recursos estheticos alheios á gente e ao meio social que o interessava. Não foi um mero espectador da vida. Confundiu-se, ao contrario, com o que ella tem de mais humano e contingente, o que lhe valeu o resentimento de todos, de tudo, de si proprio. Esse resentimento, porém, era o de um homem ingenuamente bom, e por isso nunca chegou á maldade. Pelo contrario. A característica de sua mentalidade é a de um scepticismo sorridente, tanto quanto pôde tel-o um observador sincero e que, não querendo trair os factos, prefira o desdém piedoso ao sarcasmo justo. Vê-se, com effeito, que a sua psychologia, entalada entre a realidade e a apparencia das cousas, preferiu a primeira, mas não descrendo das forças vivas do coração.



Para muita gente Lima Barreto era um pessimista, porque lhe aprazia o estudo da vida nos seus aspectos mais sombrios. Mas é preciso vêr que mesmo levado a essa conjuntura, a sua bondade é expansiva e procura pôr em evidencia que as offensas e humilhações resultam menos da vontade do que de forças cegas ou incompreendidas.

O egoísmo, o interesse, a vaidade, o orgulho, o vício, que predominam nos moveis humanos, não figuram em sua obra sem as consequências a que quasi sempre arrastam suas victimas.

Ha, pois, uma finalidade na obra literaria de Lima Barreto. Este homem de índole romantica, sensibilidade mestiça, tinha naturalmente que viver á parte das ruidosas agitações utilitaristas destes dias e a finalidade de sua obra era a de attractar a attenção dos outros homens para os proprios ridiculos. Era um meio de reduzi-los á expressão real e despertar-lhes pendoros menos egoisticos ou imbecis.

Tanto vale dizer que Lima Barreto se collocava, com a critica ao pharisaismo ora dominante, em conflicto com as opiniões e conveniências sociaes. O momento não permitia, talvez, uma comprehensão da vida menos passiva, egoista e hypocrita do que a que tanto provocava a sua ironia e o desgostava do mundo. Elie não considerou assim ou não admittiu tal contingência. Fiel aos seus sentimentos ingenuos, não transigiu nunca. O successo de sua obra implicava j insuccesso de sua vida na ordem dos interesses materiaes. Aceitou ou, antes, aproveitou a emergencia para melhor desempenho de suas aspirações realisadoras. Desse contraste entre a sua sensibilidade e as vicissitudes da vida real resultou uma obra commovente, impressionista e uniforme, embora sem preocupações de escola.

O homem e o romancista em Lima Barreto foram uma só e mesma individualidade viva. EHe tinha forçosamente de morrer como vivera...

A. J. PEREIRA DA SILVA.

(A Noite).

VOIYUÇAO DAS PROFISSOES

A proposito do centenário da Independencia do Brasil já se celebrou quasi

tudo. Não houve manifestação de actividade nacional que não apanhasse o seu dythirambo. A eloquencia e o lyrismo indigenas inundaram o paiz na exaltação das glorias domesticas. Se ainda o estrangeiro persistir em nos ignorar, a culpa será delle. Tudo fizemos por que avantajadamente nos apresentássemos aos olhos estranhos... Uma coisa, entretanto, esqueceu ao orgulho nacional deitar em relevo nas paginas que consagrou aos fastos brasileiros. Foi o progresso da nossa mentalidade no que toca ao exercicio das differentes profissões humanas.

Ainda ha pouco o patriciado brasileiro, que veio da mineração e da lavoura, só admittia para os seus rebentos uma profissão digna: a de doutor. A mocidade brasileira era toda encaminhada, desde os primeiros passos na escola, desde as primeiras lutas com o abec'e as quatro operações, para a conquista do diploma de doutor, notadamente para o diploma de bacharel. Proporcionalmente, fomos talvez, até ha pouco, o paiz mais saturado de bacharéis que existia no planeta. Houve tempo em que o officialado da Guarda Nacional fez alguma concorrência á invasão dos canudos academicos. Mas não durou muito: o bacharel venceu o guarda nacional.

Ficando sósinho em campo, como ficou, parecia que o bacharel conquistaria definitivamente o paiz. O seu domínio devia alastrar-se pelo territorio nacional como o de certas hervas que matam toda a vegetação que alcançam. Assim, porém, não aconteceu. Não podia de facto acontecer. O bacharel, como todas as coisas deste mundo, não escapa á lei do declínio após o período áureo de completo desenvolvimento. E, realmente, o bacharel está declinando. O doutor já não é o mesmo fotiche de outrora. O encanto dos diplomas academicos já perdeu os mais vivos dos seus reflexos. As próprias meninas casadoiras já não collocam no doutor o ideal dos seus sonhos matrimoniaes. O deus, retirados dos lares, já passeia entre os mortaes sem provocar sobresaltos e admiração. O doutor é, no presente, um homem como os outros; um bipede, com tanto raciocínio que os outros, e ás vezes, com muito menos... Do coração das meninas ricas

o doutor resvalou, hoje, para as carteiras da burocracia. De genro nato rebaixaram-n'o as contingências humanas a simples amanuense de secretarias governamentais.

Essa transformação de valores reflectiu-se no teor geral da vida brasileira. Com a queda de cotação que o bacharel soffreu, apagou-se no espirito publico o preconceito contra as profissões que não se enquadravam na categoria das chamadas profissões liberaes. No reinado do "bacharel não havia familia com pretensões a destaque que se decidisse a fazer dos filhos abastados negociantes ou opulentos industriaes. Era geral o prejuízo de que a essas profissões escaseavam toques de nobreza e que, para exercel-as, não precisava o individuo de certas condições intellectuaes, nem de qualquer espécie de cultura. O negociante de mais não precisava que de uma ligeira dóse de esperteza e de algum capital. Quanto menos intelligente, quanto menos illustrado, mais aparelhado estaria para o exercicio das suas funções sociaes, e mais seguro teria o exito das empresas em que se envolvesse. Typos, como o liarão de Mauá sobrenadavam, no oceano do desprezo que cercava as profissões mercantis, como flores estranhas e phenomenaes. Eram admiradas de longe, mas não eram imitadas.

Hoje, mudou-se tudo. Poucas são as familias que não procuram encaminhar para o commercio e para a industria os seus membros mais intelligentes e poucos são, no commercio e na industria, os exemplares do modelo typo antigo. A industria e o commercio passaram a ser, de tempos para cá, profissões que demandam larga e quotidiana despesa de energia intellectual e que se não podem exercitar cabalmente sm uma vasta somma de conhecimentos. O commerciante bronco, sem letras e sem maneiras, só se encontra hoje no commercio rudimentar das tabernas. Os grandes commerciantes e os grandes industriaes não atingem ás culminancias, na sua especialidade, sem revelar primeiro uma solida •força mental. E' a cabeça, é o espirito quem, hoje, domina todas as profissões •no Brasil, quer sejam as denominadas liberaes, quer sejam as de outra catalo-

gação. Na industria e no commercio os homens só valem, como nas letras e na administração publica, pela cabeça e pelo caracter.

A evolução neste ponto attingiu a um tão adeantado gráo de desenvolvimento que já se percebem signaes de uma troca radical de valores. O industrial e o commerciante exercem agora, na sociedade, um papel muito mais effizaz e muito mais importante do que o letrado de antanho. O proprio politico, que foi, por muito tempo, o polarizador de todas as admirações populares, começa a perder sensivelmente o seu prestigio diabolico. Já se admira hoje muito mais o homem obscuro que triumpho em arriscada empresa commercial ou industrial do que o bacharel verboso capaz de prender nos lábios, horas a fio, uma assembléa inteira.. E' que, para felicidade do Brasil, já atravessamos o periodo romântico da vida, onde as palavras significam mais que os actos. Os períodos sonoros já perderam para nós a magia seducção de outrora. Os homens de acção principiam a ser os nossos heróes predilectos. O espirito amadurecido não se satisfaz mais com as lentejoulas faiscantes dos phraseados rendados. Reclamam substancia nutritiva para a sua alimentação.

Emancipamo-nos intellectualment e

Essa transformação, que assignalamos com o maior jubilo, não deve, entretanto, accentuar-se demasiado num só sentido. E' uma felicidade que nos tenhamos libertado da escravidão das palavras, mas será uma desgraça se, orientados no rumo da acção, venhamos a confundir no desprezo ao palavreado oco o culto dos ideaes. Façamo-nos homens de acção mas não nos esqueçamos nunca de que sem o orvalho do ideal a acção não se apresenta com viço e frescura nem se desentranha em fructos saborosos. Orgulhemonos por ter aberto o espirito ás rajadas de bom senso, que o limpam da fuligem dos preconceitos, mas não recusemos a cultura litteraria o tributo que ella merece. Já entrou em nossos costumes, definitivamente, a idéa democratica do nivelamento de todas as profissões. A intelligencia do homem continua a ser a mesma maravilha divina, quer se applique ás largas combinações da industria



ou do commercio, quer fulgure na trama dos systemas philosophicos, ou no ajuste das rimas preciosas. Não consintamo9 que, por excesso de materialismo, desça ella, um só ponto, na sua magestade.

PUNIO BARRETO.

(Revista da Associação Commercial).

THEATRO NACIONAL

Não havia logar vago no Theatro Appollo, á estréa da Companhia Nacional de Comedia, da qual é primeira figura a distincta actriz Abigail Maia.

A anciedade, que, ha vários dias vinha despertando essa estréa levou ao theatro da rua I). José de Barros enorme e selecta assistência. Por outro lado, o espectáculo correspondeu inteiramente á expectativa. O excellente cnjumcto da companhia Abigail Maia e, tanto como isso, a fina e linda comedia de Oduvaldo Vianna, fizeram do espectáculo de hontem uma bella noitada de arte.

A apresentação da companhia foi feita em scena aberta pelo brilhante poeta paulista, sr. Amadeu Amaral, que pronunciou as seguintes palavras:

"Apenas duas palavras, antes que principie o espectáculo. Terão no minimo, o mérito de vos entreter de algum modo por momentos, na anciedade natural da espera.

A companhia que hoje se apresenta ao publico de S. Paulo não é uma companhia vulgar; não deve ser, em São Paulo, recebida como uma companhia qualquer. Ella apresenta-se amparada por dois altos pensamentos directores, — o seu capacete e o seu escudo: um claro e inabalável intuito de arte, e um não menos decidido, nem menos obstinado intuito de nacionalismo. Qualquer dos dois merece amplamente o nosso apoio, o nosso interesse, a nossa sympathia mais effusiva.

A arte theatral, no Brasil, depois de um periodo de relativo florescimento, com as primeiras gerações após a independencia, decaiu rapida brutalmente, como num desmoronamento lamentavel, para ai peores fôrmas da farça e da palhaçada. Antes, quando o Brasil era menos povoado, menos empregendedor, menos pros-

pero, menos culto, o theatro attrahia a Multidão, e a multidão defluia, em noites de espectáculo, dos palacios e dos casebres, da residência dos principes e da morada dos humildes, guiada por uma nobre intuição, para vir commungar espiritualmente na eterna paixão multifaria dos soffrimentos e das anciedades humanas, representada nos painéis vivos da scena, e vibrar no calefrio trágico de um João Caetano, e rir o largo riso-sincero de um Vasques. Os autores,, então, eram a fina flor da intellectualidade brasileira, eram os nossos maiores romancistas e os nossos maiores poetas. Os assumptos, giravam em torno das mais elevadas preocupações humanas e dos temas sociaes mais interessantes daquella época. O estylo e a carpintaria das peças, se não eram perfeitos, procuravam ao menos enquadrar-se nos limites naturaes do genero, e fazer unicamente "theatro" no theatro, e não baixos entremezes de circo, nem repugnantes truanices de feira. A arte, emfim, se não se desvendava inteiramente e uão empunhava em triumpho o sceptro de ouro das suas grandes épocas do mundo antigo, do periodo clássico m França ou da era shakespeareiana em Inglaterra, pairava, comtudo, como uma sombra augusta, sobre o tablado e sobre a sala, invocada sinceramente pelos autores, pelos artistas e pelo publico attento.

Depois, é a ladeira por on'e tudo se despenha. Nos primeiros decennios da Republica, apesar de todos 3 esforços, todos os planos e todas as prédicas, o theatro nacional, fonte viva, se mudou em charco empestado. Chegou a desaparecer por completo. Foi o dominio exclusivo da "revista" e da "magica", da "burleta" e da "pochade", — tudo leve até á leviandade, tudo fácil até ao descozido, tudo baixo até ao rasteiro. O theatro brasileiro transformou-se (com fraras excepções) em "rendez-vous" de boçalidades escriptas por autores sem elevação, montadas por empresários sem escrúpulos, representadas por actores -em alma, toleradas por um publico sem exigências.

Mas, assim como não ha nada que inspire um desejo certo de reconstrução como um desabamento completo, a quêda definitiva do theatro nacional acarretou

emfim um trabalho de reorganisação apre-
avel. Tentativas mais ou menos bem
orientadas, mais ou menos efficazes, suc-
cedem-se, de vários lados. Hoje, "m
poucos annos de actividade reconstructora,
temos feito quasi tanto, senão mais do
que em meio século da producção thea-
tral anterior. Temos emfim algumas
companhias "nossas", como esta que hoje
ides applaudir; temos artistas "nossos",
como essa admiravel Abigail Maia e seus
dignos companheiros; temos uma dúzia
de autores "nossos", como Oduvaldo
Vianna, cuja linda peça vos vai encantar
esta noite, — autores que tratam por
uma maneira "nossa" os themas univer-
saes do theatro colhidos em "nosso" meio,
e tomos um publico animado animador
que, em nesta noite, accorre ás platéas
para vibrar nas altas, nas bellas, nas
superiores, nas insubstituiveis emoções da
arte condensando e transfigurando as
emoções da vida.

A companhia que hoje se vos apre-
senta, guiada por uma energia indômita,
só deseja realisar em terra brasileira,
um theatro brasileiro, — tão desejável,
tão legitimo, tão necessário como quaes-
quer outras fôrmas e expressões de au-
tonomia moral, intellectual, politica, ou
economica, que accentuam e perfazem a
phisionomia de um povo, sem por isso
o arredarem absolutamente do mais largo
convívio universal, antes permitindo-lhe
levar á obra geral da civilisação humana
alguma contribuição realmente apreciavel
e interessante.

Aiuxiiiie, senhoras, apoiae, senhores,
bafejae com o vosso carinho este sin-
cero esforço de arte e de patriotismo;
concorrei para que esta planta se firme
em solidas raizes, e vice, e pompeie, e
floresça magnificamente e, — porque as
suas flores, o melhor, o mais fino, o
mais amavel, o mais bello destas vege-
tações não é para quem as cultiva, as
trata, as rega com seu suor e com suas
lagrimas, as apura com - as suas can-
ceiras e mortificações; não é para os
autores, não é para os actores, não é
para as empresas, mas para vós, mas
para o espectador, e para aquella que
é a origem, o estimulo e o fim de todos
os nossos melhores anhelos — a nossa
Patria muito amada".

As ultimas palavras do nosso presado

companheiro de trabalho foram cobertas
por uma longa salva de palmas.

Logo após teve inicio a representação
da comedia "Manhans de Sol", de Odu-
valdo Vianna, que a companhia escolheu
para a sua apresentação ao nosso pu-
blico.

A escolha foi das melhores e contri-
buiu poderosamente para o successo que
alcançou a Companhia Nacional de Co-
media. "Manhans de sol" é uma bella
comedia, bem construída, com correcto
desenvolvimento da acção, com typos es-
tudados cuidadosamente. A essas quali-
dades, juntam-se ainda a vivacidade do
dialogo e o brilho de uma graça leve,
emprestando a todas as scenas extraordi-
nário interesse. Naturalmente, nos seu»
tres actos, podiam notar-se alguns pon-
tos fracos, como seja a prolongada de-
mora em scena de "Mestre Domingos",
seja pela impressão penosa que produz a
figura de um negro que já perdeu a
»conta dos annos e com ella, e razão; se-
ja pela nenhuma parte activa que esse
pe sonagem representa no desenvolvimen-
to geral da peça. A figura de "Mestre
Domingos" é, aliás, uma das figura»
apresentadas com perfeição e abundancia
de detalhes e de minudencias, o que re-
vela, tanto da parte do autor como do
interprete, o mais acurado estudo. Ou-
tro ponto, que não pôde deixar de cho-
car o espectador, é o da paixão, súbita r
inesperada, do bacharelado Alvaro por
Leonor, pois parece que, nesse trecho, a
peça se precipita, com demasiada pres-
sa. Isto, iporém, representa simples de-
talhes que não prejudicam de modo al-
gum os méritos da peça, que pão muitos.

Um dos melhores valores do trabalho
de Oduvaldo Vianna está, sem duvida,
no estudo dos typos. O papel de Leonor,
uma joven estouvada, apesar (dos seu»
bons sentimentos, e que uma paixão «es-
Venturada leva até ás portas de um
convento, felizmente não mais longe, é
um dciles. A figura de Alvaro, um estu-
dante despreoccupado e brincalhão a todo
proposito, é outra personagem de realce.
Destacam-se linda os typos de "Mestre
Domingos", ao qual já nos referimos; de
"Chiquinho", um moleque levado, que se
transforma num "chauffeur" pernóstico;
"Nhanhan", velha mais ou menos rabu-



jenta; os tres caipiras "Nito", "Zezé", "Firmino" e outros.

Com todos esses méritos, a comedia de Oduvaldo Vianna não podia deixar de alcançar o bello êxito que ihontem obteve. Aliás, para esse êxito concorreu de maneira apreciavel o conjuncto da companhia Abigail Maia, que se não possui nenhuma celebridade de cartaz, é, no' entanto, de efficiente homogeneidade, dispondo de bons elementos artisticos, capazes de dar cabal desempenho ás nossas melhores comedias.

Em primeira plana, destaca-se a distincta actriz Abigail Maia, que a nossa platéa já conhecia e de que se recordava sempre com saudade. A brilhante artista, tanto pela sua graça como pela sua intelligencia, recebeu hontem os mais calorosos e merecidos applausos, pelo excellente desempenho que soube dar ao papel de Leonor. Procopio Ferreira é também um fino artista, que desde logo conquistou a inteira sympathia da sala, com o seu esplendido jogo de scena e admiravel desenvoltura e naturalidade. O papel de "Mestre Domingos" teve um interprete fiel em Manuel Durães. Angelica Silveira e Adelaide Coutinho estiveram muito á vontade nos seus papeis. A parte de Sinhá foi desempenhada com graça e intelligencia por Gabriella Diniz. Palmeirin Silva fez o moleque Chiquinho com muito brilho, provocando constante hilaridade. Destacam-se ainda Jorge Diniz, Sylvia Machado, João Eino, Brandão Sobrinho, Eduardo Vianna, Aida Ferreira e as meninas Sara e Aidé Diniz.

Conjuncto formado quasi inteiramente com elementos nacionaes, a Companhia de Comedia representa, de resto, um bellissimo e louvável esforço, digno do melhor apreço da nossa sociedade.

A montagem da peça foi feita com muito gosto e os scenarios são primorosos.

A marcação da peça é irreprehensivel.

(O Estado di? São Paulo).

O mesmo jornal publicou a propósito o seguinte artigo:

Todas as tentativas officiaes para a criação, ou melhor para o renascimento

do theatro nacional, falharam. Não se cria artificialmente arte nenhuma. Escultura, architectura, theatro, todas as artes, em summa, só apparecem e viçam quando um conjuncto de factores propicios lhes estimulam o surto. No theatro, o grande estimulo criador sempre foi o apoio publico. Este apoio faltou ás tentativas officiaes. Os espectadores nada viram no movimento que os interessasse. Não era aquelle o theatro que sonhavam, e continuaram a frequentar o theatro de pachuchadas, que ao menos os divertia — grosseiramente, é verdade, mas que os divertia. O outro, massava.

Um dia, porém, surgiu o theatro or sessões, influencia já do cinema, e empresarios hábeis principiaram a associar as duas coisas, cinema e theatro. Mas em - doses pequenas este, não mais em noitadas tremendas, de 8 a 12. O publico' aceitou. Era uma idéa. Divertia e não massava. Além disso — argumento sério, barato!

Vê-se, pois quanto o cinema contribuiu para a criação do nosso theatro moderno. Forçou-o a ser breve, incisivo e barato. A ser moderno, a ser democrático. Não mais privilegio dos ricos, como o theatro de outrora — que subsiste hoje sustentado apenas pelos ricos — mas de toclo o mundo. Quinze, vinte mil réis a cadeira? Não. Tres apenas, e até *ois. O mesmo preço, quasi, do cinema. E economizador de tempo, por cima. O outro, o dos ricos, exige o emprego de toda a noite; o recemeriado pede menos, hora e meia se tanto, tal qual o cinema. Só os ricos podem esbanjar o seu tempo; o remediado tem que ir cedo, no outro dia, para o serviço. E' -lhe, pois, vedado, em absoluto, o theatro á antiga.

Foram o preço e a economia de tempo os factores que criaram o theatro moderno, copiosamente frequentado, com representações que se repetem mezes á fio.

Porque impossivel theatro que com uma ou duas representações já esgote o publico. Theatro afcsim será sempre artificial, carissimo, não dando lucro nem ao actor nem ao autor. Apenas o empresario, explorando a ambos, auferirá algum resultado pecuniário.

Pois bem: a innovação «ggerida pelo cinema teve immediatamente ganho de-

causa e, coího soe acontecer, brotaram da terra numerosos autorçs, alguns dos quaes foram verdadeiras revelações. Comedias finas, ricas de emoção, libertas de pimenta e do sal grosso, vi&m-se applaudidas com' entusiasmo. Muitas delias ficaram no cartaz longo tempo e comportaram "reprises" compensadoras. Cem, cento e cincoenta, duzentas representações, *um assombro! "A Jurity", de Viriato Corrêa, alcançou.

"Manhans de Sol" de Oduvaldo Viana, maravilhosa revelação de comediographo finíssimo, anda perto das duzentas. "Flores de Sombra", de Cláudio de Souza, teve-as numerosíssimas. Tudo isso de repente, improvisamente, quando todo o mundo julgava morto de vez o theatro entre nós, ante a decepção dos tentamens officiaes.

Um outro factor contribuiu muito para este successor a introdução na scena da prosodia brasileira. Havia a crença ridícula de que a nossa prosodia não se prestava para o theatro. Prestava para entenderem-se entre si 30 milhões de criaturas; para o theatro, não! O habito inveterado de só termos por aqui, representando em portuguez, companhias portuguezas, estabeleceu esse dogma. Mas assim como na literatura a lingua nacional, a lingua geral deste paiz, a brasileira, filha da portugueza, está batendo a progenitora, assim também no theatro o nosso linguajar, com os seus modismos, a sua prosodia, as suas inflexões próprias, baterá a lingua lusa. O publico já encontra difficuldade em comprehender o que dizem os actores portuguezes, que não transigem com a prosodia nossa. Impossível, sem esforço (e o esforço de comprehensão diminue o prazer) numa terra onde só se ouve dizer "tenho", "também", "vintém", "recepção", "Belém", atinar de prompto com o que quer dizer "tanho" "tambain", "Vintain", "recepção", "Belain".

Além de que os modismos de lá, as finuras, os idiotismos da lingua lusa, já não correspondem aos nossos e são mal comprehendidos cá. Essa disparidade se agrava na classe média, que frequenta os theatros e lhes dá vida, porque nellas é menor o habito da leitura do lidimo portuguez, menor que é a sua cultura literaria.

A companhia Abigail Maia, depois de provar ao Rio que o theatro brasileiro, leve, espirituoso, moderno e barato, é possível, e está criado, veiu fazer igual demonstração em S. Paulo. Seu repertório exclusivo de peças nossas, todas modernas, de agorissima, e uma antiga, o "Demonio Familiar", José de Alencar; seus actores, todos nacionaes, falando a nossa lingua, prosodiando á nossa moda; o apuro das montagens, o capricho dos scenarios, o amor intelligente com que são tratados os papeis; a ausência de chulice, de "charge" forçada; o facto de dirigir a empresa, não um empresário boçal, com o fito único da caixa, mas sim Oduvaldo, finíssimo autor que é um finíssimo director de scena, tudo isto faz desta temporada que se inaugura agora, um acontecimento digno da maxima attenção. Significa, pela "primeira vez" em S. Paulo, cidade que tem tido todos os theatros do mundo, francez, allemão, italiano e até japonez, "theatro brasileiro", essa coisa julgada impossível.

E corrio, apesar de ser um inicio, é já uma realidade esplendida o que nos apresenta a benemerita empresa, ficamos-nos a sonhar com as immensas possibilidades de aperfeiçoamento dessa criação.

Temos o nosso theatro e tel-o-emos um dia no apogêo, riquissimo em manifestações como os grandes theatros do velho mundo. Vae cessar, finalmente, esse horrível estado de coisas que durou até ha bem pouco tempo: um paiz iue ia ao theatro mas não entendia patavina das peças... a não ser que levasse consigo interpretes juramentados.

Monteiro Lobato.

EIORACIO QUIROGA

Realizou-se o jantar que os intellectuaes paulistas offereceram a Horácio Quiroga, brilhante prosador uruguayo, victorioso autor de contos esplendidos, cheios da poesia e da belleza da terra americana.

A' sobremesa, o sr. Monteiro Lobato pronunciou o seguinte discurso:

"Ao homem só interessa o homem. E a natureza só interessa o homem quando



"agida" por elle ou quando reagindo contra elle. Dahi a arte: espelho onde o homem se vê a si próprio e vê também a natureza "humanizada".

Peço perdão aos amigos do apparente pedantismo e declaro que não o é, nem é introito de artigo de fundo, nem prefacio idalguma nova esthetica.

E' um simples nariz de cera que explicará esta "comida" offerta a Horácio Quiroga. A mim como o mais velho do grupo, o mais caradura e o que mais o conhece, compete idar as razões pelas quaes jantamos o querido uruguayo. E para conseguil-o é necessário principiar pelo nariz de cera. Continuo. Quiroga é homem. Interessa-se, portanto, pelo homem e pela natureza "agida" ou "reagida".

E como é também um artista, fez da eua arte um espelho que reflecte maravilhosamente a vida do homem no seio da natureza.

Até aqui nada. Todo espelho, fóra o espelho sem. aço, reflecte imagens. Mas só valem os espelhos que reflectem o que merece ser reflectido. Primeira grande qualidade de Quiroga: tacto infinito na escolha do que merece ser reflectido.

O que é banal, e sem significação, é fútil; o que é todo-o-mundo, todo-o-dia, o que não "paga a pena", emfim, não penetra em sua arte. Ella atem-se ao que é drama interior, ao que é comedia, ao que é dôr muda, ao que é lance heroico, ao que é nevrose, ao que é lucta, ao que é rico »de suggestões, ao que é, em summa, verdade artistica.

Mas ha espelhos de varia categoria, os concavos, os convexos, os que augmentam, os que diminuem. E ainda os que deformam, como o clássico "espelinho de turco", que da mais linda cara de mulher faz a mais torta e caricaturesca das caras.

Para equilibrio desses espelhos falsos ha o espelho de crystal "bisauté", que não collabora na reflexão da imagem e a dá purissima.

A arte de Quiroga é este espelho. Respeita religiosamente o que é, o que elle vê, o que elle sente. Não mente, não desnatura, não enfeita, não afeia. Dahi,

a cotação cada vez maior em que ella é tida no continente.

Seus leitores percebem logo, ás primeiras linhas, que não estão a perder o tempo precioso. Interessados, como humanos que são, pela verdade da vida, sentem-na flagrante nos seus contos e mergulham-se nelles como dentro de pedaços da própria vida.

Tudo isto já é muito. Mas seria pouco si Quiroga não tivesse nascido o "conteur" magnifico que é; si não possuísse o mysterioso dom do talento que se não explica nem se define; si não fosse dotado da faisca dos Maupassant, dos Kipling, dos Knut Iamsun e poucos mais verdadeiros contistas. Seria pouco, si em seus contos, não houvesse o indefinivel "quid" que é o segredo perturbador das verdadeiras obras de arte. Não commetto a "pavada" de tentar explicar aqui em que consiste esse mysterioso "quid". Limito-me a assignalar a existencia delle na obra de Quiroga e a dar parabéns ao9 presentes pela honra de termos em nossa companhia um homem em cuja arte ha a coisa séria por excellencia que é o "quid".

E Quiroga não só o revela nos seus contos como ainda o traz consigo. E assim, movido por elle, não vem do Rio com a emoção classica do turista barato ante o Pão-de-Assucar, nem se derrama em *shokings* ide encomenda á lembrança das cousas que um Bedecker mandaria admirar. Do Rio traz, como a sensação fina que se guarda no cofre das bellas saudades, a lembrança da hora passada ao lado de uma rara flor humana — Rosalina. De S. Paulo levará um pequeno gesto e uma palavra subtil ouvida a FeŨto Lopes: "Pó na estrada? E' que morreu a mulher de Fulano". Levará, em summa, o que é sensação de belleza, o que é sensação de graça, o que é sensação de fugaz detalhe de arte verdadeira. Porque para os homens como Quiroga não ha Brasil, Rio, S. Paulo, Argentina, divisões politicas de uma cousa indivisivel: a natureza do homem.

Da natureza levará elle as sensações dos seus resumos, das suas syntheses de belleza integral — Rosalinas; do homem levará o que nelle viu e sentiu de personalidade superior e de sensibilidade fina.

E levará ainda... couros de cobra. Anacondista como é, velho amigo das serpentes que em menino se divertia em matar e hoje se diverte em estudar, Quiroga é o maior cobrophilo que conheço.

Viveu entre ellas no território das Missões e criou-lhes tal amor que, aqui, logo ao chegar, sua primeira pergunta foi: Onde fica o Butantan? Conhecedores desta sua mania, tencionávamos organizar-lhe uma festa serpentina. Mesa em colliros de sucury, *garçons* urutús, canja de cascavel, linguça de caninana, *omelette* de ovos de jararaca, e varias garrafas de soro anticrotalico. O professor Kraus, entretanto, por motivos que desconhecemos, mas que respeitamos, recusou-se a fornecer ao cozinheiro as 50 viboras requisitadas. E' essa a razão pela qual vamos todos sahir desta casa como entrámos: vivos.

Mais uma palavra, apenas. Quiroga não fala: escreve sómente. E a condição que impoz á ameaça de ser jantado foi essa de ficar mudo como um peixe, ou melhor, mudo como uma anaconda — como uma anaconda muda, visto como as que elle romancêa e as com que convive em Buenos Aires falam pelos cotovellos.

Senhores! Bebam á saúde do grande *concur* uruguayo, este copo de soro anti-ophidico".

OSWALDO CRUZ

Já foi noticiado que se projecta, no Rio, a erecção de um monumento a Oswaldo Cruz, o eminente cientista brasileiro que debellou a febre amarella da capital do nosso paiz. Não ficarão ahi as homenagens: a mesma commissão, que promove o levantamento da estatua, ou herma (não sabemos ainda de que especie ha de ser o monumento) planejou também a fundação de uma sociedade com o nome do illustre extincto e o encargo de lhe honrar e exaltar a memoria e o exemplo.

A alludida commissão resolveu pedir o apoio, entre outros, do governo de S. Paulo, pois Oswaldo Cruz era filho deste Estado — e, podemos acrescentar, disso se desvanecia.

Quererá o governo auxiliar os justos e generosos intuitos da commissão? E'

provável que sim. Mas a commissão não devia ter-se limitado a pedir o auxilio do governo: devia ter solicitado o apoio pecuniário dos paulistas em geral, que todos têm a obrigação moral de concorrer para tão bello objectivo.

E' certo que os paulistas não gostam de perder tempo com monumentos... Temol-os, poucos e modestos, mas esses mesmos erigidos, em regra, com largos auxilios officiaes. Sem esses auxilios não se fariam, — com a única excepção, talvez, do de José Bonifacio o moço. Esta é que é a verdade.

Os Andradas ainda não têm um monumento em S. Paulo! Alexandre de Gusmão, o eminente diplomata e clássico escriptor, com seu irmão Bartholomeu LyOurenço, o primeiro homem que voou, ainda não mereceram na capital deste grande, prospero e cultíssimo Estado sequer as honras de uma placa, de uma columna, ou de um medalhão!

Até ha pouco tempo não' existia nesta capital uma rua, ao menos, com o nome de Pimenta Bueno, o grande jurista e notável politico da monarchia nascido aqui mesmo, nesta cidade, onde não faltam ruas e praças a ostentarem nomes de summidades que ninguém sabe de onde esguicharam nem o que valem. A maioria da nossa população ignora completamente que nasceram nesta terra, em idos tempos, e a honraram, como poucos de seus filhos, os escriptores Manuel de Moraes e Mathias Aires, reputados pelos que sabem como dois clássicos da lingua e que, além de manejarem a lingua como mestres, a manejaram — o que é mais — como homens de coração e de pensamento.

Quem é que se lembra, em S. Paulo, de um individuo que se chamou Visconde de S. Leopoldo, um homem de letras, um jurista, um liberal, um homem de Estado, que, nascido em Santos, illustrou o governo do Rio Grande do Sul e beneficiou grandemente a antiga provincia, onde, até o presente, uma velha colonia, hoje florescente cidade, lhe guarda a lembrança no seu nome de S. Leopoldo? Quantos paulistas de hoje sabem que de São Paulo partiu para o sul, no tempo da monarchia, um dos mais valentes, desinteressados e persuasivos propa-

gandistas da Republica, o itapetiningano Venâncio Ayres, que tem seu nome em praças e ruas de varias cidades do mesmo Rio Grande do Sul ?

Os paulistas não sabem disso, não querem saber disso. Em São Paulo, na realidade, só ha uma especie de grandeza: é a dos graúdos...

Mas, emfim, quem nos diz que afinal isto não vae mudar ? Vejamos o que succede com o monumento a Oswaldo Cruz.

(Do "Estado de S. Paulo").

LITERATURA INFANTIL

J'y fero y pourtraire la joye, l'allégresse, et Flora, et les Grâces, comme fit en son eschole le philosophe Speusippus. On est leur profit, que là fust aussi leur esbat. On doit ensucrer les viandes salubres à l'énfant, et enfieller celles qui luy sont nuisibles. C'est merveille combien Platon se montre soigneux en ses "Loix" de la gayeté et passetemps de la jeunesse de sa cité, et combien il s'arreste à leurs courses, jeux, chansons, saults et danses: dequelles, il dit que l'antiqué a donné la conduite et le patronnage aux dieux mesmes. Apollon, aux Muses et Minerve.

Montaigne.

I

Réhabilitémos a imaginação

Conversando, ha tempos, com um professor publico acerca da literatura infantil entre nós, como nos referissemos a dois livros recentes, verdadeiramente revolucionários: "Narizinho Arrebitado" e "Fabulas", de Monteiro Lobato, perguntou elle de que genero eram esses trabalhos. "São encantadoras historias maravilhosas", respondemos — "Maravilhosas!" exclamou o pedagogo, com a mais cómica estranheza. Maravilhosas! Sou contrario a isso. Precisamos dar aos nossos filhos i uma educação pratica. As obras de imaginação fazem mal ás crianças, que têm

de preparar-se para ganhar a vida e ser úteis a seus concidadãos"...

Atalhamos em tempo e accesso de verborreia que ameaçava prologar-se, mudando subito o rumo á conversação com solicitar a sua opinião sobre um "film" policial muito gabado pelos frequentadores de cinema, que são todos — mestres e alumnos, velhos, moços e crianças.

E ficamos a pensar no como seria difficil fazer alcançar a essa gente o principio de Ribot — que "a imaginação é na ordem intellectual o equivalente da vontade na ordem dos movimentos"...

Em verdade, seria rematada tolice pretender supprimir a imaginação, contrelhe os vãos, sobretudo na idade de sua maior exuberancia. O que esses gralhos quizeriam, com taes arremessos aparentemente de ordem geral, seria quando muito dar á imaginação uma orientação estreitissima, canalisandoa o mais possivel para as pequeninas necessidades da vida, para os cálculos, exercicios torturantes do mandarinato escolar, como se taes peias fossem um remclio contra o possivel apparecimento de fôrmas pathologicas ou malsans e tivessem o condão de conduzir aos triumphos utilitários que assignalam como o principal escopo da existencia. Esquecem-se de que semelhantes aspectos communs da actividade mental não só não collidem com os mais altos surtos imaginativos, numa criança sadia, senão que têm também, quando exaggerados, as mais funestas consequências. — Assim que — já mui judiciosamente o advertiu o grande psychiologO acima referido — dos abusos da chamada imaginação pratica, tão louvada em modelos "yankees", é que procede a mentalidade dos cavalleiros de industria, dos aventureiros, dos inventores de expedientes suspeitos, dos inconstantes, que virem a mudar de profissão, e dos excêntricos destindaos a acabar nos asylos de alienados.

Não! Seria um crime e uma insensatez tentarmos desfeiar o mundo encantador em que vivem, queiramol-o ou não, os pequeninos reis da fantasia. Fale por nós o genial Renan: "A criança, diz elle, espalha sobre todas as coisas o maravilhoso que encontra em sua aljna. A curiosidade, o vivo interesse que toma por qualquer combinação nova, provém de sua



crença no maravilhoso... A graciosa embriaguez da vida que a acompanha dá-lhe vertigem; não vê o mundo senão através de uma gaze levemente colorida; lançando sobre todas as coisas um olhar curioso e alegre, sorri a tudo e tudo lhe sorri... Não são as coisas o que ella conta, mas sim as impressões fantasticas que têm das coisas, ou melhor, conta-se a si mesma. A criança cria todos os mythos que a humanidade criou; acceta todas as fabulas que lhe impressionam a imaginação, improvisa para si própria outras estranhas e a fei própria as affirmas". "IC essa criança não morre em nós — ajunta outro escriptor — vive no adulto, embora seja muitas vezes abafada pelas preocupações da existencia e pelo amor próprio que nos faz parecer ridicula a sua manifestação. O homem tem vergonha de parecer criança e quer parecer sério, positivo, sceptico e pensador profundo. Mas os seus melhores instantes são os que, sentindo-se criança, escapa em liberdade para as regiões do sonho"...

E é nesse fundo delicioso que nos fica da infancia que vamos haurir forças, consolo e alento nas grandes crises moraes. Causa horror pensar o que não haveria de aridez na alma de um homem que não encontrasse em si, magicamente adormecida como no interior de um columbário, essa criança divina que, segundo o autor de "Phedon", permanece no mais intimo de nós mesmos até a extrema velhice.

Bem sabemos que ha um certo genero de "rêvasserie", de romantismo morbido, de fantastico desordenado e pessimista que convém afastar das crianças, por tender a inspirar-lhes desanimo e enfado da vida. I., Proal, no seu impressionante livro "A Educação e o Suicídio das Crianças", mostra quão nefasta é a influencia dessas leituras, aconselhando-lhes o manuseio dos clássicos.

Dahi, porém, a temer a imaginação, o conto maravilhoso, a sabedoria secular encerrada nas fabulas vae um infinito de distancia. A alma da criança tem a virtude de uma varinha magica. Anima e transfigura tudo o que toca. EHa não perdeu, nas angustias da vida pratica, essa lindissima capacidade de surpresa e deslumbramento em que se resume todo • frescor da existencia e que aliás se

conserva nos adultos privilegiados, nos grandes homens de pensamento e de acção, nos génios e nos heroes. Quem não sabe que Napoleão foi um grande sonhador, como grandes sonhadores também são ainda hoje os maiores estadistas dos nossos tempos. E não só estes, senão também os criadores das grandes companhias, monopolios e "trusts", porque ao lado dos poetas propriamente ditos ha os poetas da acção, os forjadores de realidades, os domesticadores de ideaes, em todos os campos da actividade humana.

Os inimigos da imaginação e da fantasia, para serem lógicos, deveriam prohibir ás crianças a contemplação da natureza, que já é por si só uma grande e inexplicável maravilha, em cujo seio nos debatemos, deslumbrados, até as ultimas da existencia. Razão havia Emerson de querer que os brinquedos dos nossos filhos fossem sobretudo o sol, a lua, os animaes, as pedras, os mil e utn sortilégios que nos rodeiam a cada passo. E que são os contos de fajlas senão a projecção deliciosa dessa realidade superior que a criança "sente" dentro em si e no ineffavel milagre da vida circumstante?

Querer fazer delia um sêr de calculo e de razão violentado-lhe a natureza é dar uma prova do quanto nos afastamos nós mesmos dessa sensação de mysterio e de belleza que é afinal a essencia mesma da vida consciente, para nos apegarmos miseravelmente até convertermos em nosso tudo a busca de um illusorio bem-estar e a combinação de meia dúzia de idéas e algarismos.

Toda a literatura infantil que não se inspira nessas verdades é para a criança insupportavel tortura. Os livros que communmente lhe pomos nas mãos são verdadeiros crimes. Pois haverá associação mais revoltante do que a de uma alma de velho, de uma secura infinita — que tâes são de ordinário os nossos autores escolares — e a de uma criança que desabrocha, em todo o esplendor de seu primeiros annos?!

Proal horrorisado com o numero crescente de suicidios de crianças, preconizava, como remédio effizaz contra essa degenerescencia nervosa, a vida dos campos e a sociedade dos animaes... Da» fadas e dos animaes, diríamos, pois es-



tes para a sua imaginação criadora aparecem sempre como fadas e gênios mais ou menos disfarçados. Nada mais característico de um temperamento sadio, na criança, do que um pronunciado pendor pelas lendas e histórias maravilhosas, em que se espelham a alegria e optimismo da infancia. Uma notável escriptora ingleza, tendo-se encontrado, em casa do jurisconsulto Savigny (que, seja dito de caminho, não se dignava de tomar vivo interesse pelas lendas e narrativas populares) com um dos famosos irmãos Grimm, fez-lhe este cumprimento: "Vossas crianças parecem-me as mais felizes do mundo, porque vivem no meio de contos de fadas". E tinha razão. Nunca se ouviu dizer que um conto de fadas fizesse nenhum mal a ninguém. Muito ao' contrario, o reino de Perrault, embora atacado pela legião dos despoetisadores da vida, resistirá a todos os embates, porque tem os seus fundamentos no esplendor da imaginação, faculdade que o philosopho Froschammer ensina ser apenas uma como subjectivação humana da grande fantasia cósmica que tralha surdamente no seio da natureza, produzindo as incontáveis variedades das formas vegetaes e animaes...

Felizmente tem-se ultimamente operado entre nós um bello e corajoso movimento de reabilitação da imaginação. Temos entre mãos tres livros que confirmam esta nossa affirmativa: "Narizinho Arrebitado" e "Fabulas", de Monteiro Lobato, e "Como se aprende a lingua", de Sampaio Doria. Este ultimo, com ser de genero muito diverso dos dois primeiros, tem entretanto com elles a mesma qualidade essencial — instruir as crianças sem atormental-as, reunindo com arte o util ao agradável — "utile dulci", segundo o salutar conselho do velho Horácio.

Acerca de cada um desses trabalhos daremos aqui, em outros artigos, a nossa sincera impressão.

II

"Narizinho arrebitado",
por Monteiro Lobato.

"Narizinho Arrebitado" é uma bellissima obra de arte, dessas que encantam

a imaginação das crianças sem falsear-lhes o espirito, pois pertence ao delicioso gênero a que o velho "conteur" italiano Basilio dava o nome de "Tratenimiento degli peccerille". Com esse trabalho Lobato tem operado o milagre de reintegrar no ambiente das nossas escolas a leve revoada dos gênios e gnomos, das fadas inoffensivas e bondosas, dahi expulsas pelo espirito de velhice (para não empregarmos expressão mais contudente) que preside em geral á organização dos jardins da infancia e dos cursos primários. E' o começo do sonho de Montaigne — a volta de Flora, das graças, da alegria e da felicidade á idade de ouro, dos sete e oito annos.

E é também um bello acto de coragem. O consagrado escriptor não teve receio de tornar um momento a ser sinceramente criança, identificando-se a tal ponto com a encantadora ingenuidade infantil, que produziu, não um livro "para" crianças, mas sim um livro "das" crianças.

A proposito... lemos em Rerny de Gourmont que as historias de Perrault eram publicadas com o titulo de Historia "das" Fadas e não de Fadas, porque não só versavam sobre "acta et gesta" das fadas, como a ellas se attribuia a autoria das lindas narrativas. O escriptor não era mais do que o divulgador ou compilador do que por tradição ou por inspiração lhe vinha das próprias Melusinas. Titanios e Berylunas.

Iá nessas linhas um symbolo que encerra uma grande verdade. Só o fundo magico da infancia, a faculdade thaumaturgica peculiar a essa idade, sabe inventar contos maravilhosos que realmente interessam ás crianças. E Lobato, ao compor o seu bello livro, teve a felicidade de deixar falar, com uma candura deliciosa, a encantadora fada que vive na alma dos que não envelhecem, dos que sabem conservar através da vida todo o frescor dos primeiros annos.

Já se disse que só os gênios são capazes de escrever coisas do agrado dos petizes, porque só elles não perdem o contacto com o mundo maravilhoso da imaginação. E só elles têm a coragem elegante de desprezar a turba multa dos ignorantes e "snobs" — legião innumera-vel do individuo que, no dizer de um



satirico, trazem no posterior um leque de pennas de pavão, tendo em cada uma delias, á guisa de olho, este escripto em redondo: "Eu não comprchendo!" — cauda magica graças á qual forçam todas as portas, pavoneando-se na grande na pequena imprensa...

"Narisinho" é uma historia cuja simplicidade não exclue o complexo, o vago e nebuloso peculiar ao anthropomorphismo universal da imaginação infantil. Uma menina morava, num tranquillo recanto, em companhia da avozinha e de uma preta velha, a tia Anastacia. No fundo da horta passava um corrego a cuja margem costumava a criança ficar horas esquecidas contemplando os peixinhos a saracotear através das aguas claras. Um dia ahí adormece, á sombra de uma arvore. E teve um lindo soruho. Aqui abrem-se de par em par as portas do mundo encantado. Os bichinhos familiares accorrem todos subitamente humanizados. A natureza transfigura-se e derrama-se em pequeninas divindades, como nas comedias de Shakespeare. Os insectos, os peixes, os sapos, tudo cria alma e personalidade, numa successão de quadros risonhos a que a graça "enjouée" (perdoem-nos o francês) do estylo inimital dá uma grande belleza poetica.

"Era uma vez" um príncipe encantado... O príncipe é um peixinho. O reino fica atrás das pedras do riacho. O palacio é uma maravilha, como maravilhas sfio todas as coisas, desde os vestidos feitos de ceu e recamados *fi*e astros até os menores utensilios, minuciosamente descriptos á maneira de Perrault. Ha festas, bailes, deliciosas visões desse mundo irisado em que os pontos refulgentes das asas de uma borboleta s? convertem em soes e os raios de luz em ramilhetes de flores. Através, porém, dessa barafunda prodigiosa — criação divina de uma imaginação de sete annos, regida ás occultas em sua adoravel desordem pelo senso critico de um grande artista — transparecem mil figuras humanas, com suas qualidades e defeitos. Aqui, alú, irrompe, como consequência fatal dos acontecimentos e dos caracteres, a lição do moralista sempre vigilante, mas tão profundamente identificado com e9se fantasiar tumultuoso e colorido, que se insinua sem ser sentido — única maneira

de deixar vestigios indeleveis na alma das crianças.

Vimos uma critica, aliás de um escriptor que nos merece a maior admiração pelo seu apurado gosto e grande cultura, onde, de permeio com os maia francos elogios, ha o reparo de que l,0-bato nesse livro cuidou quasi que exclusivamente de tornar a leitura interessante para as crianças, descuidando a parte educativa que devem ter semelhantes obras. Discordamos radicalmente desse modo de ver. Porque, deuses bemditos! seria difficil encontrar-se na literatura infantil trabalho em que as lições moraes fossem dosadas com mais arte e sagacidade.

Em geral a criança não percebe a moralidade dos contos, muito menos quando esta toma a forma enfadonha de uma advertência ou conselho. Acham os pequenos leitores que o lobo faz mal em devorar o cordeiro, ou coMocam-se, como quer Rousseau (aliás em contradicção com as suas próprias theorias acerca da bondade innata da natureza) na posição do mais forte? Nem uma coisa nem outra. A seena parece-lhes divertida, ou, quando muito, triste. E não vão além, a menos que o educador, sem os atormentar com sermões estafantes, antes com arte, isto é, mais por meio de suggestões e insinuações hábeis, imaginosas de medo a despertarem real interesse, lhes deitem no espirito as sementes destinadas a brotar e florescer mais tarde. Taes germens de san moral, esse como pollen invisível, que ha de fecundar para o bem as almas infantis, Eobato o sabe espargir com inexcedível perspicacia através de suas narrativas maravilhosas. Porventura a bravura, a intrepidez, a magnanimidade e o espirito de justiça do príncipe encantado não são modelos de acção que se gravam mais no espirito das crianças do que se fossem objecto de uma estirada homelia? Aquella replica do gafanhoto ao grillo que insultava o escorpião ddepois de cego e preso: "Alto lá" gritou o capitão. E' prova de covardia bater nos inimigos que não podem defender-se" não é uma magnifica lição, tanto mais efficaz quanto apparece despretenciosamente como um episodio do conto? Além disso, o desenhar vivamente com aspectos risiveis certos personagens,



como a barata invejosa, habituada a desfazer nas qualidades de heroína, já é por si só um gracioso modo de nortear para a virtude e inspirar horror aos defeitos ridiularizados. Leia-se a passagem em que a menina pergunta à aranha: "Então aqui neste reino, um pilhando o outro de geito é zás, para o papo?" e esta responde com a descrição dos nossos açougues, pregando indirectamente a fraternidade de todos os seres vivos, em attitude que nos fe/ pensar no remontado ideal moral a que Alberto Scabra consagra as mais bellas paginas de seus commentarios aos "Versos Áureos de Pythagoras"... E dizer-se que o autor deixou de lado os fins educativos!

Não! "Narizinho Arrebitado", como as melhores historias maravilhosas, como "Pelle de Asno", esse ineffavel encanto, ou a "Bella e a Fera", verdadeira hora dê gênio da princeza de Beaumont, encerra sempre presente uma como corrente subterranea de suggestiva moralidade, levando á alma das crianças, segundo a bella phrase de Perrault, "o desejo de assemelhar-se aos que se tinham felizes e o temor das desgraças em que cahiram os maus por suas maldades".

O gosto do autor ao apologo e á satira revela-se a oada passo no desenrolar-se da acção. Veja-se esta passagem relembrativa da leve ironia dos "Pássaros", de Aristophanes: "Em seguida appareceu um papagaio real que tinha fama de orador. Subiu á tribuna de um poleiro de ouro e fez um bello discurso a respeito da arte de falar. Nêsse discurso provou que os homens tinham aprendido a falar com os papagaios, e não os papagaios com os homens, como diz a sciencia destes. Uma chuva de palmas acolheu suas palavras". E est'outra: "Narizinho rodopiava pela sala em gyros tão velozes que, mais parecia um pião vivo. O kagado vendo aquillo cochichou para o caranguejo: Se aquelle foguetinho te tirasse para dansar, que seria de ti, compadre? Respondeu o caranguejo: Talvez me sahí9se melhor do que um cascudo da tua marca! E cada um riu-se lá por dentro da figura que faria o outro, porque no reino dos animaes, bem como entre os homens, ninguém se conhece".

Semelhante pendor, que já assim se mostrava tão accentuadamente em certas

paginas nesse primeiro livro escolar, manifestou-se em toda a sua exuberância em outra obra: "Fabulas", admiravel remodelação de antigos apologos e criação de novos, tudo posto num ambiente muito brasileiro, com os nosso animaes por actor e a nossa natureza por cenário.

Acerca desse esplendido e patriotico trabalho, falaremos no proximo artigo.

(O Estado de São Paulo).

AINDA PEDRO II, LIBERTADOR

Bem razão tive cu em não duvidar, de que Joaquim Nabuco se havia penitenciado dos conceitos severos que emituiu, no seu opusculo "O erro do Imperador" sobre o abolicionismo de Pedro II, e da injustiça que lhe fez, por accusal-o de indifferentismo pela escravidão, "com que se habituou, perdendo de visa o ideal de uma nação livre". Eu disse que elle se -tinha penitenciado no intimo. Não; elle se penitenciou de publico, em livro, monumento dos mais preciosos da nossa historia politica, que escreveu posteriormente, para contar a vida de estadista de seu illustre pae, o Senador Nabuco de Araujo.

Li-o, ha tempo, quando saiu. Não me lembrava mais de muitos dos muitos variados assumptos ali versados. Mas um amigo, Dr. Afrânio Peixoto, que leu o meu segundo artigo sobre Pedro II, Libertador, fez-me vêr, em encontro que teve commigo, que a penitencia de Joaquim Nabuco era um facto, de que elle, Afrânio Peixoto, dera prova numa de suas bellas conferencias sobre Castro Vives, quando delle se occupou, como poeta dos escravos, prova que achou na obra citada, vol. 2.º, cap. IV do livro quarto, n. V, sob a épigraphe "A questão da emancipação dos escravos".

A Junta Franceza da emancipação dirigiui, em 1866, ao Imperador, uma mensagem de votos ardentes pela extineção da escravidão no Brasil, que, entre outras assignaturas relevantes, trazia as do duque de Broglie, Guizot, Edouarde Laboulaye, principe de Broglie, Auguste Cochin, Montalembert, Henri Martin, E. de Pressensé, Wallon e Eug Jung. A resposta deu-a o governo, o ministério, assignada pelo conselheiro Martim Francisco,

ministro da Justiça, mas foi escripta pelo proprio imperador. Conta Joaquim Nabuco que, nos papeis de seu pae, encontrou a minuta por letra de Pedro II. Só depois de publicada em França foi conhecida no Brasil. Conclua assim: "A emancipação dos escravos, consequência necessaria á abolição do trafico, não é senão uma questão de fôrma e de opportuidade. Quando o permittirem as éircumstancias penosas em que se debate o paiz, o governo brasileiro considerará objecto de primeira importancia a realização do que o espirito do christianismo reclama, ha muito tempo, do mundo civilizado".

Ao trasladar essa resposta, na integra, ho proprio francez em que foi escripta, assignala Joaquim Nabuco seu effeito quando conhecida no lrasil, de tornaviagem. "O effeito, dizia elle, foi o de um raio, caindo do céu sem nuvens. Ninguém esperava tal pronunciamto. To-car assim na escravidão pareceu a muitos, na-perturbação do momento, uma especie de sacrilégio historico, de loucura dynastica, de suicidio nacional. Estava-se ido imbuído da perpetuidade da escravidão, que a duvida a respeito de sua duração equivalia para todos os interesses sociaes á antecipação de um novo Anno Mil".

Transcriptas em nota á sua conferencia essas palavras, o dr. Afrânio Peixoto, alludindo, como é fácil de presumir, aos ataques ao Imperador, depois da queda do ministério Dantas, escreveu que "Joaquim Nabuco, com outros liberaes e abolicionistas, foram, no calor e na impaciência da propaganda, duros com a indifferença ou a inércia imperial á sorte dos captivos: queriam que o tão decantado poder pessoal se manifestasse a esse proposito. D. Pedro II era rei constitucional- que apenas reinava, governando com os representantes do Brasil: por que hávemos de attribuir a estes os bons actos, e os máos ao imperante?" Depois de referir, como foi narrado pelo barão de Cotejipe, que o Imperador, ao ouvir de um dos seus ministros que a questão da emancipação era semelhante á pedra que rolava da montanha, que poderia esmagar a todos, respondeu que não duvidaria expor-se á queda da pedra, ainda que fosse esmagado, concluiu com muita logi-

ca o dr. Afrânio Peixoto: "Diga-se

agoira que o Imperador não foi abolicionista". E accrescentou que o trecho de Joaquim Nabuco, que citára, sobre o effeito da resposta á mensagem franceza, era confissão da injustiça que elle infligira ao Imperador.

Emquanto os abolicionistas e simples emancipadores (eram poucos naquelle tempo) exultaram com a resposta aos anti-escravistas francezes, surgiam de todos os lados ataques ao Imperador, attribuindo-se-lhe, sem soffrer contestação, a sua autoria e responsabilidade, máo grado a ficção da responsabilidade ministerial. E, para avaliar, lembra muito bem o dr. Evaristo de Moraes, no seu consciencioso trabalho sobre a elaboração da lei do ventre livre, como naquella época se entendia o respeito á pessoa inviolável, e sagrada do Imperador, basta attender ao que disse, no Senado, da carta aos francezes o conselheiro Furtado (grande chefe liberal, e dos puros, dos genuínos): "Esta carta fora um simples acto de fanfarrice ou de vaidade á cata de louvores, se não trouxesse perigos ou desar ao Estado, no caso de cumprida a promessa".

O marquez de Olinda, que era o chefe do gabinete, o presidente do conselho, quando chegou ás mãos do Imperador a mensagem franceza, depois, no seu voto como Conselheiro de Estado sobre os projectos de Pimenta Bueno, que serviram de base á lei Rio Branco, da liberdade dos nascituros, assim se exprimiu, evidentemente com relação áquelle documento: "Os publicistas e homens de Estado da Europa não concebem a situação dos paizes que têm escravos. Para cá não gervem suas idéas."

Convém notar que, na mesma reunião do Conselho de Estado, Paranhos, visconde do Rio Branco, que quatro annos depois se cobriu de gloria comq presidente do ministério que arrancou das Camaras, até pouoo tempo tão adversas a qualquer reforma do elemento servil, esfia campanha para sempre memorável, das que mais illustraram o parlameito brasileiro, a lei de 28 de setembro de 1871, não se pronunciou favoravelmente ás idéas de Pimenta Bueno. A simples emancipação do ventre figurava-se-lha uma medida rodeada de contingências graves. Respondeu ao quesito da oppor-



tunidade, e aos que, na melhor das hypotheses, entendia não ser conveniente e sensato agitar o paz com tão grave problema, durante a guerra, que "não bastava esperar que ella cessasse, mas era preciso dar algum tempo ao governo, á população, ao commercio e á agricultura, para sairem das apertadas circumstancias em que a guerra e a crise financeira tinham a todos collocado". Deste modo, mostrou-se /Paranhos muito acautelado, prudente, e essa sua attitude mereceu de Joaquim Nabuco, muitos annos depois, os epithetos de fluetuante e indecisa.

Contrastam sa apprehensões, as duvidas, as vacillações, que não passavam de opposições disfarçadas de alguns conselheiros de Estado, e a opposição formal de outros, com a firmeza, a perseverança do Imperador, seu desejo vehemente de apressar a extincção do captiveiro. A proposito, disse Joaquim Nabuco: "Tudo isso no momento desagradava ao Imperador, que, sabendo que a idéa era sua, e suppondo que todos o sabiam, tomava para si cada censura de precipitação, cada conselho de prudência, cada allusão á pressão do estrangeiro, ou a influencias exercidas sobre o ministério".

Foi com a resposta aos abolicionistas francezes que começaram as objurgatorias ao Imperador pelo seu abolicionismo. Reerudesceram quando, na Fala do Throno de 1867, o assumpto foi recommendado á Assembléa Geral Legislativa. L'iam-se os discursos parlamentares de occasião para ver-se que, na critica ao Imperador, nas explosões contra a idéa emancipadora, não havia differença entre liberaes e conservadores. Os que se tinham em conta de mais adeantados, de grandes liberaes, não eram menos ardorosos nas hostilidades que os retrogrados, resistentes a todos os reformas. Os emancipadores o eram por política, para guardar a situação, e evitar que ella fosse cair nas mãos dos adversarios. Verdade é. digamos para honra nossa, que não havia, como houve nos Estdos Unidos, quem defendesse a escravidão como uma coisa legitima, na larga expressão do termo, ou como instituição natural, benefica e até providencial. Invocavam nossos escravocratas razões economicas, e perigos para a ordem nacional. Mas, o Imperador, sempre firme na sua idéa

justa e generosa pela qual se bateu até a ver realizada e o Brasil livre da mancha que o envergonhava perante o mundo civilizado.

Elucidando, ainda na obra "Um estadista do Império", a origem, a procedência, a inspiração dos projectos de Pimenta Bueno, também Joaquim Nabuco se enunciou de maneira que apaga tudo que de menos justo para Pedro II disse no "O erro do Imperador". Começou por affirmar que, "segundo todas as probabilidades?, a tarefa de Pimenta Bueno lhe foi incumbida pelo Imperador. Pimenta Bueno é o redactor imperial". Adepnte, ponderou "não ser verosímil que a inspiração partisse de Pimenta Bueno: que se dava a coincidência, a conformidade, o Isochronismo mental, entre os dois, que as mesmas idéas, necessidades, preoccupações os domina a um tempo, é facto posto fóra de duvida pelo privilegio que têm os projectos de Pimenta Bueno de supplantarem os programmas e projectos ministeriaes, e de interessarem, como se fossem proprios, ao Imperador". Proseguindo, disse: "Pimenta Bueno não é um automato, um instrumento, mas também o Imperador não o é, e dos dois, o que exerce influencia, acção, sobre o outro, é o Imperador. Depois, ha que ver a tradição e os motivos dos dois homens; de Pimenta Bueno, nenhum impulso abolicionista; do Imperador ha a sua constante attitude, quando não fosse senão de reserva".

No livro de Mossé, "D. Pedro II", livro inspirado pelo barão do Rio Branco e que muitos dizem escripto por elle, gabado pelos competentes pela sua imparcialidade e exactidão na exposição de factos da vida nacional durante quasi todo o segundo império, vem assim narrado o modo como foram tratados, pelo ministério Olinda, os projectos de Pimenta Bueno: "O Imperador tinha dito que era preciso preparar a reforma com urgência. Assim, acolhia elle, pressurosamente, os projectos para a emancipação gradual dos escravos, que lhe apresentava, em 23 de janeiro de 1866, o conselheiro Pimenta Bueno, feito mais tarde marquez de S. Vicente. O Imperador recebia com tanto mais prazer o grande projecto de Pimenta Bueno, quanto esse projecto respondia ás suas proprias idéas, sobre a iue,



aliás, elle já tñha conversado com alguns estadistas brasileiros, especialmente o proprio Pimenta Bueno". De Joaquim Nabuco, quando transcreve no "Um Estadista do Império" esse trecho de Mosé, é a seguinte conclusão: "O barão do Rio Branco confirma assim a noticia acima emittida de que não foi o Imperador que foi despertado ou movido por Pimenta Bueno". No mesmo logar, conta Joaquim Nabuco que Saraiva, ministro com Olinda, dá testemunho de que este, opposto a qualquer reforma, disse ao Imperador, ao receber de suas mãos os projectos elaborados por Pimenta Bueno, que "em certas matérias não admitia que se lhe tocasse". Para Olinda, antigo regente, sem duvida o primeiro vulto na politica do Império, "uma só palavra como elle disse depois no Conselho de Estado, que deixasse perceber a idéa da emancipação, por mais adornada que fosse, abria a *orta a milhares 'e desgraças".

A vista de tudo que expuzemos, recorrendo a palavras e assertos do proprio Joaquim Nabuco, não é licito duvidar de que o admiravel campeão do abolicionismo, s? vivo fosse, estaria commigo, quando proclamo Pedro II nosso grande libertador. "Elle imprimiu o primeiro passo, disse Joaquim Nabuco, ijue nunca mais ha de parar". Não ficou ahí, o Imperador. Sem falar na sua acção contra o trafico, vimos o que se passou com os ministérios posteriores ao do marquez de Olinda, como o de Zacarias (resposta á mensagem franceza, Falas do Throno de 1867 e 1868), com o de Itaborahy, cuja resistencia á idéa do Imperador acabou dando com elle por terra, com o de S-Vicente, organizado para levar a effeito a reforma, com o de Rio Branco, que veiu realizal-a, para o que se não julgou bastante forte o proprio S. Vicente, com o ministério Dantas, a quem deu a dissolução da Camara dos Deputados, que se oppuzera ao seu projecto, e sustentou quanto pôde e lhe permittiam seus deveres de soberano constitucional. Actos isolados attestam a sua sabedoria liberal 'o sentimentos humanitários. A historia, reafirmamos, ha de glorificar Pedro II como nosso primeiro e grande libertador.

Glh VIDAI*.

(Correio da Manhã).

DIPLOMACIA INTEUyECTUAI,

Quando ultimamente esteve no Rio de Janeiro o Sr. Georges Dumas, professor da Universidade de Paris, velho e dedicado amigo do Brasil, ao qual tem vindo seis vezes e. nalgumas delias, acompanhado de sua digna fmailia, reuniram-se, sob a presidência do director da Faculdade de Direito do Rio e Janeiro, alguns intellectuaes, homens de letras e professoras brasileiros, que, depois de ouvirem uma exposição do illustre visitante sobre institutos francezes, fundados pela França no estrangeiro, exprimiram o seguinte voto:

"Que o Governo Francez organí7e no Rio, com o concurso da Universidade de Paris, um I-nsfeituro Francez de Alta Cultura literaria e scientifica, analogo aos institutos francezes de alta cultura que funcionam em Londres, Madrid, Constantinopla, Buenos Ayres, Praga, Fio-rença, Nápoles, etc.

Estão persuadidos que um instituto francez de alta cultura pôde considerarse certo de successo duradouro e c< nsideravel em paiz amigo da França, onde a lingua franceza é a mais diffundida das ilinguas estrangeiras e em que o gosto (pela cultu a intellectual — e em especial pela cultura franceza — é tão» antigo como generalisado.

Animarão o Instituto Francez do Rio de Janeiro com toda a sua autoridade intellectual e moral".

Pouco depois, recebeu o referido director amavel telegramma do reitor da Universidade de Paris, o eminente sábio •Sr. Appel, agradecendo o apoio prestado ao projecto da criação do *Instituto Franco Brasileiro de Alta Cultura* junto á Universidade do Rio de Janeiro; communicando que o Governo da França estava disposto a conceder uma subvenção de 100.00Ç francos ao estabelecimento, e manifestando. rego/ijo pela formação de novos laços entre as duas Universidades.

A 21 de Outubro ultimb, o preclaro embaixador da Republica Franceza, também emerito homem de letras Sr. Alexandre Conty, officiou ao mencionado director participando que, de facto, o Governo da França, desejo de patentear seu apoio ao projectado instituto, decidira subvencoinal-o, com 100.000 francos.



Confirmara-se assim officialmente o compromisso que o Sr. Georges Dumas deixara prever, quando aqui tratou do assumpto.

Igualmente o Sr. Embaixador Conty exprimira vivo jubilo pela resolução do tseu Governo, a qual contribuirá para cooperação intellectual fecunda em excellentes resultados para ambos os paizes.

A ideia do *Instituto Frances da Alta Cultura* funcionando nesta cidade, á si-
<milhança do que succede em muitas capitães do Velho e do Novo Mundo, despertou grande sympathia e applauso.

Approvaram-n'a e a ella adheriram as Congregações de varias Escolas.

Apoial-a-ha, também, sem duvida o Conselho Universitário.

No Congresso Nacional os deputados professores Dr. Nabuco de Gouveia e Austregésilo apresentaram um projecto, autorizando o Governo a coadjuval-a e, como cumprimento do dever de reciprocidade, a promover a criação, na Universidade de Paris, a exemplo de outras nações, de cadeiras de assumptos brasileiros.

Confiamos no critério e no patriotismo dos Srs. Congressistas; esperamos que o projecto se converta, sem tardança, em lei.

Por outro lado, o Dr. Alfredo Palacios, decano da Faculdade de Sciencias Juridicas e Sociaes de La Plata, — o Dr. Alfredo Palacios que tamanha impressão produziu em nossos intellectuaes, por ocasião da sua estada, infelizmente, muito curta, nesta cidade, communicou, em gentilissimo officio á nossa Faculdade de Direito que a de La Plata começara a •editar uma Revista, da qual enviou alguns números, com o intuito de reflectir o movimento intellectual daquella Escola, e, ao mesmo tempo, com o de servir de órgão de vinculação e intercambio entre bs congeneres.

E para que esta ultima funeção resulte efficiente, convidou os intellectuaes do Centro Universitário Brasileiro a collaborarem no periodico argentino, o que de «nte-mão agradeceu.

Dias depois, novo officio do Dr. Alfredo Palacios noticiando que de accordo com a resolução do Conselho Superior da Universidade de La Plata, a 5 de Setembro ultimo, desejando-se tributar uma

homenagem á Republica do Brasil, por •motivo do centenário da sua independencia, a Faculdade de La Plata mandara collocar na sala de uma de suas aulas o retrato de Teixeira de Freitas e uma placa concernente ao mesmo, cuja memoria era assim também glorificada.

E' obvio que estas demonstrações de sympathia e apreço, por parte de altas intelligencias estrangeiras para com a mentalidade do Brasil, despertam neste reconhecida commoção.

Longe de ficar indifferente, procura a nossa patria corresponder ao cavalheiresco procedimento da França e da Argentina, com a habitual gentileza.

Consta-nos que breve se collocará n'uma das aulas da nossa Faculdade de Direito o retrato do Sr. Vellez Sôrofield, o notável jurisculto argentino, autor do Codigo Civil da sua patria e a quem, ermo elle proprio lealmente confessou, muito aproveitaram os trabalhos de Teixeira de Freitas.

Na "Folha", advogou o sr. Medeiros e Albuquerque, com a costumada lucidez e fina dialéctica, o plano de virem profe> ores de Universidades sul-americanas fazer periodicamente breves cursos na desta capital, e, reciprocamente, irem professores de nossa Univesidade realizar cursos semelhantes nos institutos congeneres da America do Sul.

Nenhuma difficuldade depara a prompta effectivação do projecto.

Despezas relativamente — insignificantes, — talvez só a das passagens, — dahi adviriam.

Mediante um convênio de faci obtenção tudo se regularia.

Quanto ás vantagens de ordem intellectual e moral decorrentes dessa troca de ideias, desse conhecimento mutuo, dessa interpenetração mental, são tão manifestas que excusa accentual-as e insis-
tir sobre o assumpto.

Haja um pouco de boa vontade e depressa se chegará ao almejado objectivo.

AFFONSO CELSO.

(*Jornal do Brasil*).

OLIVEIRA LIMA

O illustre escriptor Oliveira Lima, que ha longos annos promove no" exterior uma grande obra de cultura nacional, realisou



ha pouco, nos Estados Unidos, uma serie de conferencias sobre assumpto« brasileiros.

Os temas versados foram os seguintes:

- 1) "Problemas economicos e financeiros do Brasil";
- 2) "Politica externa do Brasil, especialmente em relação com os visinhos sul-americanos";
- 3) "Politica externa do Brasil, em relação com os Estados Unidos";
- 4) "Questões sociaes e raciaes no Brasil";
- 5) "Pan-americanismo como doutrina continental";
- 6) "O Brasil moderno sob os aspectos social, economico e politico".

A VOCAÇÃO DE EUCEYDES

As quotidianaB investigações ao archivo do general Sólon têm me facultado revelar varias cartas do genro, Euclyxles da Cunha, nas quaes, não raro, passam como um desabafo, incontido ao mal dissimulado desalento, referencias a sua carreira militar.

São, aqui, paralelos que desmerecem -o brilho do militar num confronto com as árduas horas da "sua" engenharia civil, e, ali, um entusiasmo, um engolpamento, um abandono aos estudos scientificos que distanciam cada vez mais da fria espada o ardente pensador nacional.

Na de hoje vemol-o indeciso, sinão perplexo, no momento em que, expirante o prazo da aggrcgção, deve volver á fileira.

O futuro "egresso da farda", como lhe chamou com Alberto Rangel, um de "nossos academicos jornalistas, tem na conjunctura vacillações e angustias que ão bem se espelham na carta presente e lança na mesma appello e chamamentos, em soccorro de sua afflicção irressluta, quasi como um collegial distanciado do conselho e carinho da maioridade paternal de um coração como o do general mais provado na dor e na luta.

Foi mesmo a esse grito pela assistência do camarada e do amigo, mais velho e mais provado na vida, que s? reportou na Academia, ao lhe fazer o elogio, o seu illústre successor.

Dando noticia do alludido transe o Sr. Afrânio Peixoto nol-o mostra em face da resposta do sogro, tenaz e irreductivel no "abandono da melhor profissão que existe no paiz" segundo lhe escreve e define esse ultimo.

Era de um militar assoberbado po' crises de toda ordem, geradas no bojo do antigo e novo regimen, de que fôra em dias demolidor e fundador essa opinião.

As vicissitudes que não arrancaram ao republicano o amor das instituições que erguera antes, no paiz, também não extinguiram no* peito do soldado a fé na sua bandeira e na sua carreira.

Era nesse duplo sacerdocio civico e funcional que a palavra invocada lhe acudia exhortando-o a permanecer na fileira. Tudo em vão.

Também se assim correspondia negativamente aos conselhos do sogro em Janeiro de 1895, já em 94, noutra missiva que examinei depois, foi de balde que, escrevendo-a disse fazel-o. *considerando a fronte immaculada do sen filhinho, que tem o vosso nome e é vosso neto — e para o qual almejo entre os maiores bens do futuro a suprema felicidade de poder sentir-se ufano ante a nossa memoria veneranda.* ..

Essas palavras que o destino devia dramaticamente inverter no futuro, eliminando-lhe na selva septentrional o filho querido, não demoveram o general de seguir para seu commando, no vasto oeste que, entretanto, é muito menos vasto e menos amplo que seu lar honestissimo, como observa Euclydes num transporte de revolta intima.

A bandeira perdeu a espada de um homem mas a patria ganhou a penna de um grande homem nas letras.

O antigo cadete, insistindo em deixar a farda que o estrangula no obedienci» arregimentada, vae yxsurgir transfigurado no escriptor que o "Estado de S. Paulo" manda em missão ao Brasil central sublevado para revelal-o, depois de arriscado mergulho em sua barbaria, aos olhos nús de paixões da posteridade e mesmo doi contemporâneos estudiosos e de boa vontade.

Assim o vimos, em uma das cartas aqui publicadas partir depois, para Canudos, onde vingaria, a um tempo, com a subraça humilde e heróica a tradição mili-

tar do sogro, malquistada na vil politica-queira de uma região delia lastrada na época, a ponto de superpôr, como se provará aqui, a victoria de uma facção pessoal do governador, á do governo da Nação e da sua própria bandeira.

El pois, da encruzilhada desse minuto de sua existencia, que o fluminense illustre escreve ao general, por aquelle momento na Bahia as seguintes linhas:

"Illustre amigo general Solon. (S. Paulo, 10 de janeiro de 1895) — Desejamos que esta o encontre assim como a todos de boa saúde e felizes. Nós vamos fiem, sobretudo os filhinhos, robustos, fortes como sempre. Eu é que me sinto extenuado, exausto mesmo de trabalhos, vou vivendo, porém, aguentando heroicamente a luta pela vida.

Já sei que o Sr. está bem ahi; esta gente do norte é boa e cavalheira — estimal-o-á; lia de deixar ahi muitos amigos — e entre elles o meu tio José, um bom typo de homem honesto e digno que lhe recommendo.

Ha dias estive com o Dr. Cerqueira Cesar que lhe manda muitas lembranças — é um bom velho este e parece ser seu amigo.

Não sei que resolução tomar ainda sobre a volta á carreira militar; o meu tempo de aggregação está a éxpirar e preciso tomar uma deliberação qualquer." Como sabe eu sou de uma irresolução vergonhosa até — se puder e quizer ajude-me um pouco com a sua solida experiencia de homem que já lutou muito. Aguardo nesse sentido a sua resposta. Uma das coisas que me impressionam é reverter e ficar addido ao quartel general, com vencimentos reduzidos e com fatnilia que somente eu sustento sem apoio algum estranho. As vezes penso em ir para ahi, como engenheiro civil, numa commissão mais ou menos estável, que me faculte reformar-me sem medo. Talvez o senhor pudesse conseguir isto com alguma influencia politica dahi. Mande-me dizer qualquer coisa a respeito. Aqui, comprehendo (e mesmo nada t:ntei ainda) que pouco ou nada conseguirei de uma politica enredadissima e listrada pelas raias rubras de um jacobinismo que me vê com máus olhos. Tenho com os homens da situação relações cortezes de

cumprimento e não me animo (e porque não dizer — não quero?) ir além.

Tenho trabalhado muito e lucrei muito como engenheiro nestes seis mezes de applicação — não dou por perdido portanto todo este tempo. Preoccupo-me, porém, muito pensando no futuro para o qual terei talvez aptidão para seguir mas certo não tenho *peito*.

Ora, a situação é justamente dos espartes, dahi o grande desanimo que me attinge.

Estarão ahi tão irrequietos como aqui os restauradores?

As vezes creio que a nossa Republica atravessa os peores dias. Esta reacção monarchica tem afinal a alliança das nossas desgraças politicas e tremo as vezes, imaginando um successo que por isso mesmo que é um absurdo pôde-se realizar na nossa terra.

Também será o que falta para completar a nossa desmoralização perante o mundo.

A peor posição será a nossa, a dos republicanos de todos os tempos... os outros adherirão pela segunda vez e continuarão a mesma vida commoda que hoje têm.

A Sanninha pede-lhe para retribuir as lembranças da familia do Sr. coronel Saturnino.

Mande-nos dizer que tal tem achado tudo isto por ahi; mas eseeve-me — não creio que o commando do districto absorva-lhe tedo o tempo. Os meus amigos vão ficando escassos — só falta agora que o meu velho amigo imite-os. Também a Sanninha ejuixa-se de falta de cartas... neste andar a nossa sociedade estará em breve reduzida aos dois filhinhos.

Esteve aqui o Ferraz e trouxe uns presentes que agradecemos. O coronel Noronha, um bom e digno amigo seu, manda muitas lembranças.

Recommenda-nos a todos. Ahi vae grande abraço e grandes saudações do genro e amigo obrmo. — *Euclides da Cunha*".

Vejamos, a seguir, a carta de 94.

MAURICIO DE EACERDA.

(O *Imparcial*).

AS CARICATURAS DO MEZ

OS FORASTEIROS



— Não temo nada de í a S. Christovo, Cypriana; a parada passa aqui mêmo. Tá ali o annuncio...

OSWALDO — (*D. Quixote*)

AINDA O CENTENARIO

O povo de Nova York felicitou ao desta capital.



— Ah! seu Fagundes, que satisfação! Que honra!

— No meio do povo que nos felicitou tá a Picfô, a Gloria Swánsu, Tom Misqui, Chico Boia I...

(OSWALDO—D. Quixote)

ARRÉÉÉÉEDA ! I I I ! !

O actor cinematographico William Hart, atacado de typho, quasi morreu.



O que haverá em Los Angeles se o famoso Bam-bam-bam cinematographico tcisma de se vingar do microbio atrevido...

(OSWALDO—D. Quixou)

A EXPOSIÇÃO E AS SUAS FACHADAS



— Gosto muito do barroco e admiro o colonial; mas o que me commoveu, de veras, foi o nacionalismo do pavilhão... de caldo de canna.

JEFFERSON — (D. Quixote)



Brizzolara (rivolto alia "Folha da Noite") : — Placati, crudele, col suo sangue !
VOLTO — (*Pasquino*)

UM FUTURO MINISTRO DA FAZENDA



—Quando *cliolas* quanto ganhas para ficar quieto?

— Uin *tutãozinho*.

—Eu não: só calo a bocca por um *tutão* dos grandes.

SANTIAGO - (D. *Quixote*)

JUSTO RECEIO



—Afinal, quando é que V. me pede a papae?

—Eu mesmo não sei, tenho medo . . .

—Medo porque?

—E' que eu lontein pedi-lhe cem mil reis emprestados e elle m'os negou,

MANOLO — (D. *Quixote*)

HOLMBERG, BECH & CIA.

IMPORTADORES

RUA LIBERO BADARO', 169

SÃO PAULO

RIO DE JANEIRO,

STOCKHOLM,

HAMBURG,

NEW YORK,

E LONDRES

**Papel, materiaes para
construcção, aço e
ferro, anilinas e
outros productos chimicos.**

Joallerie — Horlogerie — Bijouterie

MAISON D'IMPORTATION

BENTO LOEB

RUA 15 DE NOVEMBRO, 57 (en face de la Galerie)

Pierres Précieuses - Brillants - Perles - Orfèvreries - Argent -
Bronzes et Marbres d'Art - Sérvices en
Métal blanc inalterable.

MAISON A' PARIS

30 - RUE DROUT - 30

TRABALHOS TYPOGRAPHICOS

EXECUTA-SE QUALQUER ESPECIE DE TRABALHO TYPOGRAPHICO NAS EXCELLENTES E MODERNAS OFFICINAS QUE A S. A. E. OLEGARIO RIBEIRO ACABA DE INSTALLAR A' RUA DOS GUSMÕES 70, CONJUNCTAMENTE COM A EMPREZA MONTEIRO LOBATO & CIA.

REVISTA DOS TRIBUNAES

Publicação official dos trabalhos do Tribunal de Justiça de S. Paulo

Dirigida pelos advogados

Plinio Barreto e Christovam Prates da Fonseca

10 annos de publicidade !

Anno	40\$000
Semestre	20\$000
Numero avulso	3\$000

Redação: RUA DA BOA VISTA, 52
S. PAULO

Novidade Litteraria

O PALANQUIM DOURADO

romance de MARIO SETTE com illustrações
de Wash Rodrigues. — Edição do Centenario

Preço do volume em papel optimo, capa illustrada ... 5\$000

A' Venda na Revista do Brasil.



LOTERIA DE S. PAULO

Grande Loteria para o fim do Anno

Sexta Feira, 29 de Dezembro

200:000\$000

Inteiro 9\$000 Fracção \$900

Os bilhetes já estão á venda
em todas as casas lotericas



ACABA DE APPARECER

Esportistas !

Jogadores !

Torcedores!

Eis o livro ha tanto procurado

Regas e termos nacionalizados.

**O verdadeiro tratado do
Futebol Associação**

Monteiro Lobato & C.

Bdltoroti

PREÇO 2\$000

Pelo Correio mais \$500.

DIARETICOS

Vv^)) ® preciso combater a perda
^ - d e assucar. tonificar o or-
ganismo. regularizar as funcções dos orgãos internos
essenciaes a vida e restabelecer o appetite e a funcção
digestiva pelo uso da

GLYCOSURINA



heroico medicamento composto de
plantas indigenas brazilefras

PAU FERRO . SUCUPIRA

JAMELÃO E CAJUEIRO

Usa-se de 3 a 6 colheres
de chá por dia em agua

AS MACHINAS

L I D G E R W O O D

para Café, Mandioca, Assucar,
Arroz, Milho, Fubá

São as mais recommendaveis
para a lavoura, segundo experi-
encia de ha mais de 50 an-
nos no Brasil. : : : :

GRANDE STOCK de Caldeiras, Motores a
vapor, Rodas de agua, Turbinas e acces-
sorios para a lavoura.

**Correias - Óleos - Telhas de Zinco -
Ferro em barra - Canos de ferro gal-
vanisado e mais pertences.**

CLING SURFACE massa sem rival para con-
servação de correias.

IMPORTAÇÃO DIRECTA de quaesquer
machinas, canos de ferro batido galvanisa-
do para encanamentos de agua, etc.

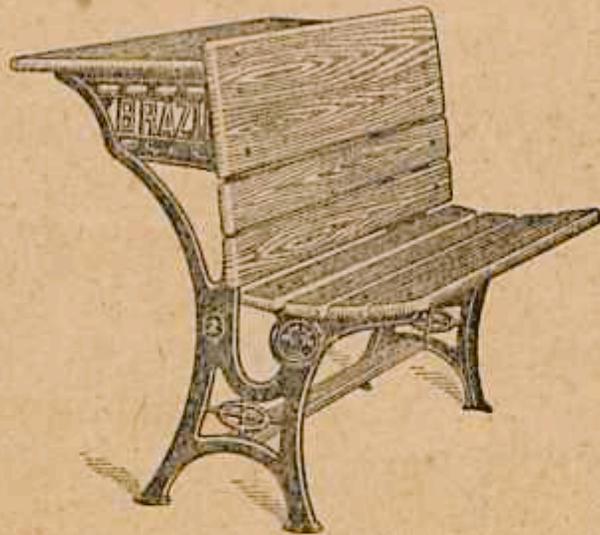
PARA INFORMAÇÕES, PREÇOS, ORÇAMENTOS, ETC.
DIRIGIR-SE A'

Rua São Bento, 29-c - S. PAULO

Off. Graphicas Monteiro Lobato & Co. - Rua Gusmões, 70 - S. Paulo.



I Moveis Escolares I



Différentes modelos de carteiras escolares para uma e duas pessoas: Mesas e cadeirinhas para Jardim de Infancia; Contador mechnico; Quadros negros e outros artigos escolares.

Peçam catalogos e informações minuciosas

**FABRICA DE MOVEIS ESCOLARES
"EDUARDO WALLER"**

DE

]• Gualberto de Oliveira

flua Antonia de Queiroz ti. 65 (Consolação] Cidade, 1216
SÃO PAULO